



***Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel**

1807- 2007

Editorial

Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel publicava a *Fenomenologia do espírito*. Como lembra, pertinentemente, o Prof. Dr. **José Henrique Santos**, ex-reitor da UFMG, “a palavra ‘fenomenologia’ quer dizer ‘ciência do fenômeno’, ou ciência de tudo o que se manifesta na consciência e serve para indicar o saber que o espírito adquire de si mesmo ao longo de uma série de experiências nas quais a consciência estuda sua própria formação”. E ele continua: “Ela se educa continuamente, e um dos méritos da *Fenomenologia do espírito* consiste em fazer com que essas experiências exemplares apareçam para nós, leitores, de maneira lógica e ordenada, para que possamos ver se nós também nos reconhecemos nelas”. Segundo o autor de *O trabalho do negativo: ensaios sobre a Fenomenologia do espírito*, recém-lançado pelas Edições Loyola, “a *Fenomenologia* de Hegel não podia ser mais oportuna do ponto de vista histórico: nela a história do Ocidente foi pensada até o ponto máximo da ruptura com o mundo antigo e o nascimento da modernidade na qual nos encontramos”. A obra é única, constata, por sua vez, o filósofo alemão

Walter Jaeschke, diretor do Hegel-Archiv, na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha, pois ela tem um “caráter completamente diferente das antigas obras filosóficas”.

Segundo ele, “a filosofia de Hegel é um dos últimos modelos de pensamento abrangente da grande tradição filosófica”. A *Fenomenologia do espírito* é mais atual e mais promissora do que nunca em termos de futuro, avalia **Pierre-Jean Labarrière**, do Centro Sèvres de Paris, pois permite “obter um esclarecimento das relações verdadeiras que unem o sujeito e o objeto (só para evocar esta problemática mais geral e profundamente essencial)”.

Eduardo Luft, professor de filosofia da PUC-RS, refletindo sobre a atualidade da obra de Hegel, evoca a “crise ecológica, o conflito extremo entre homem e natureza, que vivenciamos”.

Segundo ele, “é uma situação análoga, mas muito mais dura, ao conflito entre subjetividades que está na gênese da dialética do senhor e do escravo, tão bem tratada na *Fenomenologia* hegeliana”. E o professor continua: “Mas não se trata agora apenas ou propriamente de

enfrentar o conflito entre subjetividades diversas, entre culturas antagonicas, mas de superar a tensão entre a civilização e o reino natural, um conflito que está nos colocando em uma situação extrema, potencialmente muito mais grave do que qualquer outra enfrentada pelo gênero humano”.

Já o Prof. Dr. **Carlos Roberto Velho Cirne Lima**, um dos maiores estudiosos e especialistas brasileiros de Hegel, professor do PPG em Filosofia da Unisinos, autor do recém-lançado *Depois de Hegel. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*, na instigante entrevista publicada nesta edição, faz duas críticas a Hegel: “Hegel nunca deu o devido valor e importância para a contingência ou, em outras palavras, a facticidade das coisas nesse mundo e, portanto, da história” e “o segundo grande erro de Hegel é mais um problema de terminologia combinado com certa ambigüidade”, ou seja, “quando ele fala em contradição, entenda-se contrariedade”.

Participam ainda desta edição o Prof. Dr. **Marcelo Fernandes de Aquino**, reitor da Unisinos, e **Paulo Gaspar de Meneses**, tradutor da *Fenomenologia do espírito* para a língua portuguesa.

Num momento em que “o estudo de Hegel no Brasil, assim como no cenário internacional, certamente sofreu um refluxo com o colapso do marxismo”, como constata **Eduardo Luft**, é com muita satisfação que a *IHU On-Line*

“rememora” esta *Fenomenologia do espírito* no seu segundo centenário.

De 13 a 31 de maio, realiza-se, em Aparecida do Norte, a **V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. A partir desta edição, além da página eletrônica do IHU, contribuiremos na reflexão e análise deste importante evento. Assim, entrevistamos, na presente edição, o Prof. Dr. **Paulo Suess**, professor em universidades da Alemanha e no mestrado e doutorado da Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo.

Nesta semana, quando celebramos o Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, o IHU promove mais um encontro de “**Conversas sobre o mundo do trabalho**”, no dia 2 de maio, e no dia 3, no **IHU Idéias**, a Profa. Dra. **Luciana Marques Vieira** falará sobre comércio internacional e as certificações relacionadas ao comércio ético.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | José Henrique Santos: Rememorando a Fenomenologia do espírito

PÁGINA 10 | Walter Jaeschke: O divino em todas partes do sistema

PÁGINA 20 | Pierre-Jean Labarrière: Fenomenologia do espírito, uma introdução à “modernidade”

PÁGINA 28 | Carlos Roberto Velho Cirne Lima: Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade

PÁGINA 36 | Eduardo Luft: A Fenomenologia mudou nosso modo de compreender o conhecimento

PÁGINA 45 | Marcelo Fernandes De Aquino: Liberdade, necessitarismo e ética em Hegel

PÁGINA 47 | Paulo Gaspar de Meneses: O desafio de traduzir Hegel para o português

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 50 | Paulo Suess: “Os pobres são contemporâneos de Aparecida”

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 56 | Destaques On-Line

PÁGINA 58 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 61 | Agenda de Semana

PÁGINA 62 | Luciana Marques Vieira e Tatiana Maia: Um debate sobre comércio ético e pequenos agricultores

PÁGINA 65 | Paulo Roberto Staudt Moreira: Quilombo, de Cacá Diegues, para entender o Brasil no cinema

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 68 | Marta da Silva

» IHU Repórter

PÁGINA 70 | Flávia Mädche

Bicentenário da *Fenomenologia do espírito*



Publicada em 1807 pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, a *Fenomenologia do espírito* (*Phänomenologie des Geistes*) é uma das obras mais importantes desse pensador, considerada por ele mesmo como

fundamental para a compreensão de seus escritos posteriores.

A *Fenomenologia* é a primeira publicação que abarca a concepção hegeliana da Filosofia como sistema. Nela, Hegel expõe o conceito de dialética, ao mesmo tempo em que trata do aparecimento do Espírito no mundo e o desenvolvimento da autoconsciência individual. A apresentação do sistema, porém, só é mais bem elaborada posteriormente, na *Ciência da Lógica*, obra publicada em dois volumes em 1812 e 1816. Nesta obra, Hegel rompe com dualismos e fundamenta seu idealismo objetivo (ou absoluto).

A tradução da *Fenomenologia* para o português foi realizada pelo Prof. Dr. Paulo Gaspar de Meneses, SJ: *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992, 2 vols.

Hegel nasceu em Stuttgart, Alemanha. Amigo de Friedrich Schelling, foi influenciado pela leitura de Spinoza, Kant e Rousseau, entre outros. Considerado como o ápice do movimento idealista alemão, estudou no seminário de Tübingen com o poeta Friedrich Hölderlin e Schelling. Iniciou sua carreira universitária na Universidade de Jena, onde lecionou em 1801 a 1806. Após a vitória de Napoleão, Hegel abandonou Jena e se tornou reitor da escola de latim em Nuremberg. Em 1816 ocupou uma cátedra em Heidelberg. Sucedeu Fichte como professor de filosofia em Berlim em 1818, posto que ocupou até sua morte.

Rememorando a Fenomenologia do Espírito

POR JOSÉ HENRIQUE SANTOS

A seguir, publicamos o artigo de autoria do Prof. Dr. José Henrique Santos, enviado especialmente à IHU On-Line. Nele, o filósofo celebra a obra Fenomenologia do espírito, escrita por Georg Wilhelm Friedrich Hegel há duzentos anos. Segundo José Henrique, a Fenomenologia “influenciou toda a filosofia até o presente, como se o espírito que ele descreve continuasse a nos visitar”. E continua: “A riqueza da obra reside, justamente, na confluência desses saberes que se sustentam uns aos outros, e, antes de tudo, na relação necessária entre o saber das coisas e o saber de si. Não posso saber nada a respeito do mundo sem ao mesmo tempo me conhecer”. Os subtítulos são da IHU On-Line.

José Henrique é graduado e doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). cursou pós-doutorado na Universidade de Tübingen, Alemanha. Ex-professor titular do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e ex-reitor da UFMG, escreveu inúmeros capítulos de livros e artigos para periódicos, bem como as obras Do empirismo à fenomenologia: a crítica antipsicologista de Husserl e a idéia da lógica pura (Livraria Cruz Braga: Portugal, 1973) e Trabalho e riqueza na Fenomenologia do espírito de Hegel (São Paulo: Loyola, 1993). Acaba de publicar O trabalho do negativo: ensaios sobre a Fenomenologia do Espírito (São Paulo: Loyola, 2007). É membro da Academia Mineira de Letras.

“Rememorar” é uma palavra-chave desse livro que está completando duzentos anos e que desde então influenciou toda a filosofia até o presente, como se o espírito que ele descreve continuasse a nos visitar. Na língua alemã, o verbo *erinnern* significa duas coisas ao mesmo tempo, o “adentrar” em si do espírito e o “relembrar” que ele realiza, estando consigo dentro de si. A deusa inspiradora da memória era chamada pelos gregos de Mnemosine¹. Ela parece conduzir com mão

¹ Mnemosine: a quem os gregos costumavam chamar “a rainha da Eleutéria” era uma das titânides filhas de Úrano e Gaia e a deusa da Memória. Para os gregos, a idéia da memória só podia ser construída por meio da música e do canto, e por isso que na antiguidade, as histórias eram cantadas e não faladas nem escritas. Com a evolução tecnológica, os gregos sofisticaram o modo de guardar e proteger sua

segura essa viagem de descobrimento que o autor, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), chamou de Fenomenologia do espírito. A palavra “fenomenologia” quer dizer “ciência do fenômeno”, ou ciência de tudo o que se manifesta na consciência, e serve para indicar o saber que o espírito adquire de si mesmo ao longo de uma série de experiências nas quais a consciência estuda sua própria formação. Ela se educa continuamente, e um dos méritos do livro consiste em fazer com que essas experiências exemplares apareçam para nós, leitores, de maneira lógica e ordenada, para que possamos ver se nós

cultura. Assim, Mnemosine, que era A Antiga Musa, tornou-se mãe das Nove Musas, que eram deusas das artes. E foi por meio da arte que os gregos mantiveram sua cultura e ciência. (Nota da *IHU On-Line*)

também nos reconhecemos nelas. O capítulo final busca fixar o ponto de congruência entre o espírito individual do leitor e o que se chama “saber absoluto”, ou seja, a totalidade do que se pode apurar na sucessão das formas que o espírito assume. O adjetivo “absoluto” não significa que possamos saber tudo; quer dizer apenas, mais modestamente, que tudo o que sabemos faz parte de um sistema organizado, no qual a totalidade indica ao “saber que aparece” aqui ou ali, ao sabor dos acontecimentos históricos, o lugar que lhe pertence na configuração do conhecimento humano. Este conhecimento diz respeito à natureza e ao próprio espírito que, juntos, mas desdobrados nas diversas ciências, contêm todo o universo do que se pode conhecer. A ação humana, por sua vez, encontra no saber absoluto o fundamento que a justifica.

Confluência de saberes

A riqueza da obra reside, justamente, na confluência desses saberes que se sustentam uns aos outros, e, antes de tudo, na relação necessária entre o saber das coisas e o saber de si. Não posso saber nada a respeito do mundo sem ao mesmo tempo me conhecer. Enquanto conheço o mundo, vou tecendo, pouco a pouco, um conhecimento de mim e do que sou; o conhecimento refletido em minha consciência é sempre um momento da formação do espírito que nunca aparece acabado, sem custar a paciência de descobrir e adquirir. Nada existe pronto, nem na natureza nem no espírito; tudo é processo, movimento que surge para logo desaparecer, numa gênese perpétua que nunca termina. Podemos comparar o espírito humano a uma composição musical (às vezes bem dissonante), onde o som que vibra neste momento logo se esvai, para o próximo som aparecer em seu lugar, e assim sucessivamente. O intérprete executa a peça, convoca-a à existência de instantes sucessivos, mas o ato de reproduzir a frase musical tem também o dom de “fazê-la desaparecer”, de modo que é preciso repetir a execução muitas vezes, para evitar o esquecimento

completo. Do mesmo modo, não convém ao espírito permanecer inativo e deixar de querer realizar sua vontade sempre renovada, sob pena de perder-se no esquecimento de si. O espírito não conhece limite, sempre quer tudo, mas é preciso aprender a escolher, dentre as contingências que se oferecem, aquelas que conduzam a algo essencial e tragam a promessa de uma necessidade da qual ele não pode abrir mão. A necessidade principal do espírito é conhecer-se a si mesmo e tornar-se transparente para si. Ao iniciar esse processo de conhecimento, ele se dá conta, porém, do desejo de perdurar que o saber suscita, e, deste modo, acaba por descobrir a pulsão infinita que o impele para a eternidade. A pulsão age como um negativo, sempre a reivindicar o que lhe falta. Como o Mefistófeles¹ (o diabo) do Fausto de Goethe, o “poder do negativo” sempre diz não ao repouso dos muito tranquilos, e funciona como um agulhão que retira o espírito humano da indolência, prometendo-lhe o infinito (ou a vida de uma eterna juventude, como no Fausto). De qualquer forma, o mundo é muito pouco para o espírito. Ele quer sempre mais, quer encontrar o espírito infinito de Deus e com ele reconciliar-se, como se o homem expulso do paraíso pudesse recuperar um dia o que perdeu por causa de uma tentação momentânea. A tentação, recordemos, era trocar a inocência primitiva pelo conhecimento do bem e do mal, proporcionado pela árvore da ciência. Mito à parte, a árvore da ciência frutificou em saberes os mais diversos, mas o conhecimento do que o homem é, em seu mistério espiritual, sempre permaneceu num estádio infantil, incapaz de se comparar com o conhecimento científico da natureza.

¹ Mefistófeles: é o personagem do livro de Goethe e tem origem na literatura da Idade Média. Ele representa aquele que odeia a luz, Mefistófeles é o acompanhante de Fausto quando este vende sua alma e perde o contato com a espiritualidade. Em resumo nos mostra os diversos nuances da personalidade humana, seus conflitos etc. (Nota da *IHU On-Line*)

Carência de si mesmo

Sem deixar de reconhecer a importância das ciências naturais, Hegel quer remediar a carência que o homem tem de si mesmo. Para isso, nada melhor do que seguir a formação do espírito, desde as formas mais elementares da percepção sensível até a forma mais elaborada que o conceito proporciona. Essa gênese espiritual, em seu completo desenvolvimento, é o que ele chama de “fenomenologia do espírito”, isto é, a descrição completa das figuras de consciência nas quais o espírito se manifesta como aquele que, pouco a pouco, aprende a se conhecer. A gênese do espírito é, ao mesmo tempo, lógica e histórica. Isto quer dizer que a necessidade lógica está presente em toda a parte, funcionando dentre alternativas precisas e bem definidas para produzir o saber necessário, mas esse saber, por mais lógico que seja, nunca deixa de depender de circunstâncias contingentes, que o acaso histórico faz surgir aqui e ali. Mas, ao mesmo tempo, a história jamais deixa de ter um sentido, porque aquilo que parecia ser apenas fruto do acaso acaba por revestir a forma lógica que se chama “conceito”. O acaso sempre se transforma em necessidade. Aquilo que aconteceu, acontecido ficou. Não pode ser desfeito e recai sobre nós com a força de um fato consumado. É o que Hegel chama de “história pensada”. Tudo o que parecia separado conflui na direção dessa história, como os afluentes de um rio em direção à sua foz: o contingente (ou acaso), a liberdade (arbitrio organizado) e o necessário (curso do mundo). Esses elementos se solicitam uns aos outros, e, apesar de opostos, tendem a formar uma “unidade de contrários”. Sua relação é chamada “dialética”, por causa de sua interdependência, já que nenhum deles pode existir sem estar em diálogo com os demais.

Fenomenologia, o pensamento de ruptura com o mundo antigo

O autor terminou de escrever o livro pouco depois da batalha de Iena¹ (14 de outubro de 1806), que pôs fim à idade média alemã, espécie de relíquia tardia do Sacro Império encravada no coração da Europa moderna. Redigiu o prefácio no fim, em fevereiro de 1807, à medida que o editor ia compondo o volume. Tendo dado o livro à publicidade só em começos de abril, Hegel fugiu da ocupação francesa em Iena, indo para Bamberg, mais ao sul. As vicissitudes da ocupação explicam a demora em ele mesmo anunciar a publicação, o que só ocorreu em outubro. A vitória das tropas napoleônicas assinalou um momento importante na história da Europa e, particularmente, da Alemanha. Essa batalha leva à sua extrema conclusão o processo revolucionário de 1789 (Revolução Francesa), e pode ser considerada o ponto de ruptura com a velha ordem, e o surgimento de um mundo novo, que mesmo a Restauração de 1814, após a derrota de Napoleão, não pôde impedir. A Europa entrou, definitivamente, na modernidade. (O que não evitou outras guerras: as duas guerras mundiais do século XX, por exemplo, foram motivadas pelo “ajuste histórico” da Alemanha em atraso, ansiosa por ingressar no cenário mundial.) Ora, a Fenomenologia de Hegel não podia ser mais oportuna do ponto de vista histórico: nela a história do Ocidente foi pensada até o ponto máximo da ruptura com o mundo antigo e o nascimento da modernidade na qual nos encontramos. Isto explica (mas só em parte), o interesse que o livro apresenta até hoje; o resto da explicação (mas que constitui o ponto principal) reside na originalidade e no vigor do pensamento, que asseguram ao texto o papel de “indexador matricial” das alternativas espirituais que se oferecem ao mundo herdado por nós.

¹ **Batalha de Iena:** aconteceu em 14 de outubro de 1806, onde se enfrentaram o exército francês de Napoleão contra as tropas prussianas comandadas por Frederico Guilherme III da Prússia. Esta batalha, junto com a Batalha de Auerstedt, significou a derrota da Prússia e sua saída das Guerras Napoleônicas até 1813. (Nota da *IHU On-Line*)

No anúncio escrito para apresentar a obra, Hegel destaca os seguintes tópicos: ela expõe o saber que está em movimento de se constituir, mas deixa de lado as explicações psicológicas da consciência, assim como as considerações mais gerais e abstratas. Empenha-se, em vez disso, em examinar as diversas formas que o espírito assume em seu caminho rumo à totalidade que ele aspira a ser. Segue as estações do caminho e detém-se, pacientemente, em cada uma delas. Tudo é feito sem perder de vista o fundamento real dos experimentos que o saber reclama. Deste modo, a “ciência da experiência da consciência” vai sendo pouco a pouco explicitada, até se tornar transparente para a consciência que a produz. Hegel se vale de várias “duplicidades” para realizar a tarefa, sendo a mais notável delas a repartição de sentido entre duas consciências distintas: a consciência original, que se esforça em explorar as alternativas lógicas à sua disposição, e a do leitor, que acompanha o esforço que ela despende. Surgem assim duas escrituras, estando a primeira empenhada em descrever os experimentos que a consciência primitiva realiza, de modo a facilitar nossa recordação, ao passo que a segunda é escrita para nós, leitores, que nos julgamos muito sabidos só porque ocupamos um lugar privilegiado, no fim do processo histórico. Nesse teatro fenomenológico, nós, como leitores, somos a platéia que pensa assistir à representação dos atores (as figuras da consciência primitiva), sem nos darmos conta de que assistíamos a nós mesmos a atuar no palco de um passado que se torna mais e mais presente, à medida que acompanhamos o percurso da consciência. Afinal, trata-se sempre de um mesmo espírito, no qual cada um de nós se descobre participante. (Hegel resume essa experiência fundadora do espírito humano na expressão “um eu que é nós”.) As estações principais dessa viagem espiritual são: consciência, autoconsciência, razão observante e razão atuante; depois, o espírito mesmo como espírito ético, o espírito educado (ou formado) e a consciência moral; e, finalmente, o espírito religioso em

suas diversas manifestações. O que parecia um caos no começo se organiza no fim, já sob a forma da ciência da consciência, deixando entrever que o espírito humano e o divino se encontram para celebrarem a perfeição final em que ambos se sabem unidos. Isso acontece no dogma da Encarnação dialeticamente interpretado: pois, em Cristo, as duas naturezas, a humana e a divina, a finita e a infinita, são postas na unidade da mesma pessoa, a qual, por isso, deve ser chamada de “mediação absoluta”. O último capítulo do livro, intitulado “O saber absoluto”, procura fazer a transcrição conceptual dessa última Verdade, de modo a conferir à forma da representação religiosa a definição rigorosa do conceito. A Religião dá o passo faltante na direção da Teologia especulativa.

O trabalho do negativo

O livro que ofereço à publicação pela editora Loyola recebeu o nome de *O trabalho do negativo: ensaios sobre a Fenomenologia do Espírito* (São Paulo: Loyola, 2007), e está sendo publicado para celebrar os duzentos anos dessa obra extraordinária. Homenagem modesta, mas que procura “rememorar” e manter vivo o espírito que presidiu a sua elaboração. O título *O trabalho do negativo* refere-se ao trabalho do espírito que sempre diz não às satisfações limitadas e às reconciliações prematuras. O espírito se caracteriza pelo poder de negar e dizer não, porque o sim a que ele espera chegar é o infinito, o Absoluto que o aguarda no fim dos tempos. O grande Sim que reconcilia supõe um calvário doloroso, que deve ser percorrido por inteiro, para que o espírito possa entrar na posse de sua verdade. A lógica do espírito é sempre dialética, pois supõe um diálogo ininterrupto da alma consigo mesma e com todas as outras, para fazer reverter no fim o que parecia impossível no começo: “negar as negações” que a assediavam, isto é, recusar toda satisfação limitada que não atenda à pulsão infinita do espírito no caminho de si

mesmo.

O trabalho a que o título alude se cumpre em três círculos dialéticos distintos: no primeiro deles, o Eu aparece como oposto ao mundo dos objetos inertes. Fecha esse círculo a dialética do “mundo invertido”, que utiliza a noção de “força” para expor o “jogo de forças” que governa o mundo natural. Essa teoria do mundo invertido é bem interessante. Hegel a utiliza para subverter a noção de um mundo estático e definitivo e mostrar que tudo, na natureza, sofre um processo contínuo de mudança, não apenas quantitativa, mas também qualitativa. O que parecia ser uma coisa, no início do processo, vira uma outra totalmente diferente, que é, no fundo, a completa inversão da primeira. No mundo em movimento, tudo reverte em seu contrário: na velhice, a juventude se torna o oposto do que era, sem deixar de ser um processo pertencente à mesma pessoa; no universo físico, o fenômeno se manifesta como reversão da causa no efeito; do mesmo modo, no mundo moral, a vingança é uma satisfação efêmera, que perverte a justiça e a transforma em injustiça. O ensaio “Força e entendimento. O mundo invertido” ocupa lugar central no livro, porque desenvolve o conceito de contradição, que é o fundamento da dialética hegeliana e de sua teoria do ser (ontologia), em confronto com a doutrina da coisa-em-si que Kant¹ havia desenvolvido na

¹ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (noumenon) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a

Crítica da razão pura. É também nesse capítulo que se cumpre a passagem da natureza para o espírito, o que ocorre quando a consciência começa a perceber que é preciso negar o evento natural da morte para entrar na “verdade da certeza de si mesma”, reconhecendo-se como consciência-de-si diante de outra consciência-de-si.

O segundo círculo da dialética opõe o Eu a outro Eu e procura mostrar o caminho que o espírito percorre para deixar de ser simplesmente um Eu e tornar-se um Nós. A dialética do Eu-Tu estuda o espírito comum que une (mas também separa) o senhor e o escravo (dialética da servidão), o verdadeiro e o falso (ensaio sobre o ceticismo), o homem, a mulher e a família (ensaio intitulado “O espírito saído da tragédia”: aqui se tenta compreender a origem da cisão que, no Ocidente, opõe o mundo masculino ao feminino). Fechando esse círculo, apresento a dialética histórica que explica a passagem da antiguidade e do feudalismo à idade moderna. Merece relevo, neste ensaio, a astúcia do monarca que inaugura o absolutismo no Estado moderno ao dizer “O Estado sou eu” (Luís XIV²), bem como a dialética da liberdade absoluta e do Terror, que funciona como conclusão da Revolução Francesa. Mas também se estudam a controvérsia entre a Ilustração e a fé religiosa, bem como a Reforma: esta última vem a propósito, porque os franceses fizeram uma Revolução sem terem feito uma Reforma; daí ao período jacobino do Terror foi apenas um passo, julga Hegel, mas não um passo em falso, porque a História é sempre verdadeira, por mais terríveis

metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

² Luís XIV de Bourbon (1638- 1715): conhecido como “Rei-Sol”, foi o maior monarca absolutista da França de 1643 à 1715. A ele é atribuída a famosa frase: “L’État c’est moi” (O Estado sou eu), apesar de grande parte dos historiadores achar que isso é apenas um mito. Construiu o luxuoso palácio de Versalhes, perto de Paris, onde faleceu. (Nota da *IHU On-Line*)

que os fatos possam ser. A análise de Hegel é notável sob muitos aspectos e serve de modelo, até hoje, para toda explicação dialética do mundo político e social.

Finalmente, no ensaio “A religião”, abordo o desenvolvimento da consciência religiosa, passando pelas religiões naturais, a religião da arte (os gregos) e o cristianismo. Esse capítulo religioso introduz, por fim, o último círculo, quando o Eu já se desenvolveu o bastante

para confrontar-se com o espírito infinito de Deus, o nec plus ultra. O que na religião ainda aparecia sob a forma imperfeita da representação surge agora sob a forma do conceito do saber completo do espírito sobre si mesmo, chamado “O saber absoluto”. Cumprida toda a rememoração da consciência, o Espírito, finalmente, entra de novo em si, após longa viagem, e pode, então, reconhecer sua infinidade.

O divino em todas as partes do sistema

ENTREVISTA COM WALTER JAESCHKE

“Pode-se dizer que no pensamento de Hegel o divino está presente em todas as partes do sistema”, salienta o filósofo alemão Walter Jaeschke, diretor do Hegel-Archiv, na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha, na entrevista exclusiva que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Ele acrescenta que “até a lógica é para ele o mesmo que a representação de Deus antes da criação do mundo, e a natureza também não é uma esfera que está totalmente isolada do divino. Se houvesse uma esfera totalmente isolada de Deus, o divino teria nesta esfera o seu limite, o que não pode ser”. Na opinião de Jaeschke, a força sintética do pensamento hegeliano pode ser notada de modo especial na Fenomenologia do espírito: “é uma obra única, com caráter completamente diferente das antigas obras filosóficas. A sua função sistemática é a introdução ao sistema de filosofia de Hegel”. Não se trata, contudo, de uma “introdução no sentido de ensinamento didático, e sim com uma justificativa científica”.

Graduado em Filosofia, Ciência da Religião e Sinologia pela Universidade Livre de Berlim, Jaeschke doutorou-se em Munique em 1976 com a tese Die Suche nach den eschatologischen Wurzeln der Geschichtsphilosophie. Eine historische Kritik der Säkularisierungsthese (A procura das raízes escatológicas da filosofia da história. Uma crítica histórica da tese de secularização). É colaborador da Academia das Ciências de Brandemburgo. Desde 1998, leciona Filosofia na Ruhr-Universität Bochum, dirige o Hegel-Archiv nessa mesma instituição e coordena a edição Hegel: coletânea de obras.

IHU On-Line - Qual acredita ser a maior contribuição e legado da filosofia hegeliana, e em específico, da Fenomenologia do espírito? Quais são as proposições mais importantes dessa obra?

Walter Jaeschke - A filosofia de Hegel é um dos últimos modelos de pensamento abrangente da grande tradição filosófica. Sua idéia, que, aliás, também é compartilhada pela filosofia daquela época e com Kant, de enquadrar o conhecimento filosófico em um sistema, traz como consequência, mesmo que hoje seja considerada predominantemente inadequada ou menosprezada, que da sua filosofia podem ser traçadas interligações independentes para as diversas disciplinas da filosofia atual: para a lógica, para a filosofia natural e, principalmente, para a filosofia do espírito. Algumas destas áreas, como a filosofia do direito, a filosofia da história, a estética, a filosofia da religião e a história da filosofia receberam em sua fase de formação, por volta de 1800, forte influência da forma obtida na obra de Hegel. Naquela época não era nem um pouco comum serem realizadas leituras sobre a filosofia da história, estética ou filosofia da religião. E a visão da história da filosofia, não meramente contada, e sim com abrangência filosófica, também está relacionada principalmente ao nome de Hegel. Com isso, o efeito da filosofia de Hegel se faz presente ainda hoje, exatamente onde não se percebe como tal, e também onde é formulada claramente uma oposição ao seu sistema. Atualmente, porém, estas disciplinas estão dissociadas: elas perderam a ligação com a base comum, que antigamente era a filosofia do espírito de Hegel. Hegel compreende a história, a arte, a religião e a filosofia como formas objetivas que se explicam na sua objetividade, na qual o espírito está direcionado ao autoconhecimento. Só assim as áreas paralelas formam uma única unidade.

Força sintética do pensamento hegeliano

Porém, não é somente o vasto leque de disciplinas filosóficas que podem ser mais facilmente compreendidas através da filosofia de Hegel: o mesmo vale para a história da filosofia. Do sistema de Hegel é possível acessar quase todos os filósofos que o antecederam: tanto Platão¹ como Aristóteles², Hobbes³ como Spinoza⁴, Descartes⁵ como Hume⁶ e, naturalmente,

¹ **Platão (427-347 a. C.)**: filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A república* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.)**: filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se os seguintes temas: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Thomas Hobbes (1588 - 1679)**: filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Baruch de Espinosa (1632-1677)**: filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou um *Tratado político (Tractatus theologico-politicus)*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera posthuma*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **René Descartes (1596-1650)**: filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **David Hume (1711-1776)**: filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do

Kant e seus colegas daquela época, Fichte¹ e Schelling². Resumidamente, o pensamento da tradição está focado no princípio de Hegel, não somente em suas leituras da história da filosofia, mas também no embasamento da sua filosofia, nos elementos específicos, transcendentais filosóficos e metafísicos que compõem o caráter da sua Ciência da lógica.

A impressionante força sintética do pensamento de Hegel pode ser observada de uma maneira especial já na sua Fenomenologia do espírito, a obra que apareceu há 200 anos e neste ano está sendo lembrada mundialmente. É uma obra única, com caráter completamente diferente das antigas obras filosóficas. A sua função sistemática é a introdução ao sistema de filosofia de Hegel. Desde os seus primeiros rascunhos de sistemas (do ano de 1801/1802), Hegel tinha a convicção de que o “pensamento especulativo” que ele desenvolvia

chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três *Críticas* de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos à nação alemã* são sua obra mais conhecida. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling** (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

na sua lógica e na filosofia da natureza e do espírito necessitava de uma introdução, primeiramente não uma introdução no sentido de ensinamento didático, e sim com uma justificativa científica. Ele possuía a convicção de que a “consciência natural” merecia que se abrisse o caminho para chegar a este conhecimento filosófico ou como formulou Hegel, em resposta a uma solicitação por parte do ceticismo da época: a consciência natural tem o direito de que se alcance a “escada” a ela, para que se possa subir ao conhecimento filosófico. Provavelmente, Hegel só tinha a intenção de mostrar isto através da experiência, o que a consciência natural individual fazia em seu pensamento, mas então, muito provavelmente no contexto da sua “leitura sobre a história da filosofia” no final de 1805 e início de 1806, teve a convicção de que a “consciência natural” não é meramente “natural” e sim muito mais “histórica” e que, portanto, uma introdução ao sistema de filosofia deve ter como base o longo percurso do desenvolvimento histórico do pensamento.

Com isto ele chegou à conclusão que todo o nosso conhecimento é transmitido historicamente: as expressões abstratas com que pensamos e falamos e os conceitos que utilizamos. Esta é uma compreensão que estava tão afastada do racionalismo dos séculos XVII e XVIII como do empirismo daquela época. Em outras palavras: devemos à Fenomenologia do espírito de Hegel o pensamento do aspecto histórico da razão, uma história de consciência, na qual o nosso mundo espiritual tem se desenvolvido até a forma que conhecemos hoje, passando pela fala, pelas nossas instituições até a religião, arte e ciência. Por isso, muitos vêem esta forma como a “única” e “natural”, mesmo que ao todo tenha sido transmitida historicamente. E Hegel entende este processo histórico de consciência não pela visão do historicismo posterior, como uma conclusão relativista, e sim como um desenvolvimento de todas as formas da vida espiritual, onde todas as formas estão baseadas e correlacionadas ao desenvolvimento da “subjetividade”.

IHU On-Line - Transpondo as idéias da Fenomenologia do espírito para nossos dias, como elas podem nos inspirar na busca de novos caminhos para o ser e o agir?

Walter Jaeschke - É justamente esta concepção genealógica do pensamento mencionada há pouco que é de grande importância para entender o caráter natural dos nossos dias, mesmo que, diferentemente de Hegel, nós gostemos de utilizar nos dias de hoje a “genealogia” para a desconstrução das concepções que tiveram seu aparecimento descrito. Aproximadamente um meio século após a morte de Hegel (1831), Nietzsche¹ escreveu a sua obra *Sobre a genealogia da moral*, que justamente nos dias de hoje desperta bastante interesse. Na *Fenomenologia* de Hegel estão incluídas, ao mesmo tempo, várias “genealogias”, inclusive uma “genealogia da moral”, do direito e do estado, da consciência e da ciência, da arte e da religião, obviamente apenas de modo subjetivo e não expresso, e também não com intenção destrutiva, e sim construtiva, para esclarecer como a percepção do mundo e de nós mesmos se desenvolveu historicamente durante um longo período. Considerando este tipo de genealogia, falamos ainda hoje de uma “evolução cultural”, e a Fenomenologia do espírito de Hegel poderia ser considerada uma primeira

¹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada Nietzsche e Paulo. A edição 15 do *Cadernos IHU Em Formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

forma deste tipo de “teoria da evolução cultural”, claro que não do período inicial da história da humanidade, mas para o desenvolvimento nas épocas, da antiguidade até a época de Hegel. A propósito, este aspecto foi o assunto central de um seminário que aconteceu no mês passado na Academia das Ciências de Berlim. E também nesta ocasião mostrou-se que os problemas abordados pela Fenomenologia não poderiam ter sido respondidos na época, pois com certeza os meios não eram suficientes, problemas estes que até hoje ainda não foram trabalhados de maneira adequada, mesmo que seja porque as suas respostas ultrapassem os limites hoje vigentes das disciplinas científicas. Onde haveria uma teoria complexa que pelo menos tematizasse o desenvolvimento da subjetividade com o desenvolvimento de instituições sociais, assim como também com a visão do mundo caracterizada pela razão e ao mesmo tempo pela arte e pela religião? Atualmente, existe a expressão “pensamento inventivo de problemas”, ou seja, um pensamento que “cria” problemas, tirando a existência da latência e trazendo-a para a consciência. A Fenomenologia de Hegel é um destes “pensamentos inventivos de problemas” em grande estilo, e não se pode dizer que pelo menos uma parte dos problemas descobertos e tematizados por ela tenha sido trabalhada até os dias de hoje, quanto menos resolvido.

***IHU On-Line* - As obras de Hegel costumeiramente são tidas como herméticas em função de sua linguagem. Nesse sentido, como o senhor entende a iniciativa do filósofo brasileiro Cirne Lima² em traduzir para a lógica formal a Ciência da lógica de Hegel?**

² Carlos Roberto Velho Cirne Lima: filósofo brasileiro, professor do PPG Filosofia da Unisinos e estudioso de Hegel. Confira nesta edição a entrevista concedida por Cirne-Lima a respeito do pensador alemão, intitulada *Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade*. (Nota da *IHU On-Line*)

Walter Jaeschke - Realmente, hoje a obra de Hegel é considerada pouco acessível. Isto, porém, não é assim uma característica específica da sua obra, e sim de várias obras da rica tradição filosófica. Nesta tradição é sempre necessário formar uma nova “linguagem” para apresentar cada problema tematizado. Isto é basicamente um fenômeno geral e típico, que hoje, com o grande espaço de tempo, temos a tendência de achar que este tipo de dificuldade de compreensão poderia ser evitado, e que a filosofia de Hegel (ou outra grande filosofia - eu cito, por exemplo, Spinoza, Leibniz¹ ou Kant) poderia ser entendida durante a leitura sem uma preparação adequada. Para se conhecer bem uma filosofia destas, é necessário não somente uma leitura intensa, mas também é preciso conhecer todo o meio que a cerca, pois os problemas que são tematizados nela, na sua própria linguagem, já foram desenvolvidos na história da filosofia e na linguagem filosófica. A conotação destes antigos contextos sistemáticos tem grande influência, como por exemplo, no discurso da “substância” ou do “sujeito”, citando somente dois exemplos. No que se refere à possibilidade de facilitar o acesso à Ciência da lógica de Hegel através de uma tradução do conteúdo pensante para a lógica formal, infelizmente devo informar que não possuo competência para isto. Este tipo de tentativa já existe há muito tempo. Eu penso, por exemplo, na obra de Gotthard Günther² há mais de meio século. Não achei que este tipo de tentativa de tradução tenha sido uma facilitação para o acesso, e sim mais uma dificuldade adicional,

¹ **Gottfried Wilhelm von Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Gotthard Günther** (1900-1984): filósofo alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

mesmo que teoricamente seja muito sofisticada. Porém, eu sei muito bem que o colega Cirne Lima, com o qual eu há alguns anos, infelizmente, só tive um breve contato, é um excelente conhecedor da filosofia hegeliana, e assim, pode ser que as dificuldades que eu tenho com este caminho de acesso sejam devido à minha incompetência pessoal na área da lógica formal. O meu acesso pessoal é entender a Ciência da lógica de Hegel a partir dos seus programas filosóficos que depois foram formulados para Kant e para Spinoza (apenas para citar os dois pontos históricos de referência mais importantes entre vários outros), e entender também o concreto desenvolvimento do pensamento com os termos criados nesta tradição: em princípio como uma explicação completa de todas as definições de pensamento na sua inter-relação sistemática. Mas, com certeza, um bom caminho é tentar interpretar a lógica de Hegel na perspectiva da lógica moderna, até para se trazer esta lógica moderna à tona.

***IHU On-Line* - Como o “dever-ser” de Hegel pode auxiliar o sujeito contemporâneo na busca e construção de sua autonomia?**

Walter Jaeschke - Hegel possui lá suas dificuldades com o “dever”. Ele gosta muito de criticar! É um dever vazio apresentado como uma exigência moral, exigência esta que não se sabe em que se baseia e que também deve ser vazia para manter a sua generalidade abstrata, tudo o que ele critica no “imperativo categórico” de Kant. Porém, em relação ao contexto do problema “sujeito - autonomia”, sua filosofia oferece uma contribuição abrangente, mesmo que esta contribuição talvez não seja tão aparente como o termo autonomia na ética de Kant.

Hegel é, sem dúvida, o pensador que desenvolveu abrangentemente o campo dos termos “sujeito, subjetividade, consciência” e fez deles um problema central da filosofia, após o discurso de Fichte sobre o “eu”. Aqui parece que Hegel não foi propriamente

original. Nós estamos acostumados a caracterizar a filosofia da idade moderna como uma “filosofia de subjetividade”, separando-a da filosofia antiga, o que em geral está certo. Porém, este ponto de vista comum de hoje desconsidera que esta imagem da filosofia do início da idade moderna só existe devido à interpretação de Hegel. Foi somente Hegel quem definiu o princípio do “ego cogito” de Descartes, do eu pensante como o pensamento central de Descartes e, ao mesmo tempo, como o início da filosofia moderna. Os termos “consciência” e “subjetividade” nem são encontrados em Descartes; foi Hegel quem mostrou que com a volta do pensamento de Descartes para o eu pensante, como fundamento de todos os conhecimentos, começava uma nova Era da história da filosofia. Para os antecessores de Hegel e seus colegas daquela época, Descartes não é um “filósofo da subjetividade” e sim, principalmente, aquele no qual se baseou o dualismo ontológico da substância pensadora e ampliada, de *res cogitans* e *res extensa*. Descartes também era considerado naquela época como aquele que desenvolveu a prova ontológica de Deus, a prova da existência de Deus a partir do termo do Ser perfeito. Esta interpretação de Descartes é predominante até Schelling, inclusive até a chamada “filosofia tardia” de Schelling, que é substituída pela interpretação de Hegel.

Com toda certeza, Hegel não teria tido condições de chegar a esta interpretação marcante da história da filosofia se o problema mostrado nela não fosse o problema central da sua própria filosofia. Naturalmente, Hegel não trata este problema da maneira como é tratado na filosofia transcendental de Kant, e também não na forma de uma “história da consciência”, que é explicado de maneiras diferentes por Fichte e Schelling, ou seja, como uma descrição da relação sistemática das “ações” internas do pensamento que constroem o Eu. Esta área de problema é até um pouco desprezada por ele. Talvez se olharmos para seus dois antecessores

mencionados e colegas daquela época possamos achar o motivo. Hegel tematiza o “sujeito” por uma outra perspectiva: como base de todo o mundo espiritual. O sujeito, ou a “liberdade” como ele disse uma vez, é para ele “o mais interior, do qual toda a construção do mundo espiritual ascende”. Hegel trouxe pela primeira vez isto à consciência geral, e este é um aspecto que também deveria ter uma importância fundamental para a compreensão do sujeito dos dias de hoje: tudo que pode ser encontrado no mundo espiritual é uma manifestação da subjetividade, partindo-se das primeiras formas desta manifestação na fala, passando pelo mundo do direito com as instituições que dele se originam, até a arte, a religião e a ciência. É claro que se pode contestar dizendo que isto é óbvio de qualquer maneira, mas isto nunca tinha sido abordado desta maneira e nem tornado-se consciente, pelo contrário: o sujeito justamente não era reconhecido como fundamento deste mundo espiritual. Isto pode ser visualizado na história do direito, citando apenas um exemplo: quanto tempo levou para que a “personalidade do direito” fosse reconhecida como princípio do direito e o direito reconhecido como uma contribuição da subjetividade e a sua co-relação como parte da subjetividade! Eu penso que esta reconsideração de Hegel sobre a história do sujeito e sua contribuição também fazem parte da sua “produção” e têm muita importância para a melhor autocompreensão do sujeito e, conseqüentemente, da sua autonomia, também em contraste com o discurso comum dos dias de hoje de parte da filosofia sobre “a morte do sujeito”.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios em se traduzir e organizar criticamente a obra de Hegel?

Walter Jaeschke - No que se refere à edição, a edição histórica crítica dos manuscritos e rascunhos de Hegel, a primeira parte da Coletânea das obras de Hegel está quase concluída. Com isso quase todos os manuscritos e publicações de Hegel estarão disponíveis, e neste ano

também será publicada a edição com as Linhas fundamentais da Filosofia do Direito de Hegel e vários anexos. Em aproximadamente dois anos será publicada a edição com os excertos de Hegel, principalmente da época de Heidelberg e de Berlim. Na maior parte dos casos, são excertos que Hegel fez durante a preparação de suas leituras; eles não são propriamente parte da sua filosofia, e sim provas da utilização das fontes. Infelizmente, temos que dizer que somente uma ínfima parte destes excertos e anotações foi repassada, a maior parte foi perdida ou mais provavelmente destruída pelos sucessores de Hegel, a fim de reduzir o abrangente legado. Um grande problema é que quase todos os manuscritos de leituras de Hegel têm que ser considerados como perdidos, exceto o seu manuscrito da leitura sobre filosofia da religião, assim como alguns fragmentos parcialmente mais detalhados sobre a filosofia da história do mundo e da história da filosofia. Já nos alunos de Hegel se perde o rastro destes manuscritos, que foram utilizados por eles para as edições das disciplinas correspondentes. É claro que não se pode excluir o fato de que algum destes manuscritos ainda apareça, mas é pouco provável.

A situação mais favorável é a das anotações das leituras feitas pelos alunos de Hegel. Aqui também foram perdidas várias anotações por estes alunos durante a publicação da primeira edição das disciplinas correspondentes, mas foram preservadas várias de grande importância, e no lugar das que foram perdidas foram colocadas novas, que antigamente eram desconhecidas. Estas anotações estão sendo editadas na segunda parte da Coletânea das obras: as leituras sobre lógica e metafísica, a filosofia da natureza, a filosofia do espírito subjetivo, a filosofia do direito, a estética e a filosofia da religião e a história da filosofia. Em princípio, aqui não há um problema: o problema é mais organizacional e financeiro, pois as mais de cem anotações repassadas precisam ser transcritas e os textos

têm que ser retrabalhados criticamente, e isto leva tempo. Mas aqui também a edição já está bem adiantada. Pelo final deste ano será publicada a primeira parte da edição Leituras sobre a filosofia do espírito subjetivo (GW 25/I).

A importância dos originais

Os problemas mais difíceis, ou seja, os de natureza primária, são os das traduções. É muito bom que sejam realizadas traduções em todo o mundo. Muitas vezes os tradutores já ficam à espera da conclusão das edições. Porém, por mais necessárias e nobres que sejam estas traduções, mesmo com toda a acribologia e dedicação, elas não podem substituir a leitura de um texto no idioma original. O que também não é diferente quando se trata de uma tradução de textos em latim do início da idade Moderna para o alemão ou para um outro idioma. Além disso, a linguagem de Hegel é tão marcada pela história da filosofia e por necessidades teóricas que os problemas já existentes são potencializados. Isto já começa com a tradução de uma palavra tão usada por Hegel e fundamental para a sua filosofia, a palavra “espírito”. Eu devo lembrar que o título Fenomenologia do espírito é traduzido para o inglês tanto como Phenomenology of spirit como também Phenomenology of mind, e o problema é que as duas traduções estão parcialmente corretas, mas não podem coexistir. Tenho certeza que em muitos outros idiomas há problemas semelhantes, porém não conheço estes idiomas tão a fundo para que possa falar sobre eles.

***IHU On-Line* - Podemos afirmar que Hegel tentou realizar uma síntese entre helenismo e cristianismo? Por quê?**

Walter Jaeschke - Uma “síntese entre helenismo e cristianismo”: pode-se descrever isto assim. Porém, precisamos levar em consideração que uma síntese deste tipo - ou, nas palavras do teólogo protestante Ernst

Troeltsch¹, do início do século XX, uma “síntese de cultura” deste tipo já existe há muito tempo. Ela já se mostra no fato de que o texto sagrado do cristianismo, o Novo Testamento, foi escrito em grego. O topo da helenização do cristianismo é conhecido, e a discussão não gira em torno da pergunta se existe uma helenização destas, e sim apenas em que formas ela acontece: lentamente e mantendo o conteúdo original religioso ou na forma “aguda”, e por isso provavelmente violando este conteúdo. A helenização é realizada no trabalho pensante dos Pais da Igreja. Ela acontece até nos teólogos da Alta Idade Média, cujos pensamentos recebiam primeiramente os ensinamentos platônicos e mais tarde os aristotélicos. E mesmo assim: Hegel foi provavelmente o único filósofo que, pela sua compreensão do espírito e seus interesses correlacionados à história, incorporou na sua obra, mais do que qualquer outro, esta síntese de cultura.

As duas tradições não são somente “adicionadas” externamente por Hegel; sua obra é marcada pelas duas grandes tradições, tanto pela grega como pela cristã, e de uma forma tão íntima que não faz sentido isolar novamente estas duas tradições unidas na sua obra, ou até mesmo querer colocar uma contra a outra. Como exemplo, talvez possa ser útil o conceito de espírito: ele não pode ser nem atribuído totalmente à tradição grega e nem à cristã, e o que mais se destaca no conceito de espírito vale também no seu sentido abrangente para todo o sistema de Hegel.

IHU On-Line - O espírito finito e o espírito infinito reconciliado: o homem tomando consciência de sua divindade e o divino tomando no homem consciência

¹ Ernst Troeltsch (1865-1923): teólogo alemão protestante, escritor de tratados de filosofia da religião e filosofia da história, além de influente figura no pensamento do seu país depois de 1914. Seu trabalho era uma síntese de um número de idéias desenhadas por Albrecht Ritschl, concepções de Max Weber sobre sociologia e dos neokantianos da Escola de Baden. (Nota da *IHU On-Line*)

de si mesmo, tal é o conteúdo que Hegel se esforça para conceitualizar. Como esse movimento perpassa o conceito de Absoluto hegeliano?

Walter Jaeschke - O conceito de espírito é para Hegel o conceito do Absoluto, e para ele é impossível pensar em Absoluto além do espírito. Para Hegel o “espírito” não é nem algo adicional à “natureza”, um tipo de “epifenômeno” da natureza, e nem algo que vai totalmente contra a natureza, como o que acontece em concepções dualistas. Hegel pensa a realidade como uma unidade diferenciada; já a base da natureza é para ele algo espiritual “em si”, são as definições lógicas, e para ele só por isso o reconhecimento da natureza é possível. Com isso, o “espírito” é a realidade que se baseia nas definições lógicas, que entende a natureza como o outro do espírito e que então se desenvolve livremente da natureza e se reconhece espírito. Esta concepção, em todas os seus diferentes tipos, é totalmente contrária ao dualismo, principalmente o cartesiano; mas também não é puramente “monística” no sentido de um monismo do espírito e uma compreensão da natureza no espírito. Ela procura manter uma correlação entre as esferas da natureza e do espírito, nas quais, porém, a natureza é considerada como “o outro” do espírito. Hoje seria interessante se trilhar um caminho análogo entre o dualismo radical e um monismo radical (com características materialistas ou espirituais). Mas como para Hegel o “espírito” é uma realidade primordial, não temporal, mas objetiva, que predomina sobre a natureza, para ele o espírito é o Absoluto, o que realmente é real, e nós, como seres espirituais, fazemos parte deste espírito. Aquilo que é “espírito” é reconhecido no espírito final; onde mais poderia ser reconhecido? Com esta conotação do espírito como seu Ser, o espírito final é elevado à eternidade, na certeza de que será desenvolvido na arte, na religião e na filosofia.

IHU On-Line - Hegelianamente falando, a tarefa da filosofia e da religião seria a mesma, ou seja, superar o dilaceramento e a separação? Por quê?

Walter Jaeschke - Hegel afirma ainda mais do que esta semelhança na tarefa; ele ensina que a filosofia e a religião, e também a arte, possuem o mesmo conteúdo, e que só se diferenciam pela forma específica - visão, imaginação e pensamento compreensivo. Muitas vezes, isto não era compreendido ou era até rejeitado, seja pelo comum interesse da religião em protestar contra o “relativismo” da religião, seja polemizando a religião por sentimento contrário a ela e à sua valorização que acontecia com isso, ou simplesmente por causa da unidade de reconhecimento e de objeto reconhecido de Noesis e Noema, se achava impossível que três diferentes formas de reconhecimento pudessem ter o mesmo conteúdo. Contudo, os ensinamentos de Hegel me parecem possuir um bom embasamento. Porém, não há unanimidade em relação à sua base: a rígida interpretação da arte, da religião e da filosofia pela filosofia do espírito. Hegel compreende estas três formas puramente como formas pelas quais a vida espiritual acontece, e a vida espiritual acontece na exteriorização do espírito e no auto-conhecimento que ele ganha nesta exteriorização. Isto pode soar um tanto estranho, ou até místico, mas é menos misterioso.

Arte, religião e filosofia, expressão do espírito

Vejamos em relação à arte: é uma propriedade do espírito que se reproduz nas obras de arte, desde as primeiras pinturas das cavernas (mesmo que elas possuíssem, além disso, uma função mágica) até as obras de arte dos dias de hoje. Obras de arte são diversas objetivações, manifestações do espírito, mesmo que elas só existam em uma montagem de materiais predeterminados. E é por isso que se reconhece nelas a natureza do espírito. Por isso Hegel explica esta tendência particular do espírito em criar obras de arte a

partir da sua condição, que não pode ser mais deduzida, através da sua manifestação obter uma consciência de si mesmo através da sua objetivação. É ali que para ele se baseia o direito de se considerar a arte como verdade: ela mostra algo sobre a natureza do espírito.

O mesmo “mecanismo”, querendo-se usar este termo, também serve para a religião. Nas idéias religiosas, que são todas criadas pelo espírito, também se expressa a natureza do espírito; por isso, através da criação de um modelo de pensamento religioso, ele chega à consciência de si mesmo. Neste modelo de pensamento religioso, o espírito expressa o que para ele é o real, a sua relação com a natureza e principalmente o seu relacionamento com si mesmo. E o mesmo vale também para a filosofia. A arte, a religião e a filosofia são, por isso, para Hegel, as três formas nas quais o espírito se expressa, se objetiva, por exemplo, em uma obra de arte, ou torna-se um modelo de pensamento religioso, retomando novamente esta expressão e reconhecendo que para o espírito esta expressão é familiar e, portanto, um tipo de relação consigo mesmo. Por isso é que Hegel inclui a arte, a religião e a filosofia no contexto do “Espírito Absoluto”: elas são as formas em que o espírito chega à consciência de si mesmo. A “alienação e a separação”, em cuja superação a filosofia e a religião são uma só, é uma “alienação e separação” feita pelo próprio espírito durante a sua objetivação e no interesse do autoconhecimento.

IHU On-Line - É correto entendermos o anorgânico como Tese, o orgânico como Antítese e o espírito como Síntese, ou seja, o homem como imagem de Deus? Seguindo essa mesma linha de raciocínio, qual é o seu ponto de vista sobre o entendimento de que Deus está em todas as partes do sistema e por isso não há que se seguir uma formalidade religiosa?

Walter Jaeschke - Eu não descreveria isto bem assim. Primeiramente temos que deixar claro que o

esquematismo “Tese - Antítese e síntese” não tem um papel muito importante na obra de Hegel. Assim como também raramente se pode atribuir a este esquematismo as três subdivisões que realmente são dominantes. E mesmo que nós nos orientássemos nas tríades o “orgânico” seria o terceiro em relação à “mecânica” e à “física” ou, dentro do “orgânico”, o organismo animal o terceiro em relação à natureza anorgânica e vegetal, mas jamais o espírito seria a síntese do anorgânico e orgânico, o que seria simultaneamente uma compreensão filosófica e natural do espírito e, portanto, inadequada.

Pode-se dizer que no pensamento de Hegel o divino está presente em todas as partes do sistema. Até a lógica é para ele o mesmo que a representação de Deus antes da criação do mundo, e a natureza também não é uma esfera que está totalmente isolada do divino. Se houvesse uma esfera totalmente isolada de Deus o divino teria nesta esfera o seu limite, o que não pode ser. Nestas formulações não se pode perder de vista que o divino para Hegel está contido no espiritual. E como a lógica é algo espiritual “em si”, mas a natureza é o “outro” do espírito e ao mesmo tempo o espírito na forma de sua diferença, assim também, como eu já havia dito, não se pode diferenciar a natureza totalmente do espiritual, se não ela nem poderia ser reconhecida. Porém, Hegel jamais diria com Spinoza “Deus sive Natura”. E a dimensão específica na qual o divino se realça, para Hegel, está no auto-relacionamento consciente do espírito no “Espírito Absoluto”, ou seja, na arte, na religião e na filosofia. Por isso, com certeza, é imaturo dizer-se “que não é adequado seguir-se uma forma religiosa”, mesmo que para Hegel a filosofia com certeza seja uma forma mais elevada de auto-conhecimento do espírito do que a religião.

IHU On-Line - Quais são os maiores projetos e desafios do Hegel-Archiv na atualidade?

Walter Jaeschke - Aproveito a oportunidade para comentar algumas associações incorretas que possam surgir no título “Hegel-Archiv”. “Hegel-Archiv” era o nome de uma revista do início do século XX, onde foram publicados manuscritos de Hegel que não tinham sido publicados. Por volta de 1950, foi criado então um local de pesquisa em Bonn, que recebeu este tradicional nome. Este nome foi mantido quando o local do “Hegel-Archiv” foi transferido para a Ruhr-Universität Bochum. Porém, não se trata realmente de um arquivo, e sim de um local de pesquisa mantido pela universidade Ruhr-Universität Bochum e pela Academia de Ciências da Renânia do Norte-Westfália. O legado de Hegel que poderia se imaginar que existisse em um “arquivo” destes sempre esteve na Biblioteca Pública de Berlim e no “Hegel-Archiv”, exceto alguns manuscritos, só há cópias para edições.

A edição da Coletânea das obras de Hegel é a principal tarefa do “Hegel-Archiv”, a respeito disso eu já havia falado antes. Paralelamente também será publicado o livro anual Estudos sobre Hegel no “Hegel-Archiv” - uma seqüência que inclui principalmente monografias e atas de reuniões. O “Hegel-Archiv” é também um local de pesquisa onde não só os funcionários se ocupam com a filosofia de Hegel, mas também um local onde sempre há muitos visitantes do exterior que o procuram para pesquisa, tanto da América Latina como do Japão ou de países europeus. O que atrai estes pesquisadores é principalmente a biblioteca especial, onde estão disponíveis não somente todas as obras de Hegel, mas também as traduções das obras utilizadas pelo próprio Hegel e com isso toda a literatura de pesquisa internacional. Por este motivo, nos últimos anos o “Hegel-Archiv” tornou-se um pequeno centro de pesquisa para a filosofia de Hegel e para a filosofia clássica alemã em geral, e eu fico muito feliz de já ter recebido muitas vezes pesquisadores e pesquisadoras do Brasil.

Fenomenologia do espírito, uma introdução à “modernidade”

ENTREVISTA COM PIERRE-JEAN LABARRIERE

“Uma retomada de toda a tradição de pensamento do Ocidente e uma introdução à ‘modernidade’ que começou a despontar com o evento da Revolução Francesa e, pouco depois, com o nascimento do maquinismo industrial e de suas repercussões sobre o pensamento e a vida dos homens”. Assim o filósofo francês Pierre Jean-Labarrière, especialista em Hegel, se refere à importância da Fenomenologia do espírito. Entretanto, salienta que isso “não significa que a obra de Hegel possa jamais nos liberar da tarefa que nos cabe de inventar novas formas de convivência e cooperação. O mundo continuou a girar de dois séculos para cá, e não se trata de procurar em Hegel soluções todas prontas para os problemas de outra dimensão, e talvez de outra natureza, que nos coloca, por exemplo, a entrada na idade do átomo. Hegel estará lá, contudo, permitindo que encontremos a boa postura, a maneira justa de nos manter no ser e na relação, de modo que possamos encontrar, na medida do possível, o remédio para os males que prejudicam os nossos caminhos”.

A entrevista, exclusiva, foi concedida por e-mail à IHU On-Line e nela Labarrière discute também o papel de Kojève na leitura de Hegel na França, bem como a contribuição dos jesuítas na interpretação desse filósofo. Entre os jesuítas estudiosos de Hegel, citou Gaston Fessard, Marcel Régnier, Abel Jeannière e Francis Guibal. Labarrière é padre jesuíta e leciona Filosofia no Centre Sèvres, em Paris. Escreveu inúmeras obras, dentre as quais citamos Structures et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l’esprit de Hegel (La Fenomenologia del espíritu de Hegel. México: Fondo de Cultura Económica, 1985) e Croire et comprendre. Approche philosophique de l’expérience chrétienne (Paris: Les Éditions du Cerf, 1999). Com Gwendoline Jarckzyk, escreveu De Kojève a Hegel - 150 anos de pensamento hegeliano na França (Paris: Albin Michel, 1996).

IHU On-Line - Qual é o papel de Kojève na leitura de Hegel na França?

Pierre-Jean Labarrière - Que se acompanhe ou não a sua “leitura” tão engajada (e até mesmo partidária),

deve-se reconhecer que este papel é muito influente.

Alexandre Kojève¹ deu suas “Aulas sobre a Fenomenologia do espírito” de 1933 a 1939, na EHESS (Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais), em Paris, numa época em que o estudo do pensamento hegeliano não tinha ainda atravessado os limites do Reno. Frequentaram todas as sessões, ou parte destas, entre outros, Jean-Paul Sartre², Jean Hyppolite³, Maurice Merleau-Ponty⁴, Gaston Fessard⁵ e Eric Weil⁶. As mesmas

¹ Alexandre Kojève (1902-1968): filósofo russo, importante intérprete de Hegel. (Nota da *IHU On-Line*)

² Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias Baudelaire (1947) e Saint Genet (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Jean Hyppolite: filósofo francês conhecido por seu trabalho com Hegel e outros filósofos alemães. Ele realizou a primeira tradução francesa da obra de Hegel *Fenomenologia do Espírito*. Foi professor na Universidade de Strasbourg, onde escreveu *The Genesis and structure of Phenomenology* (1947). Em 1949 mudou-se para a Sorbonne. Em 1954 foi diretor da École Normale Supérieure e em 1955 elaborou um estudo sobre Karl Marx. Em 1963 foi eleito para o Collège de France. Enquanto filósofos como Jean-Paul Sartre são conhecidos pela produção de novos e influentes trabalhos para a filosofia alemã, Hyppolite é lembrado como um bom expositor e professor. Influenciou um grande número de pensadores, incluindo Michel Foucault e Jacques Lacan. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): escritor e filósofo líder do pensamento fenomenológico na França. Professor da Universidade de Lyon e na Sorbone, em Paris. De 1945 a 1952 foi co-editor (com Jean-Paul Sartre) do jornal *Les temps modernes*. Voltando sua atenção para as questões sociais publicou um conjunto de ensaios marxistas, em 1947, *Humanisme et terreur* (*Humanismo e Terror*), a mais elaborada do comunismo soviético no final dos anos 1940. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Gaston Fessard (1897-1978): sacerdote jesuíta, filósofo e teólogo francês. De suas obras, destacamos Hegel, le christianisme et l'histoire (Paris: Presses Universitaires de France, 1990). (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ Eric Weil (1904-1977): filósofo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

foram coletadas e publicadas por Raymond Queneau⁷ em 1947 e reeditadas, de maneira sistemática, em 1968. Justo antes que fosse deflagrada a guerra de 1939, Jean Hyppolite havia publicado a primeira tradução francesa da Fenomenologia do espírito. Apesar de suas imperfeições, esta tradução permaneceu a única em vigor durante meio século, e serviu como base para todos aqueles que não dominavam suficientemente o alemão bem particular de Hegel. Jean Hyppolite lhe havia acrescentado, em 1946, um estudo intitulado *Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel*. Mas esta obra, que permanecia fiel às opções fundamentais de Kojève, só reforçou a influência deste último sobre vários atores do pensamento filosófico na França durante este período - pelo menos até o aparecimento dos primeiros escritos de Joseph Gauvin e de alguns de seus discípulos.

Um breve relato sobre a acolhida de Hegel na França foi apresentado por Gwendoline Jarczyk⁸ e por mim mesmo em nossa obra intitulada de maneira significativa: *De Kojève à Hegel - 150 ans de pensée hégélienne en France* (*De Kojève a Hegel - 150 anos de pensamento hegeliano na França*. Paris: Albin Michel, 1996). Por que a inversão destes dois autores em relação à sua posição histórica? Pretendíamos reagir diante de uma leitura redutora tão amplamente aceita na Universidade francesa, que fazia de Hegel o defensor de um intelectualismo marcado, em especial, por duas teses inspiradas justamente por Kojève: a pretensão final de um “saber absoluto” entendido como um “fim da história” que anulava qualquer referência à

⁷ Raymond Queneau (1903-1976): poeta francês e novelista. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Gwendoline Jarczyk: filósofa, especialista de Hegel e em Mestre Eckhart. Entre outras obras, publicou *Les premiers combats de la reconnaissance* (Aubier, 1987); *Systeme et liberte dans la Logique de Hegel* (Aubier Montaigne, 1998). (Nota da *IHU On-Line*)

contingência, e uma profissão de ateísmo que, a Marx¹, só lhe restaria selá-la de modo definitivo (este último ponto resultando de uma má interpretação da relação religião / filosofia entendida como uma *Aufhebung*², da qual só se considerava então o aspecto de abolição). Tratava-se, portanto, de voltar atrás para antes desta leitura, fosse ela redutora ou sobrecarregada, a fim de deixar falar o próprio Hegel novamente, com toda a carga de novidade que ele trouxe e que fora quase que totalmente esquecida. Neste livro, pudemos apresentar uma correspondência trocada entre Kojève e o seu ouvinte e discípulo Tran-Duc-Thao³, na qual o mestre confessava sem rodeios: “A minha obra não tinha o caráter de um estudo histórico; não me importava saber o que o próprio Hegel quis dizer em seu livro; fiz um curso de antropologia fenomenológico servindo-me de textos hegelianos, mas transmitindo apenas o que, para mim, correspondia a uma verdade, e deixando de lado o que parecia, em Hegel, ser um erro. Assim, desistindo do monismo hegeliano, distanciei-me conscientemente deste grande filósofo. Por outro lado, o meu curso era essencialmente uma obra de propaganda destinada a

¹ Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra A Utopia de um novo paradigma para a economia foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O Caderno IHU Idéias, edição número 41, teve como tema A (anti)filosofia de Karl Marx, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

² *Aufheben*: palavra alemã de largo uso na filosofia hegeliana que quer dizer, ao mesmo tempo “superar” e “conservar”, na condição de tese e antítese que interagem, formando uma síntese. Nesse conceito é importante o entendimento da contrariedade como motor da dialética. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Tran-Duc-Thao (1917-1993): vietnamita, filósofo marxista e escritor. Trabalhou na sustentação do partido comunista, em 1951. De suas obras, destacamos *Recherches sur l'origine du langage et de la conscience* (Paris: Éditions sociales, 1973) (Nota da *IHU On-Line*)

surpreender os espíritos. E é por esta razão que reforcei conscientemente o papel da dialética do Mestre e do Escravo⁴, e que, de modo geral, esquematizei o conteúdo da fenomenologia”.⁵ Temos aqui, da própria pena de Kojève, a confissão de que suas “Aulas sobre a Fenomenologia do espírito” não atendem os critérios mais elementares de um autêntico comentário. Trata-se, portanto, na verdade, de escapar deste desvio consciente do pensamento de Hegel (desvio - e isto deve, no entanto, ser levado em consideração, conforme se fez mais acima - que desencadeou um entusiasmo benéfico por este pensamento), e procurar retornar a uma leitura do original isenta de qualquer emprego partidário. Uns quarenta anos atrás, isso foi feito na França, e bem poucos se atêm ainda à leitura kojéviana.

***IHU On-Line* - Alguns jesuítas franceses fazem parte dos intérpretes de Hegel. Havia algo de comum entre eles?**

Pierre-Jean Labarrière - O primeiro jesuíta francês que empreendeu uma leitura pessoal de Hegel foi Gaston Fessard. Este tinha sido um ouvinte de Kojève durante os dois últimos anos do seu Seminário na EHESS. Temos, aliás, em nosso poder uma carta de Kojève endereçada a Fessard, reconhecendo o participante ativo e marcante que este último foi durante todo este período. Fessard, que desenvolveu um pensamento pessoal notável, principalmente no campo da reflexão política (cristianismo enfrentando determinadas formas de um marxismo que estava na onda nos anos 1950-1970), foi sem dúvida influenciado por Hegel, mas sem, no entanto,

⁴ Kojève retomava nisso a versão de Hippolyte que, de maneira infeliz, traduzia Knecht por “escravo”, abrindo assim o caminho para uma leitura de natureza política e revolucionária. Sabe-se que Knecht, de maneira menos dramática, significa primeiro “servidor”. (Nota do entrevistado)

⁵ Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière. De Kojève a Hegel - 150 anos de pensamento hegeliano na França (Paris: Albin Michel, 1996, p. 64). (Nota do entrevistado)

ter feito um comentário direto sobre o mesmo. Não obstante, quando ele elaborou os pares de categoria Homem/Mulher, Pagão/Judeu e Mestre/Escravo, fica claro o quanto ficou marcado pela leitura do seu mestre Kojève.

O grande inovador foi um homem modesto e de grande saber, mas que é conhecido apenas por ter ressuscitado e dirigido durante numerosos anos a revista *Archives de Philosophie*: o padre Marcel Régnier¹. Um de seus alunos, Joseph Gauvin, que ensinou por muito tempo na Faculdade de Filosofia dos Jesuítas na França (em Vals, e depois em Chantilly), desempenhou um papel eminente nesta área. Só publicou uma dezena de artigos, mas todos tiveram uma influência profunda. Eu mesmo fui um de seus estudantes, e é inspirado por ele que elaborei a minha primeira obra intitulada **Structures et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'esprit de Hegel** (La Fenomenologia del espíritu de Hegel)². É deste círculo também que se originam as pesquisas de Abel Jeannièr e de Francis Guibal (este último, que deixou posteriormente a Companhia de Jesus, ensinou em seguida na Universidade de Strasburgo). Pode-se dizer que Joseph Gauvin (que realizou também um volumoso e bem precioso *Wortindex zur Hegels Phänomenologie des geistes* a partir de um tratamento informático extremamente inovador na época - *Hegel-Studien, Beiheft 14*. Bouvier Verlag - Herbert Grundmann, Bonn 1977), foi, para toda a Universidade francesa, e além dela também, um

¹ Marcel Régnier (1900-1998): fundador da revista *Archives de Philosophie*, de 1955, o qual reúne os testemunhos de F. Marty, X. Tilliette, H.- G. Gadamer, R. Lauth, W. Kluback, L. Sichirrollo, D. Heinrich, P. Fruchon, O. Pöggeler, T. Rockmore, I Fetscher, o Sr. Buhr, P.-F. Preto, J. Benoist, G. Petitdemange, H. de Lubac. É autor do livro *Lógica e Teo-lógica em Hegel*. Porto: Rés Editora, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

² Este livro foi traduzido em espanhol sob o título *La Fenomenologia del espíritu de Hegel*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985. (Nota do entrevistado)

despertador cuja honestidade e rigor fizeram muitos seguidores. É nesta linha de pesquisa que se inscrevem, em especial, os trabalhos de Gwendoline Jarczyk e os meus próprios, bem como, muito tempo depois, aqueles de universitários tais como Jean-François Kervégan, Jean-Marie Lardic, Jean-Michel Buée ou David Wittmann.

***IHU On-Line* - Na parceria com a Gwendoline Jarczyk, é possível distinguir o que é de um e o que é de outro na leitura do texto de Hegel?**

Pierre-Jean Labarrière - Se chegamos a trabalhar e realizar publicações juntos há praticamente quarenta anos, é porque reconhecemos um ao outro logo de primeira como defensores de uma mesma “leitura”. Isso posto, cada um de nós não pode deixar de ficar marcado pela sua primeira abordagem deste edifício impressionante. Quanto a mim, a minha primeira obra sobre Hegel, evocada mais acima, se dirigia às estruturas e ao movimento dialético na Fenomenologia do espírito. Quanto a Gwendoline Jarczyk, ela se distinguiu em primeiro lugar nos estudos hegelianos publicando, sob o título *Sistema e liberdade na Lógica de Hegel*, a tese de Estado que ela havia realizado sob a direção de Paul Ricoeur³. Esta obra, que se tornou um “clássico”, foi seguida por seis outros livros muito importantes que não param de aprofundar o nosso conhecimento desta Ciência da lógica⁴, ainda tão hermética para muitos⁵.

³ Gwendoline Jarczyk. *Sistema e liberdade na Lógica de Hegel*. Aubier 1980. 2a edição Kimé 2001. (Nota do entrevistado)

⁴ *Ciência da Lógica*: do original, *Wissenschaft der Logik*, publicada em dois volumes, em 1812 e 1816. Conferir *Ciência de la Lógica*. Editora Solar/Hachette: Buenos Aires, 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ *Science de la logique. Hegel* (Ciência da lógica. Hegel. Elipses, 1998). *Le négatif ou l'écriture de l'autre dans la logique de Hegel* (O negativo ou a escrita do outro na lógica de Hegel. Elipses, 1998). *Le mal défiguré. Étude sur la pensée de Hegel* (O mal desfigurado. Estudo sobre o pensamento de Hegel. Elipses, 2000). *Au confluent de la mort. L'universel et le singulier dans la philosophie de Hegel* (No confluyente da morte. O universal e o singular na filosofia de Hegel. Elipses, 2002). *La réflexion spéculative. Le retour et la perte dans la pensée de Hegel*

Comunicamos um ao outro as nossas paixões mútuas, e isso nos permitiu realizar juntos novas versões da Fenomenologia do espírito¹ e da Ciência da lógica². O ensino que efetuamos juntos no âmbito do Colégio Internacional de Filosofia, e atualmente no Centro-Sèvres, nos permitiu igualmente publicar, com assinatura comum, além da obra intitulada *De Kojève a Hegel* da qual se tratou acima, um conjunto de estudos reunidos sob o título *Hegelianas*³, bem como leituras de diversas figuras da Fenomenologia do espírito ou de outros trechos das obras posteriores⁴. Atualmente, a nossa nova versão da Ciência da lógica, no prelo nas Edições Kimé, nos mobilizará ainda durante alguns anos. Um trabalho do qual se tira diariamente proveito do conhecimento íntimo de Gwendoline Jarczyk, sobre o espírito e o sentido preciso das palavras da Ciência da lógica.

IHU On-Line - Como a obra de Hegel, em especial a Fenomenologia do espírito, pode apontar para uma compreensão e para novas formas da existência na nossa sociedade contemporânea?

(A reflexão especulativa. O retorno e a perda no pensamento de Hegel. Edições Kim, 2004). *Le concept dans son ambiguïté. La manifestation du sensible chez Hegel. Rapport et relation dans la pensée de Hegel* (O conceito em sua ambigüidade. A manifestação do sensível em Hegel. Conexão e relação no pensamento de Hegel. Edições Kimé, 2006). *La liberté ou l'être en négation* (A liberdade ou o ser em negação - no prelo). (Nota do entrevistado)

¹ Gallimard 1993 (coleção "Biblioteca de Filosofia", e Fólio, 2 volumes, Gallimard 2002). (Nota do entrevistado)

² Aubier-Montaigne, 3 volumes 1972-1979. Nova edição no prelo, 4 volumes, Nas Edições Kimé. (Nota do entrevistado)

³ PUF, 1986. (Nota do entrevistado)

⁴ *Les premiers combats de la reconnaissance. Maîtrise et servitude dans la Phénoménologie de l'esprit de Hegel* (Os primeiros combates do reconhecimento. Domínio e servidão na Fenomenologia do espírito de Hegel. Aubier-Montaigne 1987), *Le malheur de la conscience ou l'accès à la raison* (A infelicidade da consciência ou o acesso à razão. Aubier-Montaigne 1989), *Le syllogisme du pouvoir. Y a-t-il une démocratie hégélienne?* (O silogismo do poder. Teria uma democracia hegeliana? Aubier-Montaigne 1989). (Nota do entrevistado)

Pierre-Jean Labarrière - A Fenomenologia do espírito, publicada em 1807, há dois séculos, portanto, é, ao mesmo tempo, uma retomada de toda a tradição de pensamento do Ocidente e uma introdução à "Modernidade" que começou a despontar com o evento da Revolução Francesa e, pouco depois, com o nascimento do maquinismo industrial e de suas repercussões sobre o pensamento e a vida dos homens. Ninguém pode ir em direção ao futuro e arriscar, a seu respeito, uma palavra que tenha sentido se não assimilar pessoalmente a herança que, desde o mundo grego e o mundo romano, passando pelas diversas religiões (singularmente o cristianismo), chegou a colocar o homem, em suas dimensões simultaneamente individuais e coletivas (singulares e políticas), como sendo, ao mesmo tempo, o "produto" e o "criador" de um mundo que, através de seus sobressaltos, procura adquirir um rosto autenticamente humano. Convém que sejamos conscientes, na medida do possível, dos êxitos e das derrotas que marcaram nossas histórias. Para tanto, estou convencido de que a experiência analisada por Hegel (e, especialmente, a atenção à precisão do movimento lógico que move na escuridão este desenvolvimento da história) permanece para nós exemplar, se não no sentido estrito de suas palavras, pelo menos no dinamismo de espírito que ela promove, porque aquele desposa ao máximo a busca de uma positividade autêntica que procede desta negação redobrada que é a alma de toda dialética.

Nós não sabemos, geralmente, até que ponto os nossos julgamentos mais comuns (quem sabe também e principalmente no âmbito de uma política que procura abrir o seu caminho ao nível mundial) são prejudicialmente marcados por oposições simplificadoras entre o sujeito e o seu mundo, entre o individual e o universal sob todas as suas incidências concretas, que se trate de ecologia ou de relações intra ou internacionais. A Fenomenologia do espírito, neste sentido, mais atual e

mais promissora do que nunca em termos de futuro, permite tentar obter um esclarecimento das relações verdadeiras que unem o sujeito e o objeto (só para evocar esta problemática mais geral e profundamente essencial). Especificamente, o que se anuncia para os indivíduos e para os povos, sob o termo “reconhecimento”, não foi realmente compreendido – e ainda menos sistematizado – quando se trata das relações entre os homens e os povos. Até nossos ensaios preliminares no que tange à possibilidade de um “governo mundial” não encontram em Hegel – como outrora observara um Eric Weil – nada além de um esboço: os elementos de uma alta exigência realmente fundadora. Dizer e mostrar concretamente, como o faz Hegel nesta obra, que a linguagem e o trabalho, estas duas formas de exteriorização do espírito são, a este título, inalienáveis, é fazer a escolha daquilo que alguns consideram uma utopia e que é, contudo, na origem e no limite de exigência da dignidade universal que habita os melhores dentre nós.

Não significa que a obra de Hegel possa nos liberar da tarefa que nos cabe de inventar novas formas de convivência e cooperação. O mundo continuou a girar de dois séculos para cá, e não se trata de procurar em Hegel soluções todas prontas para os problemas de outra dimensão, e talvez de outra natureza, que nos coloca, por exemplo, a entrada na era do átomo. Hegel estará lá, contudo, permitindo que encontremos a boa postura, a maneira justa de nos manter no ser e na relação, de modo que possamos encontrar, na medida do possível, o remédio para os males que prejudicam os nossos caminhos.

IHU On-Line - Qual é o significado do Saber e do “Espírito Absoluto” em Hegel, e até que ponto este significado é atual para o pensamento contemporâneo?

Pierre-Jean Labarrière - É significativo que as três grandes obras sistemáticas de Hegel, a Fenomenologia do

espírito, a Ciência da lógica e a Enciclopédia das ciências filosóficas¹ terminem com três lexias complexas que dizem a cada vez que o que se encontra em jogo na obra em questão é finalmente colocado (e entendido) em sua dimensão “absoluta”: Saber absoluto, Idéia absoluta, Espírito absoluto. Deve-se entender esta qualificação dentro do seu alcance lógico, tal como é explicitada de maneira programática no capítulo da Doutrina da essência, consagrado justamente ao “Absoluto”. Eis o que se pode ler nesta passagem: « A identidade simples maciça do absoluto é indeterminada, ou nela, todo caráter de determinação da essência e da existência, ou do ser em geral bem como o da reflexão, ficou de certo modo resolvido”.² Ora, então, qualificar como “absoluta” uma realidade, seria dizer que ela junta em si tudo o que for necessário para a sua inteligibilidade; ater-se a esta asserção, porém, é permanecer no formalismo. “Deve-se apresentar o que é o absoluto”, e este “apresentar” não pode satisfazer-se de um determinar externo e nem de uma reflexão externa, “pelo que seriam [as] determinações deste mesmo [absoluto], mas ele é a exposição, e na verdade, a exposição própria do absoluto, e somente um ato-de-mostrar o que ele é”.

Assim, o “Saber absoluto”, nos termos da Fenomenologia, longe de selar um saber terminal num absoluto que o colocaria fora das influências de qualquer contingência, firma uma identidade advinda entre verdade e certeza que faz que a postura lógica alcançada desta maneira pode e deve expressar-se em todas as determinações necessárias para afirmar a unidade concreta do ser e do pensamento. Uma obra que se desdobra na Lógica, a qual se encerra, por sua vez, numa “Idéia absoluta” cujo conteúdo concreto poderá ser exposto nas determinações da Filosofia da natureza e da

¹ *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. São Paulo: Loyola, 1997, tradução de Paulo Gaspar de Meneses (Nota da *IHU On-Line*)

² *Wissenschaft der Logik* (WdL GW 11 370/2 sq. II 229/2 sq.) (Nota do entrevistado).

Filosofia do espírito. O que dá a entender também que o “Espírito Absoluto”, nos termos da Enciclopédia, caracteriza - bem além de toda designação de um espírito postulado em uma oposição justapositiva indeterminada - um processo de sentido cuja eficiência e concretude podem e devem ser comprovados, testando-se nos aspectos de caráter imediato e na contingência.

Eu ousaria dizer que tal compreensão do ato do espírito em sua urgência lógica é propriamente essencial para quem se dedica a compreender, numa dimensão de responsabilidade - que é ao mesmo tempo de epifania e criação - o que está ocorrendo em nosso mundo. E isso mesmo porque o conceito inteligível deste processo, nos tempos pelos quais passamos, se propõe na ambigüidade de eventos e representações que exigem uma postura - nunca assegurada - de decodificação e de instauração criadora. Só é realmente sensato em nossas aspirações e em nossos combates aquilo que resulta de uma tal lógica “absoluta”, que, como tal, não coloca de lado nenhum dos elementos da realidade histórica - política, cultural, religiosa - e trata dos mesmos segundo a economia criadora da contradição, obrigando-se a uma sobressomção (*sursomption*) valorizadora das nossas representações relidas de acordo com a exigência do conceito.

***IHU On-Line* - O que a teoria hegeliana da Constituição pode ensinar às democracias diante do cenário da mundialização e do recrudescimento da intolerância sob suas facetas mais variadas?**

Pierre-Jean Labarrière - Poder-se-ia dizer, utilizando um termo mais kantiano que hegeliano, que a Constituição, de acordo com o pensamento político de Hegel, deveria funcionar como uma “idéia reguladora” no horizonte das consciências engajadas na tarefa política. Seria, sem dúvida, um erro considerá-la como um “modelo” cujas determinações todas teriam que ser respeitadas de maneira igual. No fim da Revolução

Francesa, Hegel tinha captado perfeitamente os valores do evento (a afirmação básica de que a liberdade é um requisito de natureza universal), mas ele permaneceu partidário de uma monarquia hereditária temperada que não tem mais razão de ser. Muitos pontos do seu pensamento político permanecem, contudo, normativos para nós: a importância da opinião pública, o lugar determinante dos corpos intermediários de acordo com o modo segundo o qual eles estruturam o corpo social e os interesses econômicos, a importância do surgimento do maquinismo industrial, o lugar do internacional, em suma, a cultura da liberdade de todos (pessoal, social, religiosa) associada a um sentido agudo do que chamaríamos de «bem geral». Ele começa até a expressar, embora de uma forma embrionária e excessivamente marcada ainda por particularismos, uma atenção para com os interesses das classes laboriosas (associações baseadas nas atividades profissionais, nas quais podemos perceber um reconhecimento dos futuros “sindicalismos”), bem como uma tomada de consciência da importância da qual se revestem as opiniões públicas e o debate entre todos os cidadãos¹.

***IHU On-Line* - Quais são as principais diferenças entre o pensamento de Hegel em seus primeiros escritos com relação aos últimos? Houve um amadurecimento de suas idéias?**

Pierre-Jean Labarrière - Houve um tempo em que se fez um esforço no sentido de erigir um « Hegel de

¹Cf. Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière, *Hegeliana* (PUF 1986), toda a parte que trata das Lignes fondamentales dec la Philosophie du droit (Linhas fundamentais da Filosofia do direito, em especial, o estudo de Gwendoline Jarczyk intitulado *Concept du travail et travail du concept* - Conceito do trabalho e trabalho do conceito, e os dois textos que assinei ali sobre *La rationalité du pouvoir*, ou *comment gérer l'héritage hégélien* - A racionalidade do poder, ou como administrar a herança hegeliana, e *Plasticité de la théorie politique hégélienne* - Plasticidade da teoria política hegeliana. - Ver também

juventude », revolucionário e inovador, contra o « Hegel da maturidade », que se taxava de « conservador ». Este julgamento em bloco não resiste ao critério da análise. Há diferenças, com certeza, e estas se devem ao contexto da época: os pensamentos que dominavam no fim do século XVIII, o esforço que era preciso envidar a fim de libertar-se das influências dominantes (Kant, Fichte, mas também o amigo Schelling), a proximidade da Revolução Francesa, os transtornos causados pela epopéia napoleônica, as mudanças políticas e econômicas; tudo isso, sem dúvida, marcou, em seus primeiros escritos, o pensamento de um homem tão atento aos fenômenos de civilização. Há também uma questão de maturidade e, a partir da Fenomenologia do espírito, o aprimoramento de categorias originais e a

nossa obra comum intitulada O silogismo do poder. Teria uma democracia hegeliana?). (Nota do entrevistado)

mais sutil compreensão daquilo que traz e exige o movimento essencial da “sobressumpção” (sursomption), (Aufhebung)¹. Não obstante, procurar no Hegel de antes de 1807 algum elemento essencial que teria sido esquecido em seguida me parece, após minucioso exame, um empreendimento duvidoso. Faço parte então, é claro, daqueles que acreditam na profunda continuidade, e até unidade do seu pensamento, desde suas intuições de juventude até os escritos do fim de sua vida. É apostando nesta unidade, e indo até a atitude profunda da qual ela dá testemunho, que reconhecemos neste pensamento o valor inovador e talvez insubstituível do qual ele se reveste ainda para o nosso mundo.

¹ Mas o movimento em questão, o da « dupla negação », estava bem presente desde os « escritos de juventude », quando Hegel neles evocava « a identidade da identidade e da não-identidade ». (Nota do entrevistado)

Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade

ENTREVISTA COM CARLOS ROBERTO VELHO CIRNE LIMA

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à IHU On-Line, o Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima explicou as correções que faz ao sistema de Hegel e que o tornaram referência entre os estudiosos do pensador. Uma dessas correções reside no uso incorreto da palavra contradição, que Cirne Lima substitui por contrariedade: assim, quando o filósofo alemão “fala em contradição, entenda-se contrariedade”. Refletindo sobre o conceito de autonomia baseado em Hegel, o pesquisador compreende que o eu não pode ser entendido apenas como singular, mas como um “eu expandido”, e por isso comprometido com todo o universo, pois é autônomo o sujeito que dá a si mesmo as suas leis e as cumpre. Questionado sobre a repercussão que a formalização da Ciência da lógica, realizada em parceria com o lógico Carlos Soares, Cirne Lima manifestou seu estranhamento com o silêncio que seguiu a publicação dos dois artigos que a divulgaram: “Nenhum lógico lê nosso trabalho porque ele trata de Hegel, e nenhum hegeliano o lê porque é lógica”.



Cirne Lima é professor do PPG em Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pelo Berchmannskolleg, em Pullach (Alemanha), doutor em Filosofia pela Universität Innsbruck, (Áustria) e obteve Livre-docência pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS). Entre seus livros publicados, citamos Realismo e dialética. A analogia como dialética do Realismo (Porto Alegre: Globo, 1967); Sobre a contradição (Porto Alegre: Edipucrs, 1993); e Dialética para principiantes (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002). Seu livro mais recente chama-se Depois de Hegel. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico (Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2006).

Dele a IHU On-Line publicou entrevistas na 80ª edição, de 20-10- 2003, sob o título As universidades perderam a unidade do saber, e na 102ª edição, de 24-05-2004, sob o título Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais. Na edição, de 23-05-2005, intitulada O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos, Cirne Lima foi um dos integrantes da mesa-redonda que debateu esse assunto com os filósofos Karen Gloy, da Universidade de Lucerna, Áustria, e Günther Küppers, da Universidade de Bielefeld, Alemanha. A entrevista mais recente concedida pelo filósofo à IHU On-Line foi na edição 183, de 5-06-2006, quando falou sobre o lançamento do CD-ROM Dialética para todos, sob o título Dialética para todos: Aristóteles com o controle-remoto na mão. Todas as entrevistas estão disponíveis para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar em que consistem suas duas correções ao sistema hegeliano?

Carlos Roberto Cirne Lima - Quando falo em correção no sistema de Hegel, estou pressupondo erros que ele cometeu e que devam ser corrigidos. Esses erros foram apontados por Schelling no tempo em que Hegel lecionava em Berlim. Schelling lecionava na Universidade de Munique. Companheiro de estudos de Hegel, Schelling, depois de certo período, seguiu outros caminhos. A amizade deles, inclusive, parece que diminuiu. Schelling era, naquela época, uma das pessoas que melhor entendiam o que Hegel queria e o que havia feito. Dois ou três anos antes de Hegel morrer, Schelling ofereceu um semestre inteiro de aulas em Munique com o título *Preleções sobre a filosofia contemporânea*. Nessa oportunidade ele fez uma coisa inédita, porque cada capítulo é destinado a um grande pensador: Descartes, Christian Wolff¹, Spinoza, Leibniz, Kant, Fichte. Só que depois de Fichte vem o próprio Schelling, e ele fala dele mesmo. Depois de falar sobre ele mesmo, fala sobre Hegel. A seguir, no último capítulo, ele fala sobre si próprio novamente como o Schelling da velhice. Então, há dois capítulos sobre Schelling, e no meio deles um capítulo sobre Hegel. Nesse capítulo, Schelling critica Hegel, apontando algumas críticas corretas e com fundamento.

A primeira dessas críticas é a mais séria de todas: que Hegel nunca deu o devido valor e importância para a contingência ou, em outras palavras, a facticidade das coisas nesse mundo e, portanto, da história. Aquilo que hoje Habermas² chama de facticidade (o termo técnico é

¹ Christian Wolff (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da *IHU On-Line*)

² Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como

contingência), é aquilo que pode ser e pode não ser, mas de fato é. Hegel tem a tendência muito forte de dizer que tudo que é a rigor tinha que ser. Ele nunca escreve isso com essa força, com esse descaramento. Ele não é bobo... Inclusive no começo da Filosofia do direito, Hegel pressupõe claramente o mundo contingente em que podemos e devemos fazer os mais variados contratos. Esse é um lugar em que Hegel respeitou a contingência do mundo. Mas, em muitos outros lugares, ele parece negar mais e mais a contingência do mundo. Num texto importante, que tem como título *A razão na história*, que é a introdução à Filosofia da história de Hegel, ele escreve “para entender a história é preciso afastar a contingência”. E a objeção que Schelling faz, e depois repetida por muitos outros contemporâneos que trabalham sobre Hegel, é que, embora ele tenha e fale sobre a contingência em vários lugares e tenha certa importância, nas grandes linhas do sistema, ela é negligenciada. Ela não recebe a importância que deveria ter, de sorte que a história já em Hegel adquire um caráter necessário, o que vai provocar o grande erro de Marx de que a história é inexorável e que, portanto, a revolução comunista é um momento inexorável da história, que necessariamente vai acontecer. Esse é o primeiro grande erro de Hegel. Ele não foi suficientemente claro em dar ênfase para a facticidade da história.

O segundo erro de Hegel

O segundo grande erro de Hegel é mais um problema de terminologia combinado com certa ambigüidade. O filósofo fala constantemente da contradição como motor do sistema. Só que todos os lógicos a partir de Aristóteles

superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da *IHU On-Line*)

até hoje dizem que quem não respeita o princípio da não-contradição perde o uso da razão e “fica reduzido ao estado de planta”¹. E Hegel diz que a contradição é o motor do sistema... Essa é uma objeção que os lógicos e a filosofia analítica fazem contra Hegel e que os hegelianos não conseguem responder. Se contradição é algo tão ruim, se ela nos tira o uso da razão, como é que em Hegel a razão funciona e se movimenta mediante a contradição? A resposta que eu dou, e nesse ponto eu estou quase sozinho, acompanhado apenas por Eduardo Luft², que foi meu aluno, e por Klaus Düsing³, na Alemanha, é que quando Hegel fala em contradição, ele deveria estar falando em contrariedade. Junto comigo, Düsing não apenas aceita, mas defende essa teoria. Em lógica, contradição é diferente de contrariedade. Na contradição, se um pólo é verdadeiro, o outro é falso, e é impossível que ambos sejam falsos. Ora, em Hegel, tese e antíteses são falsas, e isso é possível na contrariedade, mas não é possível na contradição. Daí então se coloca a minha correção em Hegel e dizer que quando ele fala em contradição, entenda-se contrariedade.

***IHU On-Line* - E a que o senhor atribui essa incompreensão do termo contradição?**

Carlos Roberto Cirne Lima - Acredito que entre os contemporâneos é um problema de fé. Há poucos dias recebi um livro muito bem escrito do colega José

¹ Afirmação de Aristóteles contida no livro *Gama da Metafísica*, dizendo que quem não observa a lei da não-contradição não pode mais falar e deve ficar reduzido ao estado de planta. (Nota da *IHU On-Line*)

² Eduardo Luft: jornalista, mestre em Filosofia e doutor em Filosofia pela PUCRS e Universidade de Heidelberg, Alemanha. Autor dos livros *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995) e *As sementes da dúvida* (São Paulo: Mandarin, 2001). Confira, nesta edição, a entrevista *A Fenomenologia mudou nosso modo de compreender o conhecimento*. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Klaus Düsing: filósofo alemão, professor na Universidade de Colônia, Alemanha. (Nota da *IHU On-Line*)

Henrique Santos⁴ sobre a *Fenomenologia do espírito: O trabalho do negativo: ensaios sobre a Fenomenologia do Espírito* (São Paulo: Loyola, 2007). Nessa obra, ele tem um capítulo inteiro em que expõe minha teoria sobre a contrariedade mas, depois, volta atrás e diz que não é contrariedade, mas sim contradição. Contudo, aí ele precisa admitir que a lógica de Hegel não tem nada a ver com a lógica contemporânea, ou seja, é outra coisa. Mas ele não consegue explicar que outra coisa essa lógica hegeliana seria. Os outros autores também são assim, ao passo que na Alemanha, em Colônia, meu colega Düsing tem a mesma teoria que eu, e chegou a ela independentemente de mim, e eu independentemente dele. A explicação é simples. Até os advogados confundem contradição e contrariedade e usam uma quando deveriam usar a outra. A mesma coisa acontece com os políticos. As palavras contradição e contrariedade, no decorrer dos séculos, ficaram com conteúdo muitas vezes flutuante e, às vezes, eram vistas como sinônimos. Já se um lógico ouve falar em contradição, ele diz que isso está errado. E se o sistema de Hegel fala em contradição, então está tudo errado. Essa é a posição de um lógico e da filosofia analítica contemporânea. Por isso é que Hegel nesse campo analítico é um absurdo. Minha teoria é de que a lógica está correta e o que Hegel quer dizer realmente é contrariedade. O que acontece é que, já no tempo dele, nem todos distinguiam corretamente contradição e contrariedade.

⁴ José Henrique Santos: filósofo brasileiro, autor de *Do empirismo à fenomenologia: a crítica antipsicologista de Husserl e a idéia da lógica pura* (Livraria Cruz Braga: Portugal, 1973); *Trabalho e riqueza na Fenomenologia do espírito de Hegel* (São Paulo: Loyola, 1993) e *O trabalho do negativo: ensaios sobre a Fenomenologia do Espírito* (São Paulo: Loyola, 2007). Nesta edição, confira o artigo *Rememorando a Fenomenologia do espírito*, enviado pelo autor à *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Professor, e após essas duas correções que o senhor sugere, como se poderia chegar a um conceito complexo de identidade e no que ele implica em termos de uma ponte com o conceito de complexidade, Teoria da Evolução, Caos e Sistemas?

Carlos Roberto Cirne Lima - No meu último livro, Depois de Hegel, toda a parte final trata sobre a Teoria de Sistemas, Evolução e Complexidade. A partir do sistema de Hegel, com as duas correções que indiquei, além de mais uma que outra modificação, eu desemboco na Teoria da Evolução e de Sistemas, que é a Teoria da Complexidade. Isso, em Hegel, vem do conceito de identidade, pois ela mesma é complexa. Então, $x = x$ vale apenas para um lógico. Quando Hegel diz que x é idêntico a x , ele não está dizendo apenas que $x = x$. É por isso que no meu livro está escrito que na fórmula $x = x$ há identidade dialética de x e de x . A lógica implica nisso. A identidade dialética é diferente do $x = x$, pois ela contém a oposição. Na identidade simples, o pai é o pai, e tu podes esquecer completamente o filho. Na identidade dialética se está falando sempre do pai e do filho ao mesmo tempo, portanto da filiação. Nessa identidade, existem sempre dois pólos que numa primeira etapa são separados e se opõem, e numa segunda etapa se unem, se conciliam, formando a síntese.

Identidade dialética

A identidade lógica é vazia de conteúdo, enquanto que a identidade dialética tem, dentro de si, uma oposição. Na vida real, nem eu nem você podemos dizer que somos $x = x$. Somos xt_1 , xt_2 , xt_3 , porque o tempo está passado. Agora estou sentado, depois estarei de pé. Cada vez que há um movimento, tu já não és mais apenas o x . Então tu tens que fazer uma teoria (algo que ninguém consegue fazer direito), da identidade do x sentado, do x de pé, do x neste momento, do x em outro lugar, porque em lógica contemporânea o x significa apenas aquele exato momento naquela configuração. Já a identidade dialética

inclui o que eu sou e o que eu quero ser, aquilo que fui no passado. As pessoas são uma identidade dialética: elas estão no tempo e têm passado, presente e futuro. Esse é o mundo no qual vivemos realmente. A identidade lógica só vale para a matemática; não vale nem mesmo para a física, na qual já temos uma transição para a identidade dialética. A vida é um sistema dinâmico em funcionamento. Essa é a conclusão a que chego no final desse meu livro. Isso não é mais Hegel, mas uma continuação do sistema hegeliano.

IHU On-Line - O senhor poderia nos dar mais detalhes sobre a acusação de necessitarismo que o sistema de Hegel sofreu e os entraves que, a partir disso, se colocam em relação ética e à liberdade?

Carlos Roberto Cirne Lima - Se dissermos que o sistema de Hegel é necessário, por consequência não há ética e nem liberdade. O necessitarismo não dá chances de escolher entre alternativas. É preciso seguir o caminho “necessário”. Marx tem uma frase que expressa isso muito bem, falando que, quando alguém entra no rio da história, não se deve tentar nadar contra a correnteza porque não adianta nada. O certo é entrar no rio e se deixar levar pela correnteza. Essa correnteza do rio é a necessidade, o necessitarismo do sistema de Marx e que se encontra pré-figurado em Hegel, pois embora tenha alguns textos contra, grosso modo, tende mais para o necessitarismo do que para uma teoria libertária.

IHU On-Line - Em uma entrevista que o senhor nos concedeu, especificamente no número 166 da IHU On-Line, o senhor diz que o panenteísmo¹ “nos levará a

¹ Panenteísmo: Sistema filosófico e teológico que diz que o Universo está contido em Deus (ou nos deuses), mas Deus (ou os deuses) é maior do que o universo. É diferente do panteísmo, que diz que Deus e o universo coincidem perfeitamente (ou seja, são o mesmo). No panenteísmo, todas as coisas estão na divindade, são abarcadas por ela, identificam-se (ponto em comum com o panteísmo), mas a divindade é, além disso, algo além de todas as coisas, transcendente a elas, sem

uma compreensão da unidade do Universo”, aproximando diferentes religiões. Em que medida o conceito de Absoluto hegeliano apóia essa perspectiva?

Carlos Roberto Cirne Lima - O conceito de Absoluto apóia completamente essa teoria, algo que estou formulando com palavras um pouco diferentes. O sistema hegeliano é panenteísta, não há a menor dúvida. E quando um sistema é panenteísta, há mais facilidade de diálogo com outras religiões. Vamos tomar o exemplo do maior teólogo católico do século XXI, Karl Rahner¹. Agora vamos pensar sobre o índio brasileiro, que nunca teve contato com os brancos e que levou uma vida muito decente, muito boa, mas nunca batizou-se ou ouviu falar de Jesus Cristo. Se esse índio morre, ele vai para o céu? Para Rahner, sim. Esse é o cristão anônimo, teoria que

necessariamente perder sua unidade, ou seja, a mesma divindade é todas as coisas e algo a mais. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in welt* (O Espírito no mundo), 1939; *Hörer des wortes* (Ouvinte da palavra), 1941; *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984; e *Grundkurs des Glaubens* (Curso fundamental da fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso fundamental da fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26-04-2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler na *IHU On-Line* n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano* nascido há 100 anos. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

ele formulou e levou ao Concílio Vaticano II². Lá Rahner foi derrotado com essa idéia. Se expandirmos essa teoria, teremos, então, uma teoria ecumênica. O problema é que tanto islâmicos quanto protestantes estão caminhando a passos largos para um extremismo religioso. No Islamismo isso fica bem claro através de todas essas guerras que vemos hoje. A forma como os islâmicos tratam a mulher, o uso da burka, a introdução da lei duríssima da Charia³ essa tendência para o rigorismo é totalmente contra o espírito ecumênico. Uma teoria panenteísta, que há meio século teria efeitos melhores, hoje esbarra no fanatismo religioso, que não é só de uma religião, mas de várias: judeus ortodoxos, árabes e até os protestantes americanos. A Guerra do Iraque tem uma base religiosa protestante. O fanatismo religioso é o maior inimigo de uma posição ecumênica em todos os credos, inclusive no católico.

² Concílio Vaticano II: convocado no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11 de novembro de 2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Charia: lei, código jurídico tradicional das sociedades muçulmanas. Também grafada como Sharia, Shari'a, Shariah ou Syariah. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais foram as maiores dificuldades no projeto que o senhor e seu colega Carlos Soares¹, da UCS, tiveram ao formalizar a Ciência da lógica de Hegel? Como foi a recepção desse estudo pela academia?

Carlos Roberto Cirne Lima - Hegel dizia que sua filosofia não poderia ser formalizada. Só que ele estava falando da lógica do seu tempo. Entretanto, os seus argumentos atingem as lógicas contemporâneas. Assim, o Soares, que é o melhor lógico do Rio Grande do Sul, a meu convite, se debruçou sobre o assunto e tentamos fazer a exposição da primeira parte da Lógica de Hegel em lógica simbólica. O que causa estranhamento é que nenhum lógico lê nosso trabalho porque ele trata de Hegel, e nenhum hegeliano o lê porque é lógica. Então, nós fizemos algo que foi publicado numa revista de circulação ampla e não recebemos nenhuma única manifestação, quer positiva ou negativa. Em seguida, publiquei *Depois de Hegel*, e nele, após cada capítulo, faço uma formalização. No trabalho sobre a Ciência da lógica, fizemos a primeira parte. Agora fiz as três partes numa lógica mais simples, acessível, que todos aprendem no primeiro ou segundo semestre da Filosofia. Do ponto de vista lógico, esse trabalho é muito menos “bonito”, “perfeito”, mas em compensação, mais fácil de ler para um lógico. O texto de *Depois de Hegel* está muito claro, fácil de ler. Espero, num futuro próximo, que haja uma reação maior do que aquela que tivemos quando da formalização da Ciência da lógica através dos dois artigos².

¹ Antonio Carlos Kroeff Soares: filósofo brasileiro que, com Carlos Roberto Velho Cirne Lima, é autor dos artigos *Being, nothing, becoming. Hegel and Us - A formalization*. Filosofia Unisinos, São Leopoldo - RS, v. 6, n. 1, p. 5-39, 2005 e *Being, nothing becoming. Hegel and Us - A formalization. Part 2*. Filosofia Unisinos, v. 7, p. 05-39, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

² Trata-se dos artigos *Being, nothing, becoming. Hegel and Us - A formalization*. Filosofia Unisinos, São Leopoldo - RS, v. 6, n. 1, p. 5-39, 2005 e *Being, Nothing Becoming. Hegel and Us - A formalization. Part 2*.

IHU On-Line - E por que o senhor deu ao seu livro o nome de *Depois de Hegel*?

Carlos Roberto Cirne Lima - Coloquei esse nome porque se eu colocasse apenas Hegel, as pessoas perguntariam com que direito eu estou corrigindo Hegel. O livro não tem a intenção de expor o filósofo ao pé da letra, não sendo uma obra de história da Filosofia. Corrijo Hegel, mudo palavras dele, e assim a obra está baseada no pensador. Não é um livro de um comentador de Hegel. É um livro de alguém que estudou Hegel e que está escrevendo sobre ele. A culpa e a responsabilidade pelos erros e acertos são minhas. O leitor atento perceberá que nesse estudo me alicercei em erros e acertos de Hegel.

IHU On-Line - Antecipando o tema que o IHU tratará no Simpósio Internacional *O Futuro da Autonomia. Uma Sociedade de indivíduos?*, como o senhor conectaria o “dever-ser” de Hegel com a busca e construção da autonomia do sujeito contemporâneo?

Carlos Roberto Cirne Lima - O problema da autonomia é que o eu no sentido singular é algo que não existe. Essa é uma idéia de Hegel e que vem desde Platão, passando pelos neoplatônicos como Plotino³, Nicolaus Cusanus⁴,

Filosofia Unisinos, v. 7, p. 05-39, 2006, onde Cirne-Lima, em parceria com Carlos Soares, faz a formalização da Ciência da lógica de Hegel. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas* (enneadi). Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos gupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Nicolau de Cusa (1401-1464): teólogo alemão. Secundou a ação dos papas na Alemanha. Foi educado com os Irmãos da vida comum em Deventer, onde sofreu a influência do misticismo alemão; em seguida estudou na Universidade de Heidelberg, foco do nominalismo, e na de

chega a Schelling e Hegel e que eu abraço totalmente. Eu não sou apenas um eu singular. Sou nós dois que estamos conversando. Sou nós que estamos lendo esse trabalho. Sou nós que somos Unisinos. Sou nós que somos gaúchos, brasileiros, humanidade, Terra, Universo. Então o eu singular é, ao mesmo tempo, o eu universal. É por isso que eu tenho obrigações com o outro eu, que está próximo de mim, e também com o eu que está bem longe, no outro lado do planeta. Tenho obrigações com a natureza, com a ecologia. O meu eu atinge o universo inteiro. O eu verdadeiro só é verdadeiro quando é universal, o que eu chamo de autonomia, pois é o universo que dá as leis a si mesmo. E eu, enquanto universo, dou as leis a mim mesmo. Bem concretamente, se eu tomar a decisão de fazer algo, essa é uma atitude singular. Em termos estaduais, federais, por exemplo, é correto dizer que eu perdi a minha autonomia porque foram os deputados que fizeram as leis, e não eu? Não. Sou eu que estou simbolicamente na Assembléia fazendo as leis. E se eu não obedeco a alguém “estranho”, estou desobedecendo a mim mesmo. Quando eu obedeco à lei brasileira, obedeco àquele Congresso Nacional, não o singular que existe e que está cheio de ladrões, mas àquele Congresso que representa o meu eu ampliado. É por isso que, quando obedeco à lei brasileira, estou obedecendo algo que eu mesmo fiz. Isso mostra que o eu pode e deve ser expandido de tal maneira que ele abarque não só o município, estado, ou país, mas o universo inteiro. Esse é o sentido da autonomia.

Pádua, onde aprendeu Matemática, Direito e Astronomia. Ordenado padre, teve parte notável no concílio de Basiléia (1432). A seguir, foi legado pontifício, cardeal, bispo. Viveu seus últimos anos na Itália. As obras fundamentais de Nicolau de Cusa são três: *De docta ignorantia*, *De conjecturis*, *Apologia doctae ignorantiae*. As fontes prediletas e principais são o misticismo alemão (Mestre Eckhart), o platonismo e o neoplatonismo cristão e os autores de tendência neoplatônica, em geral. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Então seria correto afirmar que o conceito de autonomia hegeliano se apóia em Kant e, por isso, o indivíduo como um “nó no sistema do mundo” é aquele que age obedecendo como um eu expandido, categoricamente?**

Carlos Roberto Cirne Lima - A diferença sobre a autonomia em Kant e em Hegel é que, para Kant, a autonomia diz respeito apenas ao homem, a quem ele chama de eu transcendental. Mas o eu transcendental de Kant abarca apenas os homens. Nesse sentido, uma ética kantiana é incapaz de fundamentar a ecologia. Então, de acordo com a autonomia de Kant eu posso destruir as florestas, exceto se vou prejudicar outro homem. No conceito de autonomia que eu estou defendendo, mesmo que eu não estivesse prejudicando o outro homem, a floresta tem a sua base moral, e não posso matar animais sem motivo, por exemplo. Não posso destruir uma floresta sem motivo. Posso, sim, comer um animal porque estou um elo acima na cadeia alimentar. Como a autonomia que defendo abrange o homem que se estende pela natureza e abarca o universo inteiro, esta é uma autonomia mais ampla. Kant é parecido com Hegel, porém mais estreito.

***IHU On-Line* - E o que a filosofia pós-moderna, de característica anti-sistema, pode aprender com Hegel? O senhor ainda acha que a Filosofia agoniza por conta dessa falta de sistema? Esse cenário continua e tende a continuar? Por quê?**

Carlos Roberto Cirne Lima - Penso que o problema continua e tende a continuar. A partir da virada do século XIX para o XX, fomos destruindo a razão: prova disso são Nietzsche, Heidegger¹ e outros pensadores. Não

¹ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções

há praticamente ninguém no horizonte da Filosofia que esteja tentando fazer uma visão globalizada do mundo, uma ciência universalíssima, nome usado antigamente. Os filósofos nos departamentos de Filosofia estão todos fazendo história da Filosofia, ou da Ciência. E quem está fazendo filosofia, na minha opinião, é um que outro físico e biólogo, que tem uma visão de conjunto. Acho que alguns físicos contemporâneos são muito mais filósofos do que os professores de Filosofia. Dou um exemplo: a Unisinos publicou o livro *A vida no cosmos* (São Leopoldo: Unisinos, 2004), do físico americano Lee Smolin¹. Acredito que Smolin é mais filósofo do que a maioria dos professores de Filosofia que andam pelo mundo. Por quê? Porque ele tem uma visão do mundo e quer procurar uma teoria do mundo. Essa é a idéia da Filosofia, e os filósofos a abandonaram. Não vejo nenhum filósofo dedicando-se a isso em país nenhum. Uma visão global está sendo dada fajutamente por psicanalistas e, de uma forma muito boa, por cientistas como Lee Smolin e alguns teóricos do sistema.

IHU On-Line - Como Capra, por exemplo?

fundadoras do nazismo. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação*, intitulado *Martin Heidegger. A construção da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Lee Smolin**: professor de Física na Universidade da Pensilvânia, EUA. Como físico teórico, tem contribuído com idéias-chave nas pesquisas pela unificação da Teoria Quântica com a cosmologia e a Teoria da Relatividade. Apresentamos na edição 111 da *IHU On-Line*, de 16-08-2004, seu livro *A Vida do Cosmos*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Também publicamos, na editoria *Livro da Semana*, da edição nº 130, de 28-02-2005, a resenha deste livro, de autoria do professor Dr. Ney Lemke, da Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Smolin concedeu a entrevista *Uma discussão aberta e objetiva* à edição 206 da *IHU On-Line*, de 27-11-2006. (Nota da *IHU On-Line*)

Carlos Roberto Cirne Lima - Bem, cheguei a conhecer o Capra² pessoalmente. Gostamos bastante um do outro. Acho que o grande livro dele é *Teia da vida* (São Paulo: Cultrix, 1997), uma obra na qual ele tem uma visão global. Os outros livros dele eu não recomendo porque ele tenta uma visão global e não a atinge. *A Teia da vida*, contudo, é um livro que traria orgulho para um filósofo.

IHU On-Line - Qual é a importância da Fenomenologia e como o senhor percebe essa obra em relação às demais na Filosofia?

Carlos Roberto Cirne Lima - A Fenomenologia é um dos mais importantes livros da história da Filosofia. Penso, ainda, que há poucas obras para colocar em patamar de igualdade com ela. É um livro difícil de ler, mas de uma grandiosidade, de uma amplitude, de uma visão do mundo tão ampla e sábia que, dificilmente, alguém conseguirá escrever algo parecido. Há, entretanto, um erro no capítulo final, e correções precisam ser feitas. Isso porque esse capítulo desemboca em algo que pode ser interpretado de modo totalitário. Se tu me perguntasses qual é o capítulo mais belo, eu mencionaria a *Vorrede* (prefácio), pela sua concisão e pelo panorama que Hegel dá de cima dessa “montanha”.

² **Fritjof Capra**: físico austríaco, cientista, ambientalista, educador e ativista. Surgiu para o mundo após lançar *O tao da física*, no qual discorre sobre os paralelos, a princípio impossíveis, entre a física quântica e o misticismo oriental. Estabeleceu-se no posto de pensador holístico com *O ponto de mutação*, explorando as mudanças no paradigma social que acompanham as descobertas científicas. Atualmente, vive em Berkeley, na Califórnia. Ele fundou o *Center for Ecoliteracy*, uma instituição que forma profissionais para ensinar Ecologia nas escolas. É professor do *Schumacher College*, um centro de estudos ecológicos na Inglaterra. Em português, foram publicados, entre outros, os livros: *O ponto de mutação* (São Paulo: Cultrix, 1982); *Sabedoria incomum* (São Paulo: Cultrix, 1995); *A teia da vida* (São Paulo: Cultrix, 1997); *O tao da Física* (São Paulo: Cultrix, 2000); *As conexões ocultas* (São Paulo: Cultrix, 2002); e *Pertencendo ao universo* (São Paulo: Cultrix, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

A Fenomenologia mudou nosso modo de compreender o conhecimento

ENTREVISTA COM EDUARDO LUFT

Para o filósofo Eduardo Luft, docente no departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), “a Fenomenologia do espírito abandona a postura kantiana que compreende o filósofo como um investigador do quadro referencial estático de todo conhecimento possível, em nome de uma teoria que compreende o desenvolvimento da filosofia como imanente ao próprio processo de autoconsciência que emana da história da cultura”. Hegel, o maior dialético da modernidade, nos ensina através desse método a “a compreensão da lógica objetiva inerente a todos os eventos, caracterizada pelo jogo dos opostos, pela emergência de oposição e conflito, e ao mesmo tempo orientada para a resolução dos impasses que emanam deste jogo, para a reinstalação da coerência”. E assinala que a Fenomenologia do espírito “mudou nosso modo de compreender o conhecimento”. As afirmações foram feitas na entrevista concedida por Luft por e-mail à IHU On-Line.

Luft é graduado em Jornalismo pela PUCRS, onde cursou mestrado e doutorado em Filosofia. Sua dissertação chama-se Para uma crítica interna ao sistema de Hegel, e sua tese Método e Sistema: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana, ambas orientadas pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima. Autor de inúmeros capítulos de livros e artigos técnicos, Luft escreveu as seguintes obras: Para uma crítica interna ao sistema de Hegel (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995); As sementes da dúvida: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana (São Paulo: Mandarim (Siciliano), 2001) e Sobre a coerência do mundo (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005).



IHU On-Line - Qual é o fundamento da acusação de Popper a Hegel de que seu sistema constitui uma justificação tenuamente velada do governo de Guilherme III⁶²?

⁶² Frederico Guilherme III (1770-1840): rei da Prússia entre 1797 e 1840. Embora Frederico Guilherme e seus conselheiros tentassem manter a Prússia neutra durante as Guerras Napoleônicas, as provocações de Napoleão Bonaparte forçaram-na a declarar guerra à

França em outubro de 1806. Na Batalha de Jena, os franceses derrotaram o exército prussiano de maneira decisiva, o que levou a família real a refugiar-se na Prússia Oriental, onde ficou à mercê do Imperador Alexandre I da Rússia. (Nota da *IHU On-Line*)

Eduardo Luft - Considero precária boa parte da argumentação crítica desenvolvida por Popper⁶³ contra Hegel em *A sociedade aberta e seus inimigos* (3ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987), o que contrasta, por exemplo, com tópicos interessantes desenvolvidos em *O que é dialética*⁶⁴? De fato, a filosofia hegeliana não justifica a adesão a este ou aquele governo ou governante específico, embora tenda a absolutizar um conceito específico de Estado. Apesar destas objeções, considero correta a intuição central popperiana de que certos pressupostos metafísicos do pensamento de Hegel - por exemplo, a tese de uma razão absoluta conduzindo a História - desembocam em uma visão política de tendência totalitária.

IHU On-Line - Até que ponto a linguagem e a terminologia específica de Hegel dificultam a interpretação correta do autor a ponto de ocorrerem tais equívocos?

Eduardo Luft - Certo hermetismo na linguagem é traço que Hegel compartilha com outros filósofos do Idealismo Alemão. Mais do que hermetismo, a complexidade, a densidade do texto, é um traço característico de parte significativa da tradição filosófica alemã. É claro que, quando comparamos o obscuro linguajar hegeliano com a luminosidade dos escritos, por exemplo, de Schopenhauer⁶⁵, destaca-se ainda mais a diferença, e a

⁶³ Karl Popper (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e defensor da democracia liberal. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁴ POPPER, Karl Raymund. "Que é dialética?". Trabalho apresentado em seminário do Canterbury University College, Nova Zelândia, em 1937. Capítulo 15 de *Conjecturas e refutações; o progresso do conhecimento científico*. Brasília: Editora da UnB, 1982. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁵ Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã.

importância da clareza na linguagem. Mas isso não diminui em nada a relevância filosófica do que é dito ou expresso em uma linguagem às vezes pouco clara. As tentativas de clarificação do núcleo de verdade ou de relevância do texto hegeliano são bem-vindas. Deve-se destacar, todavia, que se o hermetismo é repreensível quando parte de um grande filósofo, o é ainda muito mais quando provém de seus intérpretes. Se a clareza é, como diz Ortega⁶⁶, gentileza do filósofo, ela é dever do intérprete.

IHU On-Line - Para escrever suas obras, Hegel queria um instrumento lingüístico que não separasse o sujeito do predicado, pois essa cisão seria prejudicial ao entendimento filosófico. Por outro lado, foi obrigado a usar a linguagem comum para se expressar, e foi vítima de inúmeros mal-entendidos. Nesse sentido, como você compreende o esforço de Cirne Lima e Carlos Soares em traduzir para a lógica formal a *Ciência da lógica de Hegel*?

Eduardo Luft - Na verdade, Hegel não via problema na utilização da estrutura sujeito/predicado na linguagem filosófica - este uso pode ser de fato incontornável. Sua preocupação era com o modo de interpretação desta estrutura. Na lógica aristotélica, a estrutura sujeito/predicado era interpretada à luz de sua associação com uma ontologia substancialista, que Hegel critica fortemente. A sua intenção, portanto, era tornar explícita esta pré-compreensão da estrutura sujeito/predicado, e problematizá-la, dando lugar a uma nova interpretação, uma interpretação dialética da

Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁶ José Ortega y Gasset (1883-1955): filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Carvalho, Pampa: um espaço humano de promessas e realizações, concedida à *IHU On-Line* 190, de 07-08-2006. (Nota da *IHU On-Line*)

estrutura do pensamento. A ontologia substancialista deveria ser substituída por uma ontologia relacional, o atomismo da substância individual deveria ser substituído pelo holismo da subjetividade absoluta, e a imutabilidade do ser deveria dar lugar ao dinamismo do devir. No que diz respeito à mencionada tentativa de tradução do texto hegeliano para a linguagem formal, deve-se destacar que ela tem por fim justamente a clarificação do discurso dialético, o que, como já mencionado anteriormente, é um objetivo altamente meritório. Além disso, ela põe em diálogo profícuo estas duas tradições de pesquisa tão ricas, e muitas vezes conflitantes: Dialética e Analítica. Não nos devemos esquecer de indagar, no entanto, se e em que medida as estruturas formais portam - ou são interpretadas de modo a portar - certos pressupostos ontológicos não explicitados que venham a comprometer a visão dialética defendida por Hegel, o que prejudicaria a tarefa de formalização. Os autores mostram-se conscientes disso, mas a tarefa de explicitação e problematização de tais pressupostos certamente é muito árdua.

IHU On-Line - Segundo o pensamento de Cirne Lima, após a correção do sistema hegeliano, desaparece o necessitarismo, e a contrariedade (e não a contradição) dá espaço para a emergência do novo. Podemos dizer que Hegel concede uma dignidade ontológica à contrariedade?

Eduardo Luft - A filosofia hegeliana desenvolve um tratamento todo peculiar do conceito de contradição. Acredito que ele tenha três sentidos em Hegel, embora o filósofo não os tenha explicitado em seus textos: contradição é em primeiro lugar, no contexto do jogo de opostos, a marca de cada oposto ao necessitar da mediação do outro para preservar-se determinado, ou seja, contradição é insuficiência. Quando não resolvida, a insuficiência conduz à disrupção. Por fim, a insuficiência não é jamais eliminada, mas continuamente

superada por um processo que se alimenta de sua presença dinamizadora (contradição-na-síntese). O próprio Hegel não levou até as últimas conseqüências este dinamismo radical inerente à dialética. O motivo principal é a presença no sistema hegeliano do que denomino teleologia do incondicionado: todo processo dialético é direcionado para um fim predeterminado. É como se a dialética estivesse toda construída com o intuito de realizar um fim absoluto que, quando efetivado, aniquila e inviabiliza o dinamismo: a dialética termina incompatibilizada consigo mesma. Na Fenomenologia, o desenvolvimento histórico-racional do espírito humano conduz ao saber absoluto; na Lógica, o processo do Conceito conduz à autofundamentação última da Idéia; na Filosofia da História, o processo civilizacional desemboca em um conceito absolutizado de Estado. A ênfase de Cirne Lima⁶⁷ de que há um erro no coração do sistema hegeliano que estaria na gênese destas dificuldades e, diria eu, da incompatibilidade da dialética consigo mesma, é muito importante. Mas não acredito que a compreensão de que a logicidade do Conceito não apenas supera a contingência posta ao início do processo, mas se alimenta dela e se desenvolve como gênese contínua do novo e conduz apenas a uma correção do sistema hegeliano. Levar às últimas conseqüências uma crítica deste porte a Hegel significa propor outro sistema de filosofia.

IHU On-Line - Qual acredita ser a maior contribuição e legado da filosofia hegeliana, e em específico, da Fenomenologia do espírito? Quais são as proposições mais importantes dessa obra?

Eduardo Luft - Hegel é o maior dialético da modernidade, e o que a dialética tem a nos ensinar é a

⁶⁷ Carlos Roberto Velho Cirne-Lima: filósofo brasileiro, professor do PPG Filosofia da Unisinos e estudioso de Hegel. Confira nesta edição a entrevista concedida por Cirne-Lima a respeito do pensador alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

compreensão da lógica objetiva inerente a todos os eventos, caracterizada pelo jogo dos opostos, pela emergência de oposição e conflito, e ao mesmo tempo orientada para a resolução dos impasses que emanam deste jogo, para a reinstalação da coerência. Seria imprudente pretender apresentar as principais contribuições de Hegel, que são inúmeras, em um espaço tão curto. Basta dizer, sobre a Fenomenologia, que ela mudou nosso modo de compreender o conhecimento. Se em Kant, o conhecimento era explicado a partir de uma teoria das faculdades do sujeito transcendental que explicitava o quadro teórico fixo que pressupomos desde sempre para pensar o mundo, em Hegel a tarefa do conhecimento não implica a pressuposição de um quadro referencial fixo, mas o esforço contínuo de conceitualização do mundo que envolve a elaboração de quadros referenciais e sua contínua problematização quando emergem novos níveis de consciência. O conhecimento é dinamizado, é pensado no contexto de uma história de auto-esclarecimento da subjetividade. Uma das conseqüências disso é a problematização por princípio da elevação da Epistemologia a disciplina fundante de todo conhecimento possível: se o quadro referencial não é apenas pressuposto, mas continuamente posto em questão no processo cognitivo, a ciência da ciência não pode ser concebida como autárquica, independente da história de desenvolvimento da própria ciência. A construção da ciência, de nosso saber sobre o mundo, e sua problematização reflexiva (a ciência da ciência) se desenvolvem juntas, como momento de um processo total de auto-esclarecimento. É por isso que a Fenomenologia do espírito abandona a postura kantiana que compreende o filósofo como um investigador do quadro referencial estático de todo conhecimento possível, em nome de uma teoria que compreende o desenvolvimento da filosofia como imanente ao próprio processo de autoconsciência que emana da história da cultura.

IHU On-Line - Em que medida podemos dizer que a Fenomenologia do espírito constitui uma dialética ascendente? E como entender essa obra dentro do conjunto do autor?

Eduardo Luft - Com isso respondo também esta questão: a história do desenvolvimento do espírito pensada como história de seu auto-esclarecimento é compreendida hegelianamente como o esforço contínuo de pensar a totalidade, de se reinserir enquanto indivíduo e enquanto cultura no sentido do Todo. É, portanto, uma dialética ascendente, mas de tipo muito peculiar. Se de fato, como pensa Hegel, este processo de auto-esclarecimento fosse regido por uma teleologia do incondicionado, então não seria difícil imaginar um fim último almejado e alcançado pelo desenvolvimento cultural: a realização do saber absoluto. Ao contrário, se a realização da fundamentação última do saber é inviável, então o movimento ascendente, da autoconsciência do sujeito individual ao conhecimento do Todo, é sempre um processo tentativo, e continuamente renovado, e não a caminhada triunfal rumo ao saber absoluto.

IHU On-Line - “Aliás, não é difícil ver que nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época. O espírito rompeu com o mundo do seu ser-aí e de seu representar, que até hoje durou; está a ponto de submergi-lo no passado, e se entrega à tarefa de sua transformação. Certamente, o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente”, escreveu Hegel na Fenomenologia do espírito (Petrópolis: Vozes, 2001, § 11, p. 26). Como essa idéia nos ajuda a compreender o momento de tantas transformações e incertezas pelo qual passa a sociedade?

Eduardo Luft - O processo fenomenológico de desenvolvimento do espírito não envolve apenas uma

tarifa teórica, mas também prática. O sujeito não apenas conhece a si mesmo e ao mundo, ou se esforça para isso, mas se envolve praticamente com as circunstâncias, e é da contraposição prática vivencial com o mundo que emanam muitos dos conflitos e a necessidade de sua superação. Hegel vê as culturas como desenvolvendo paradigmas (para usar uma linguagem kuhniana⁶⁸) de autocompreensão e compreensão do mundo, e orientando-se por estes paradigmas. Em um primeiro momento, a construção de um paradigma significa uma etapa decisiva no processo de auto-esclarecimento. Mas muitas vezes este mesmo paradigma funciona como uma camisa-de-força, e está na gênese da incapacidade da cultura, ou do indivíduo, de libertar-se na direção de novas perspectivas e visões de mundo mais consistentes. Uma questão que me coloco continuamente é como estaria representado, numa Fenomenologia atualizada, o fenômeno da crise ecológica. Certamente, este fenômeno tem todas as propriedades típicas daquilo que Hegel denomina uma figuração do espírito. A crise ecológica é um desdobramento conseqüente da autocompreensão e da compreensão de mundo típicas do pensamento moderno, e não pode ser superada sem o questionamento da visão de mundo moderna. Mas não se trata aqui de uma tarefa a ser deixada a cargo de um pensador isolado: trata-se de um esforço de toda uma cultura, que, exposta claramente a uma situação de impasse cognitivo e existencial, se vê forçada a encontrar uma alternativa teórica e prática. A crise ecológica, o conflito extremo entre homem e natureza, que vivenciamos, é uma situação análoga, mas muito mais dura, ao conflito entre subjetividades que está na gênese da dialética do senhor e do escravo, tão bem

⁶⁸ Thomas Kuhn (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas*. 7.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

tratada na Fenomenologia hegeliana. Mas não se trata agora apenas ou propriamente de enfrentar o conflito entre subjetividades diversas, entre culturas antagônicas, mas de superar a tensão entre a civilização e o reino natural, um conflito que está nos colocando em uma situação extrema, potencialmente muito mais grave do que qualquer outra enfrentada pelo gênero humano.

***IHU On-Line* - Citando seu artigo “A fenomenologia como metaepistemologia”, publicado na Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, Ano 3, nº 4, junho de 2006, “de fato, a Fenomenologia do espírito pode ser compreendida como uma metaepistemologia cuja função é inverter gradualmente a postura epistêmica na direção de uma abordagem ontológico-reflexiva, ou seja, como introdução à Ciência da lógica”. A partir disso, é correto entendermos a Fenomenologia como uma preparação para esta última obra? Por quê?**

Eduardo Luft - A Fenomenologia ocupa uma posição ambígua dentro do sistema de filosofia. Ora, ela é pensada como uma introdução à Lógica (Fulda⁶⁹), ora como um dos momentos constitutivos, junto com a Psicologia e a Lógica, do coração do sistema (Puntel⁷⁰). Isso se explica pela própria história de formação do pensamento hegeliano. Em seus primeiros esboços de sistema, vemos Hegel contrapondo Lógica e Metafísica. Em uma situação análoga à relação entre a Crítica da razão pura kantiana e o sistema transcendental propriamente dito, a Lógica surge em Jena⁷¹ como uma

⁶⁹ Hans Friedrich Fulda: filósofo alemão, estudioso de Hegel e professor em Heidelberg. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁰ Lorenz Bruno Puntel: filósofo brasileiro radicado na Alemanha, professor em Munique. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷¹ Jena, ou Jena: cidade da Alemanha, localizada na Turíngia, e considerada a terceira maior deste estado. Possui uma área de 114.29 km². Ficou famosa por sediar a Batalha de Jena, em 14 de outubro de 1806, quando se enfrentaram o exército francês de Napoleão contra as tropas prussianas de Frederico Guilherme III. Hegel começou sua carreira docente na Universidade de Jena. (Nota da *IHU On-Line*)

propedêutica do sistema de filosofia. Ela tem a função de realizar a crítica do entendimento, ou do pensamento analítico, diríamos hoje em dia, na sua tentativa de pensar as categorias metafísicas, deixando lugar aberto para o verdadeiro pensamento especulativo, a dialética (a ser desenvolvida na Metafísica). Quando Hegel unifica, em sua Lógica madura, criticidade e especulação, a função propedêutica ficará a cargo da Fenomenologia do espírito. A questão é se a criticidade exercida pela Fenomenologia é ou não ou pressuposto essencial do sistema de filosofia e, sendo este o caso, como dar consistência à relação entre a introdução e o sistema propriamente dito. Acredito que o fracasso da pretensão de fundamentação última do saber em um saber absoluto, típica da Lógica hegeliana, fortifica a dúvida acerca de nossas pretensões de dizer o Todo. Embora acredite que a pergunta pelo Todo - e sua tentativa de resposta - seja incontornável, também creio que tal empreendimento não perde jamais seu caráter tentativo. Sendo assim, a dialética ascendente que conduz da Fenomenologia à Lógica e a dialética descendente que conduz da Lógica à Filosofia do Real são apenas momentos da tarefa continuamente reposta, e nunca definitivamente concluída, de dizer a totalidade.

IHU On-Line - Nesse mesmo artigo, você menciona ter “argumentos para demonstrar que Hegel não foi capaz, na Lógica, de escapar do trilema cético que mina todo fundacionismo (regresso ao infinito, má-circularidade ou dogmatismo)”, desenvolvidos por você em *As sementes da dúvida: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana* (São Paulo: Mandarim (Siciliano), 2001). Poderia explicar mais sobre esses três argumentos?

Eduardo Luft - Nisso chegamos ao tratamento do problema do Trilema cético. Se conhecimento é “opinião verdadeira acompanhada de razão”, como afirma

Platão⁷² no Teeteto, conhecer supõe um processo de justificação de crenças. Ocorre que todo processo de justificação de crenças parece cair refém do Trilema. Se pretendemos justificar uma crença “p” apelando à verdade de uma crença “q”, cabe perguntar por que deveríamos crer na verdade de “q”. E disso resulta: 1) ou “q” necessita de justificação, e todas as demais crenças a que apelarmos para justificar q igualmente necessitam de justificação - caímos no regresso ao infinito; 2) ou justificamos “q” mediante o apelo a “r”, que por sua vez supõe “q” - círculo vicioso; 3) ou simplesmente supomos, sem justificativa, “q” como verdadeira - parada dogmática. Hegel tem consciência plena do problema, e procura enfrentá-lo com o recurso à estrutura circular da Lógica. O filósofo dialético aposta na presença de uma boa circularidade no processo de justificação do conhecimento. Por razões que não posso explicitar aqui, creio que boa circularidade só é possível no contexto de um processo autojustificador que envolve ao mesmo tempo holismo - o sistema de crenças é autárquico (autodeterminado e autodeterminante) - e infinitismo - o processo de justificação é potencialmente infinito, ou seja, aberto a contínuas modificações e readaptações. A tentativa de Hegel de desenvolver um processo de autojustificação junto com fundamentação última do conhecimento implica a defesa de um sistema fechado - e não aberto - de justificação: um holismo sem infinitismo. Essa posição não é apenas inviável, mas, se plenamente realizada, conduziria a uma incompatibilidade da dialética consigo mesma: alcançado o saber absoluto, o processo contínuo de renovação típico do dinamismo dialético seria eliminado. Essa é minha tese em *As sementes da dúvida*.

⁷² Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e *O Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Qual é a situação da pesquisa sobre Hegel no Brasil? Como está a discussão sistemática sobre seu pensamento através da Sociedade Hegel Brasileira, por exemplo?

Eduardo Luft - O estudo de Hegel no Brasil, assim como no cenário internacional, certamente sofreu um refluxo com o colapso do marxismo. O marxismo representa um desenvolvimento muito peculiar, muito próprio de certas teses hegelianas, como o dinamismo e o conflito inerentes à realidade - portanto, sua estruturação dialética-, a presença de uma razão objetiva conduzindo o processo histórico no contexto de uma teleologia do incondicionado, entre outras. Especialmente a criticidade da dialética é exacerbada pela descrença marxista na capacidade do Estado moderno em mediar satisfatoriamente os conflitos da

sociedade civil - contrariamente ao otimismo hegeliano nesse contexto. Especificamente no Brasil, as teses marxistas encontraram forte recepção e tiveram profundo impacto na cultura, sobretudo no momento de confronto com a ditadura militar. Por outro lado, quem estudava Marx corretamente logo sabia, ou era avisado, que a dialética marxista só podia ser compreendida adequadamente pelo estudo da obra de Hegel, particularmente da Lógica. O interesse por Hegel vem, portanto, atrelado ao interesse por Marx. Com o colapso do marxismo, é natural que ocorra um certo refluxo também no interesse por Hegel. Todavia, isso pode ser mesmo um estímulo para repensar a filosofia hegeliana a partir dela mesma, por assim dizer, sem os vícios de um viés politicamente comprometido. E de fato tem sido um estímulo nesse sentido.

Liberdade, necessitarismo e ética em Hegel

ENTREVISTA COM MARCELO FERNANDES DE AQUINO

De acordo com o Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, SJ, reitor da Unisinos, a questão de fundo que divide os intérpretes de Hegel é se a sua filosofia é necessária ou expõe a liberdade. “Sobre isso, ainda vai se dar muita discussão. Alinho-me com a leitura do Padre Vaz, entendendo Hegel como representante problemático do pensamento da liberdade”. Sobre a resposta hegeliana aos projetos éticos de Descartes, Hobbes e Kant, pontua: “Descartes e Hobbes inauguram, respectivamente, os projetos racionalista e empirista da ética moderna. O primeiro, sob a égide do cogito, e o segundo sob a égide do corpo. Kant inaugura em senso estrito uma nova família de pensamento ético: o dever-ser. Aristóteles (ética da felicidade) e Kant (ética do dever) são alguns dos interlocutores maiores de Hegel que, por sua vez, subverte tanto o primeiro quanto o segundo”.

Aquino é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Aloisianum, em Milão, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma (PUG), ambas na Itália. É especialista em Filosofia pela Hochschule Für Philosophie, em Munique, mestre e doutor em Filosofia pela PUG e mestre em Teologia pela mesma instituição. cursou pós-doutorado no Boston College, nos EUA. É autor de O conceito de religião em Hegel (São Paulo: Loyola, 1989), originado de sua tese em Filosofia. Além da função de reitor, assumida em 02-01-2006, Aquino segue lecionando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos. O reitor concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line: nas edições 19º, de 27-05-2002, sobre a morte de Padre Vaz, e na edição 75, de 15-09-2003, a respeito do lançamento pela Editora Unisinos do Dicionário de Ética e Filosofia Moral, de autoria de Monique Canto-Sperber. Na edição 170, de 6-03-2006, Aquino falou sobre sua nova função como reitor da Universidade. Na edição 185, de 26-06-2006, falou sobre Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa. A entrevista que segue foi concedida por e-mail. Confira.

IHU On-Line - Em que aspectos Hegel abandona, supera e conserva o pensamento kantiano? É exato dizer que a dialética hegeliana é uma tentativa de superação do dualismo kantiano “númeno-fenômeno”?

Marcelo Aquino - Para situar a questão, reporto-me à tese recentemente defendida por Robert Hanna⁷³ em seu

⁷³ Robert Hanna: filósofo canadense naturalizado americano, é PhD em filosofia pela Universidade de Yale e leciona na Universidade do Colorado, Boulder. É autor de três livros e diversos artigos para jornais e periódicos. Suas áreas de pesquisa e especialização incluem história



livro *Kant e os fundamentos da Filosofia analítica* (São Leopoldo: Unisinos, 2005), segundo a qual Kant é um dos fundadores da Filosofia analítica contemporânea. Vejo com mais clareza, hoje, que a contraposição entre Kant e Hegel é a mesma, fundamentalmente, que há entre Filosofia analítica e Dialética: o Todo e sua categorização como o Absoluto. Realmente, é preciso partir da crítica hegeliana ao dualismo kantiano entre “númeno” e “fenômeno”. Num sentido bem específico, pode-se falar de um monismo hegeliano, cuja articulação teórica acontece de maneira acabada na exposição da idéia absoluta na Ciência da lógica, e sua expansão (mais precisamente *Erweiterung*) na Filosofia da natureza e na Filosofia do espírito, que se dá na exposição da Enciclopédia de 1830. A questão do Todo categorizado como o Absoluto alcança notável espessura filosófica na crítica à concepção kantiana de moralidade que Hegel desenvolve na esfera da Eticidade na Filosofia do Espírito objetivo da Enciclopédia. Em outras palavras, o dualismo no âmbito da razão especulativa dá origem ao dualismo entre razão teórica e razão prática, e dele decorre, ainda, a nítida separação entre o ético e o jurídico, a virtude e o direito, o moral e o legal, que caracteriza o pensamento ético de Kant. A supressão de todo dualismo, ou cisão, na ordem do ser, sobretudo do dualismo inconciliável que, segundo Kant, divide a razão pura entre o uso teórico e o uso prático e, portanto, cinde igualmente a ação humana (a história e a cultura) entre o ser e o dever-ser, a natureza e a liberdade, era uma primeira e fundamental consequência da posição que afirma como princípio a identidade ainda abstrata entre ser e manifestação. A abolição da incognoscibilidade da coisa-em-si era uma condição necessária para o cumprimento do roteiro hegeliano.

da filosofia moderna, filosofia da mente e da linguagem, e ética. De seus livros, destacamos *Kant e os fundamentos da Filosofia analítica* (São Leopoldo: Unisinos, 2005). (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - A partir dessa dialética, como se situa a questão do determinismo e da liberdade no sistema hegeliano?**

Marcelo Aquino - Esta é a questão de fundo que divide os intérpretes de Hegel: sua filosofia é necessária ou expõe a liberdade? Aqui no Brasil, por exemplo, o Professor Cirne Lima, um dos intérpretes mais respeitados de Hegel, retoma e reelabora a crítica de Schelling ao sistema hegeliano. Pessoalmente, alinho-me com a posição do Padre Vaz, lendo Hegel como representante problemático do pensamento da liberdade. Tudo depende, em grande parte, da interpretação que se dê ao engendramento da determinidade Efetividade (*Wirklichkeit*) na Lógica da essência. Ora, a Efetividade, cujos momentos lógicos são ‘o absoluto’, ‘a efetividade’ e ‘a relação absoluta’, inscreve-se no horizonte metafísico que resultou da fusão do conceito aristotélico de *enérgeia*, do conceito latino-medieval de *actus purus* e do conceito espinosiano de *causa sui*. Ela desenha, grosso modo, a proporção direta entre interioridade e exterioridade, que encontrará o seu acabamento na última determinação lógica da exposição genética do conceito, a ‘ação recíproca’. O agir efetivo é o traço semântico dominante no conceito hegeliano de efetividade: “o que é efetivo, pode agir” (*was wirklich ist, kann wirken*).

***IHU On-Line* - Hegel acentuou que o indivíduo só é livre quando se conhece como livre, e só atinge este conhecimento quando põe à prova a sua liberdade. Como o homem contemporâneo pode apropriar-se dessa premissa para repensar seu papel na sociedade, sobretudo no que diz respeito à sua autonomia?**

Marcelo Aquino - A Lógica objetiva, próxima de cumprir a exposição genética do conceito, nos põe frente a esta afirmação de Hegel: “a coisa originária é esta, enquanto ela é somente a causa dela mesma, e esta é a substância liberada em conceito” (*die ursprüngliche*

Sache ist dies, indem sie nur die Ursache ihrer selbst ist, und dies ist die zum Begriffe befreite Substanz WLI1219[Lasson]). O fecho final da exposição genética do conceito é este: “este é o conceito, o reino da subjetividade ou da liberdade”. Perante a disseminação do conhecimento digitalizado, e sua aplicação tecnológica nas áreas da informação, da biologia, por exemplo, seria importante repensar a esfera da Eiticidade levando em consideração a rememoração especulativa do ser feita por Hegel, como antídoto preventivo a qualquer tentativa de instaurar o reino da autonomia a partir de pressupostos dualistas.

IHU On-Line - Em linhas gerais, qual é a resposta de Hegel aos projetos éticos de Descartes, Hobbes e Kant? Como ele dialoga com as idéias desses filósofos?

Marcelo Aquino - Descartes e Hobbes inauguraram, respectivamente, os projetos racionalista e empirista da ética moderna. O primeiro, sob a égide do cogito, e o segundo sob a égide do corpo. A doutrina hegeliana do reconhecimento, com sua famosa dialética senhor e escravo, torna-se ininteligível caso se desconheça seu fundo hobbesiano. Kant, por sua vez, inaugurou, em senso estrito, nova família de pensamento ético: a ética do dever-ser. Aristóteles (ética da felicidade) e Kant (ética do dever) são alguns dos interlocutores maiores de Hegel. Seria interessante aprofundar a doutrina hegeliana da Handlung (ação) e chegar ao palimpsesto da doutrina aristotélica da práxis, mas já no contexto da *Metafísica* da subjetividade. Igualmente, estudar a doutrina hegeliana da virtude, cotejando-a com suas homônimas aristotélica e kantiana. O diálogo de Hegel com seus grandes predecessores é subversivo. Ele se apropria do pensamento de determinado autor, ao mesmo tempo que o subverte, ou seja, o remodela completamente.

IHU On-Line - Em que aspectos o “Absoluto real pensado segundo as formas de sua manifestação na história cumpriria a abolição da incognoscibilidade da ‘coisa em si’, e se constituiria como princípio unificador e fundamental do sistema das razões da liberdade”, conforme consta em seu artigo *Sistema e liberdade. A fundamentação metafísica da ética em Hegel (II)*”?

Marcelo Aquino - A superação hegeliana da teoria da ‘coisa-em-si’ acontece no segundo capítulo (o fenômeno) da segunda secção (o fenômeno) da *Lógica da essência*. A ‘coisa existente’ e a ‘coisa-em-si’ já estão, em certo sentido, sob a regência do fenômeno. O fenômeno é, pois, a primeira verdade da existência. Ele corresponde ao parecer da essência nela mesma e a ela mesma, que é inerente às determinações reflexivas. Mas a sua gênese acontece a partir de uma imediatidade que se constituiu como mediação, isto é uma imediatidade refletida. Como diz Hegel, “o fenômeno é, por conseguinte, unidade de aparência e de existência” (die Erscheinung ist daher Einheit des Scheins und der Erscheinung WLI123). Em outras palavras, o fenômeno “é aparência real, em que os momentos da aparência têm existência” (WLI123). Na *Ciência da lógica*, o fenômeno comporta uma inteligência mais articulada da relação entre o mundo do em-si e o da realidade fenomenal. Esta inteligência consiste na apreensão da coerência lógico-estrutural do mundo exterior com a interioridade que a habita e a constitui como tal. O Absoluto real, ou pensado segundo uma lógica da existência, é um filosofema que aparece com a reflexão cristã de Deus, em contraponto com o essencialismo estático do Absoluto como idéia (Platão) ou forma (Aristóteles). O tema “história” está profundamente ligado à concepção judaico-cristã da revelação como história, em que o Absoluto vem ao encontro (katábasis) dos humanos como um dom gratuito. Hegel, às vezes, heleniza o cristianismo. O foco da tensão cristã com o pensamento de Hegel está, penso

eu, na questão do dom, da gratuidade.

IHU On-Line - O marxismo entendeu Hegel equivocadamente ao justificar o totalitarismo soviético, por exemplo? Por quê? A exacerbação estatal dos regimes de exceção pode ser compreendida à luz do hiper-racionalismo proposto por Hegel sobre o Estado?

Marcelo Aquino - O foco desta pergunta diz respeito à leitura que Marx fez dos textos hegelianos. Seguindo o fio condutor deste entrevista, penso ser mais razoável perguntar-se como Marx articula Lógica, Dialética e Teoria do Conhecimento no seu esforço de inverter a dialética hegeliana. Deste ponto de vista, posso falar de uma leitura equivocada de Hegel por parte de Marx, que o leu pelo viés da teoria marxiana da base e superestrutura, que em seu cerne materialista encerra uma visão necessária da história. Seria preciso, igualmente, perguntar-se pela leitura que Lenin⁷⁴ fez da lógica hegeliana. Quem sabe, no pensamento de Lenin são detectáveis as raízes paleo-bizantinas na concepção do poder estatal? Pergunto-me se a concepção hegeliana de Estado é passível de aproximação à tradição do liberalismo anglo-saxão. Para isso, ainda não tenho resposta.

⁷⁴ **Vladimir Ilyitch Lenin** (1870-1924): Originariamente chamado de Vladimir Ilyitch Uliânov. Revolucionário russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. (Nota da *IHU On-Line*)

O desafio de traduzir Hegel para o português

ENTREVISTA COM PAULO GASPAR DE MENESES

Para o filósofo Paulo Gaspar de Meneses, SJ, tradutor da obra Fenomenologia do espírito (Petrópolis: Vozes, 1992, 2 vols), “a maior dificuldade foi o entendimento exato do pensamento de Hegel, e em seguida foi vertê-lo para um português acessível e bonito”. Sobre os pontos mais importantes dessa importante obra, que hoje completa dois séculos de lançamento, Meneses afirma: “O que eu mais destacaria na Fenomenologia, não seriam propriamente “Idéias”, mas a forma de pensar dialeticamente, “por verbos, e não por substantivos”, e menciona que “toda a filosofia posterior nela se inspira”.

Meneses é graduado em Filosofia pela Faculdade Pontifícia de Friburgo (FPF) e doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), onde leciona no departamento de Filosofia. Coordena o Núcleo de Estudos da América Latina (NEAL) da Unicap. De sua autoria, citamos as obras Para ler A Fenomenologia do Espírito (São Paulo: Loyola, 1985) e A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino (São Paulo: Loyola, 1999). Suas traduções de Hegel foram as seguintes: Filosofia do espírito (São Paulo: Loyola, 1995) Lógica (São Paulo: Loyola, 1995) e Filosofia da natureza (São Paulo: Loyola, 1997).

IHU On-Line - O que significa traduzir Hegel para o português? Quais são as maiores dificuldades em traduzir esse pensador e o que se perde nesse processo? O senhor concorda que a linguagem hermética e o jargão hegeliano dificultam a interpretação correta do autor? O que se pode fazer para minorar as incompreensões com relação à sua obra?

Paulo Meneses - Traduzir Hegel para o português foi uma difícil tarefa, mas necessária para colocar ao alcance dos estudantes e dos estudiosos em geral esse importante texto, já traduzido para tantas línguas, menos a nossa. A maior dificuldade foi o entendimento exato do pensamento de Hegel, e, em seguida, foi vertê-lo para um português acessível e bonito. Certamente, como digo na apresentação, “toda a tradução é por essência imperfeita”, e nesse processo se perde sempre



alguma coisa ou nuance da linguagem original. Mas não considero a escrita de Hegel como hermética nem cheia de jargões. Não há grande filósofo fácil (quem busca facilidades pode recorrer a Paulo Coelho⁷⁵), nem Hegel cultiva jargões, mas emprega as palavras correntes de seu idioma, que em geral explica quando lhes dá um sentido específico, como faz, por exemplo, com *aufheben*.

⁷⁵ Paulo Coelho (1947-): escritor brasileiro que tem ocupado, sistematicamente, as primeiras posições no ranking dos livros mais vendidos no mundo. Já vendeu mais de 65 milhões de livros, sendo o autor mais vendido em língua portuguesa de todos os tempos, ultrapassando até mesmo Jorge Amado. Em 2002, foi eleito para ocupar a cadeira número 21 da Academia Brasileira de Letras. Dentre seus grandes sucessos editoriais, destacam-se O diário de um mago (1987), O alquimista (1988) e Brida (1990). (Nota da *IHU On-Line*).

IHU On-Line - Qual foi a colaboração do Padre Machado na tradução da Filosofia da natureza na Enciclopédia de 1830?

Paulo Meneses - Foi Pe. Machado⁷⁶ que traduziu a Filosofia da natureza porque, na opinião do Pe. Vaz⁷⁷, era a única pessoa no Brasil capaz de fazê-lo (por conhecer tanto a filosofia como as ciências e sua história). Eu colaborei a cada etapa, como ele mesmo reconheceu na sua introdução.

⁷⁶ **Padre José Nogueira Machado:** filósofo brasileiro, que com Karl-Heinz colaborou na tradução da *Fenomenologia do espírito*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Gaspar de Meneses, SJ. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁷ Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A *IHU On-Line* número 19, de 27 de maio de 2002, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz. A referida edição teve como título Sábio, humanista e cristão. Sobre ele também pode ser consultado na *IHU On-Line* nº 140, de 9 de maio de 2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin. A revista Síntese. Revista de Filosofia, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo Um Depoimento sobre o Padre Vaz, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria Memória. Confira, ainda os seguintes materiais, publicados pela *IHU On-Line*: a Entrevista da Semana intitulada Vaz e a filosofia da natureza, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06; a entrevista Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06; os Artigos da Semana intitulados O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental, na edição 185, de 19-06-06, e Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz, na edição 189, de 31-07-06, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a *IHU On-Line* edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa A política em tempos de nihilismo ético. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada Crise de fundamentos éticos do espaço público, e a entrevista com Marcelo Perine, Padre Vaz e o diálogo com a modernidade. Sobre esse tema, em específico, Perine tratará em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma Sociedade de Indivíduos? Na edição 186 da *IHU On-Line*, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista Vaz, intérprete de uma civilização arreligiosa. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais são as idéias que o senhor destacaria como mais importantes da Fenomenologia do espírito? E qual é a maior contribuição dessa obra para a filosofia?

Paulo Meneses - O que eu mais destacaria na Fenomenologia não seriam propriamente “Idéias”, mas a forma de pensar dialeticamente “por verbos, e não por substantivos”, o que foge ao alcance de muitos que tratam de Hegel como se ele fosse um filósofo qualquer, sem ajustarem-se ao ritmo de seu pensamento, como fazem B. Bourgeois⁷⁸ e Pe. Vaz.

IHU On-Line - Como a Fenomenologia do espírito pode auxiliar o sujeito contemporâneo a construir sua autonomia?

Paulo Meneses - Como o tema central da Fenomenologia é a liberdade (como aliás do resto da obra de Hegel), seu conhecimento verdadeiro muito ajudaria o sujeito contemporâneo a construir sua autonomia.

IHU On-Line - Por que razões alguns totalitarismos adotaram o pensamento hegeliano? Qual é a justificativa filosófica desse equívoco?

Paulo Meneses - Os totalitaristas não adaptaram o pensamento hegeliano, mas usaram expressões ou frases fora do contexto para justificar seus absurdos, como, por exemplo, Heidegger, querendo remontar seu estado, determinado pela vontade de Führer⁷⁹ ao Estado de

⁷⁸ **Bernard Bourgeois:** filósofo francês, autor de, entre outros, *Hegel à Francfort ou Judaïsme-Christianisme-Hegelianisme*. Paris: J. Vrin, 1970. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁹ **Adolf Hitler** (1889-1945): o termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer “condutor”, “guia” ou “líder”. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf* (*Minha Luta*). A edição 145 da *IHU On-Line*, de 13 de junho de 2005, comentou na

Hegel, que era o campo da razão e da liberdade.

Segundo Richard Kroner⁸⁰, essa é a “obra mais genial de Hegel e talvez a obra mais genial de toda a história da filosofia” (Hegel Studien, 1991). Toda a filosofia posterior nela se inspira.

***IHU On-Line* - Como percebe a importância e a profundidade do estudo do Padre Vaz sobre Hegel? Qual é a influência da obra vaziana nos estudos de Hegel em nosso país?**

Paulo Meneses - Pe. Vaz escreveu pouco sobre Hegel, ocupado que estava em fazer textos para seus alunos. Mas o pouco que escreveu se destaca entre tudo o que foi escrito no Brasil sobre Hegel (por exemplo, O senhor e o escravo) e influenciou a todos que vieram depois. De fato, escrever sobre Hegel não parece ser difícil - haja vista os muitos que hoje escrevem sobre esse autor -, mas entender mesmo, pensar hegelicamente, era coisa para Vaz e sua genialidade inegável.

editoria *Filme da Semana*, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda - as últimas horas de Hitler*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁰ Richard Kroner (1884-1974): filósofo alemão hegeliano, conhecido pela obra *De Kant a Hegel* (1921/4), uma história clássica do idealismo alemão escrita do ponto de vista neo-hegeliano. (Nota da *IHU On-Line*)

Teologia Pública

“Os pobres são contemporâneos de Aparecida”

ENTREVISTA COM PAULO SUESS

Com a proximidade da V Conferência Geral do Celam (Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe), que se realizará no próximo mês de maio, em Aparecida, São Paulo, com a presença do Papa Bento XVI, a revista IHU On-Line decidiu entrevistar alguns teólogos para repercutir esse evento tão importante no meio eclesial. A Conferência tem o seguinte tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos Nele tenham vida”.

Na edição desta semana, publicamos a entrevista que realizamos, por e-mail, com o teólogo Paulo Suess. Professor em universidades da Alemanha e no mestrado e doutorado em Teologia da Missão na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, Suess é autor dos Cadernos Teologia Pública, n.18, intitulado Do ter missões ao ser missionário. Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II. O Concílio Vaticano II foi tema de um evento promovido pelo IHU em 2005, que contou com a participação do professor Paulo Suess. Na época, ele concedeu uma entrevista, publicada na 161ª edição da IHU On-Line, de 24 de outubro de 2005.

Alemão radicado no Brasil há mais de trinta anos, Suess é um pensador do diálogo inter-religioso, com base nas experiências com os povos indígenas. Atua como assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para a questão indígena no Brasil. Doutorou-se em Teologia Fundamental pela Universidade de Münster (Alemanha). Tem dezenas de livros publicados, entre os quais mencionamos: O catolicismo popular no Brasil: Tipologia de uma religiosidade vivida (São Paulo: Loyola, 1979); Em defesa dos povos indígenas: documentos e legislação (São Paulo: Loyola, 1980); Do grito à canção: poemas de resistência (São Paulo: Paulinas, 1983); Queimada e semeadura (Petrópolis: Vozes, 1988); e Travessia com esperança (Petrópolis: Vozes, 2001).

Na entrevista que segue, Suess fala sobre as expectativas em relação à V Conferência, sobre seu processo de preparação e sobre o contexto que antecedeu sua realização. Confira:

IHU On-Line - Qual a sua apreciação do processo preparatório da V Conferência, considerando o que foram as Conferências anteriores e as diferentes reações aos documentos de participação e de síntese no cenário eclesial latino-americano?

Paulo Suess - No processo preparatório não faltaram boas contribuições que, geralmente, vieram das bases. A proximidade ao chão das comunidades garantiu levantar as questões reais dos respectivos países e da Igreja latino-americana e caribenha. No agir institucional, essas contribuições foram muitas vezes descartadas e filtradas. Os documentos que vieram do Celam como “sínteses”⁸¹, geralmente, não refletiram os anseios, as dores e a riqueza das propostas das comunidades. Algo semelhante aconteceu na preparação das outras Conferências. Se os anseios dos povos latino-americanos e caribenhos encontrarão voz e articulação, vai depender muito da coragem dos bispos em Aparecida. Vale lembrar que o Vaticano II começou com um não à documentação preparada pelas Congregações romanas.

IHU On-Line - O que o senhor aponta como questões-chave que mais desafiam a atuação da Igreja na América Latina?

Paulo Suess - Essas questões-chave, que são do conhecimento do povo e dos seus pastores, podem ser nucleadas como imperativos que emergem do Evangelho:

- a assunção da realidade, compreendida como sinal de Deus no tempo, deve tornar-se novamente ponto de partida de qualquer reflexão teológica e ação pastoral,

⁸¹ Refere-se ao documento *Síntesis de los aportes recibidos* editado pelo CELAM, 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

segundo o princípio do Santo Irineu⁸²: assumir para redimir (cf. Puebla⁸³ 400);

- a opção pelos pobres, que deve ser aprofundada como opção com os pobres, respeitando sua subjetividade e seu protagonismo na construção do Reino;
- o reconhecimento teológico-pastoral da Igreja local, que exige mudanças estruturais; a Igreja local precisa romper com qualquer tipo de tutela colonial e praticar a sua idade adulta;
- a ampliação, descentralização e reestruturação dos ministérios para que na prática pastoral possam responder à diversidade sociocultural, dispersão geográfica e necessidade espiritual do povo de Deus;
- a participação qualitativa e diferenciada dos leigos, sobretudo das mulheres, na Igreja;
- a co-responsabilidade significativa do Povo de Deus na escolha dos seus pastores, sem os formalismos democráticos da sociedade civil, porém com regras de participação estabelecidas;
- a formação dos agentes pastorais (diáconos, futuros padres, leigos) a serviço e na proximidade do povo simples e pobre;
- continuidade e aprofundamento do diálogo ecumênico e inter-religioso.

IHU On-Line - Como o sonho de uma sociedade igualitária, justa e solidária das Conferências de Medellín⁸⁴ e de Puebla⁸⁵ chega até Aparecida?

⁸² Santo Irineu de Lion: nasceu por volta do ano 130/135, provavelmente em Esmirna, na Ásia Menor. Era chamado: Zelador do Testamento de Cristo, tendo vivido na época dilacerada por heresias que colocavam em risco a unidade da Igreja na fé. Governou a Igreja de Lião até a morte, em 200. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸³ Puebla: Trata-se do Documento final da Conferência do Episcopado Latino-Americano realizado em Puebla e editado por Edições Loyola, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁴ Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de

Paulo Suess - A meta permanece, porém a sua realização está mais longe. A Igreja não trabalha com promessas de realização de sonhos, mas ajuda a manter vivos esses sonhos e as lutas através do seu campo próprio, que é o campo das palavras, o campo de sinais e imagens, palavras que são boa notícia, sinais de justiça e imagens de esperança. Sonhos são sementes. O sonho de uma sociedade igualitária, justa e solidária, é o sonho dos pobres e é a semente contida no evangelho e no seu horizonte, que é o Reino de Deus. As grandes contribuições, que a fila do povo e os próprios bispos-delegados elencaram desde Medellín, precisam ser realmente assumidas, re-contextualizadas e transformadas em ações concretas para a construção de uma sociedade justa e solidária. Os pobres são contemporâneos de Aparecida. Se Aparecida vai tornar-se contemporânea dos pobres, logo veremos.

IHU On-Line - Quais as ênfases teológico-pastorais que melhor ajudarão a Igreja a se situar hoje na realidade latino-americana?

Paulo Suess - O "princípio encarnatório" de Medellín, que tem sua matriz no Vaticano II (GS 22, LG 13, AG 3 e 22), acompanha praticamente todos os pronunciamentos do magistério latino-americano. Em Puebla (1979) será parafraseado como "assunção da realidade" (DP 201, 400, 469) e em Santo Domingo (1992) como "imperativo da inculturação" (DSD 13, 243). Desde a Carta Encíclica

Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da *IHU On-Line*).

⁸⁵ A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi "Evangelização no presente e no futuro da América Latina". (Nota da *IHU On-Line*)

*Pacem in terris*⁸⁶ (1963), de João XXIII⁸⁷, o termo "sinais dos tempos" aponta para uma escuta atenta da voz de Deus na realidade histórica (cf. PT 39ss, 126ss). João XXIII identificava com os "sinais dos tempos" da *Pacem in terris* grandes causas emancipatórias da humanidade: a emancipação da classe trabalhadora, da mulher e dos povos colonizados.

A "escuta da voz de Deus na história" é uma metáfora para uma nova consciência histórica no interior da Igreja. Essa "voz de Deus na história" está vinculada à representação central de Deus no mundo pelos necessitados e pelos pobres. Através da reforma litúrgica, o Vaticano II tirou o altar da parede. Desde então, o sacerdote celebra a Missa versus populum, voltado para o povo. Uma Igreja versus populum e cum populo, voltado para o povo e evangelicamente coerente com o povo, será também relevante pro populo, relevante para o povo, como a vida de Jesus.

IHU On-Line - O que representa Aparecida enquanto evento eclesial no cenário religioso atual da AL, especialmente do Brasil?

⁸⁶ *Pacem in terris*: Carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa-vontade, com uma mensagem de esperança. A *Pacem in Terris* enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustentam o edifício da paz. A revista *IHU On-Line* já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31 de março de 2003, com o título **40 anos depois: Pacem in terris**. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁷ **Papa João XXIII** (1881-1963): Angelo Giuseppe Roncalli nasceu em Sotto il Monte (província de Bérgamo), Itália. Foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, ele convocou o Concílio Vaticano II, que visava pastoralmente explicar os dogmas ao mundo moderno. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. Faleceu de câncer no estômago, após longa luta contra tal enfermidade, em 3 de junho de 1963. (Nota da *IHU On-Line*)

Paulo Suess - Aparecida representa, no melhor dos casos, continuidade criativa. Os delegados de Aparecida não se devem deixar guiar por estratégias mercadológicas nem precisam inventar novos paradigmas. Depois da missão colonial até o Vaticano II, depois do diálogo do Vaticano II, da libertação, da opção pelos pobres e da assunção como pressuposto da redenção, em Medellín (1968) e Puebla (1979), Santo Domingo (1992) procurou aprofundar o paradigma da inculturação. Bons textos e análises, inclusive das respectivas Conferências Episcopais, não faltam. Aparecida precisa operacionalizar as decisões tomadas desde o Vaticano II.

No pior dos casos, Aparecida pode representar uma ruptura velada com o magistério latino-americano das últimas décadas, voltar para a cristandade, transformando a “opção pelos pobres” em “assistência aos pobres”. Alguns setores esperam com o imaginário de Nossa Senhora Aparecida e com a missão como marketing mais agressivo reverter a tendência do retrocesso estatístico dos católicos na América Latina. Nesta perspectiva, a Missão seria apenas um tema estratégico. Mas a preocupação maior, que corresponde à natureza missionária da Igreja, deve girar em torno de uma possível perda da qualidade e relevância de nossa presença missionária no meio do povo. Qual é a relevância da presença dos cristãos entre os pobres e os outros da América Latina e do Caribe?

Numa auto-avaliação, ainda bastante genérica, podemos afirmar que o encolhimento numérico dos fiéis é uma consequência da perda eclesial de “atratividade”. O que significa “atratividade eclesial”? Ela pode significar falta de coerência evangélica e relevância sociopolítica para o mundo dos pobres-outros. As perdas estatísticas podem apontar para o espírito da época, que tem dificuldades de assumir compromissos a longo prazo, mas também para perdas de profundidade, radicalidade

e credibilidade da nossa presença. Afinal, fizemos muitas promessas ao povo que não cumprimos.

IHU On-Line - A caminhada rumo a Aparecida e as diferentes reações diante do caso Sobrino⁸⁸ estão evidenciando um pluralismo de concepções teológicas e eclesiais, uma diversidade de tendências e divergências internas. Até que ponto a Igreja está capacitada lidar com este pluralismo e esta diversidade interna?

Paulo Suess - Precisamos retomar as práticas plurais nos primórdios do cristianismo. Essa práticas estão presentes nos próprios evangelhos, na patrística, nas teologias. A fé se reveste de culturas, mas não é cultura. Portanto, existem muitas maneiras para expressar a fé. Pela proximidade aos povos e pela diversidade das expressões da fé, da esperança e do amor, a Igreja

⁸⁸ **Jon Sobrino**: nascido em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938, entrou para a Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias Diárias*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

discípula-missionária se tornará uma instituição mais vulnerável, mas também uma instância de apelação, de contestação, de reconciliação e de graça, mais próxima ao carpinteiro de Nazaré que é filho de Deus. Mas, se não queremos confundir o fundamento da fé com seu revestimento cultural, a filiação divina deve ser expressa não somente através de conceitos da ontologia grega, mas em muitas línguas e linguagens, inclusive através de metáforas latino-americanas. Este reconhecimento da diferença não deve ser tratado como privilégio, mas como direito e dever. A Igreja local não é a filial de uma matriz supostamente universal, mas é Igreja de Jesus Cristo. O pluralismo e a diversidade interna da Igreja são um desdobramento do princípio subsidiariedade⁸⁹. O tema do discipulado missionário de Aparecida aponta para um aprendizado permanente.

***IHU On-Line* - O que você focalizaria como questões mais urgentes a serem pensadas em vista da comunicação da fé cristã na realidade atual?**

Paulo Suess - Por ser essencialmente missionária, a Igreja não vive para si. Ela não está nem se coloca no centro. Ela vive a serviço do Reino. Esse Reino é central para todas as suas atividades e reflexões. A meta da

⁸⁹ **Princípio da subsidiariedade:** Em dezembro de 1992, o Conselho Europeu de Edimburgo definiu os princípios fundamentais da noção de subsidiariedade e as linhas directrizes de interpretação do artigo 5.º, que consagra a subsidiariedade no Tratado da União Europeia. As suas conclusões foram retomadas numa declaração que constitui, ainda hoje, a pedra angular do princípio da subsidiariedade. O princípio da subsidiariedade tem por objetivo assegurar uma tomada de decisões o mais próxima possível dos cidadãos, ponderando se a ação a realizar à escala comunitária se justifica em relação às possibilidades que oferece o nível nacional, regional ou local. Concretamente, trata-se de um princípio segundo o qual a União só deve atuar quando a sua ação seja mais eficaz do que uma ação desenvolvida a nível nacional, regional ou local - exceto quando se trate de domínios da sua competência exclusiva. Este princípio está intimamente relacionado com os princípios da proporcionalidade e da necessidade, que implicam que a ação da União não deve exceder o necessário para alcançar os objetivos do Tratado. (Nota da *IHU On-Line*)

Igreja é o Reino de Deus (cf. LG 9). Ela é serva e testemunha do Reino. No Espírito Santo, é enviada para articular universalmente os povos numa grande "rede" (cf. Jo 21,11) de solidariedade. Do envio nascem comunidades pascais que tentam contextualizar a utopia do primeiro dia da nova criação. Das comunidades nasce o envio. A missão, com seus dois movimentos, a diástole do envio à periferia do mundo e a sístole que convoca, a partir dessa periferia, para a libertação do centro, é o coração da Igreja. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro.

***IHU On-Line* - Quais são as possibilidades e limites para pensar a inculturação do Evangelho na América Latina?**

Paulo Suess - Pensar a inculturação do Evangelho significa pensar uma Igreja semente, pensar a encarnação e a cruz, a proximidade aos pobres e outros. Os delegados de Aparecida devem-se lembrar da metodologia de Santo Irineu, tantas vezes citada, sobretudo em Puebla (n. 400, 457, 469), que a redenção da realidade e das culturas pressupõe a sua assunção, uma assunção evangélica (cf. os discursos de Jesus na sinagoga de Nazaré, sobre as bem-aventuranças e o juízo final), sem casuísmos. Assunção não significa identificação, mas vinculação. Essa vinculação está expressa na "opção pelos pobres", na assunção das lutas pela redistribuição dos bens da terra, na inculturação nos contextos socioculturais diferentes, e no reconhecimento do diferente sem indiferença. A missão inculturada exige o reconhecimento dos carismas da Igreja local.

Somos discípulos-missionários para testemunhar, no meio dos crucificados, um Deus crucificado e ressuscitado, que fez o ser humano à sua imagem e semelhança, e que se deu "para nós" e "para todos". Como sublinhar esse aspecto de doação, de existência para os outros? O Evangelho nos responde: pelo reconhecimento do outro, pela gratuidade da presença,

pela diaconia eucarística, através da opção pelos pobres, na luta e na contemplação, transfigurando a obsessão do

mundo globalizado pela rentabilidade, visibilidade, velocidade e contabilidade em gratuidade.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 25-04-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item IHU por e-mail

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

A expansão da cana sobre a pecuária

Sergio de Zen

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 23-04-2007

Sergio de Zen, em entrevista à *IHU On-Line*, fala sobre a migração dos pecuaristas para o setor de cana-de-açúcar. E afirma que é importante diversificar os hectares de terra com gado de corte e outras plantações.

Biodiesel familiar e agroindústria

Francisco Alves

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 25-04-2007.

Francisco Alves destaca a guerra do biodiesel na indústria do agronegócio, em entrevista exclusiva à IHU On-Line.

Simone Weil e as necessidades da alma

Gilberto Safra

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 24-04-2007.

O professor e psicanalista Gilberto Safra, analisa o pensamento de Simone Weil. Safra evidencia o quanto ela busca as ontologias para o acontecer humano que, na medida em que não são atingidas, provocam o adoecimento do homem.

Corpo e subjetividade na medicina

Liana Albernaz de Melo Bastos

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 26-04-2007

A professora de psicologia médica Liana Albernaz de Melo Bastos, do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conversou com à IHU On-Line sobre o seu novo livro *Corpo e subjetividade na medicina* (Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2006), que trata sobre o desconforto causada pela desumanização dos atendimentos de saúde.

“O maior cabeça de planilha hoje é o Lula”

Luis Nassif

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 28-04-2007

O jornalista Luis Nassif, em entrevista concedida à *IHU On-Line*, conversou sobre o seu novo livro *Cabeças de planilha* (Ed. Ediouro, 2007) que narra às chances que o Brasil teve de se tornar uma nação de primeiro mundo. A entrevista foi publicada no sítio do IHU no último sábado, 28-04-2007, nas *Notícias do Dia*.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

A homossexualidade e o preconceito na Igreja e na sociedade

Giannino Piana

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 23-04-2007

Em entrevista à Agência Italiana *Adista*, o teólogo italiano Giannino Piana fala sobre os casais não unidos pelo matrimônio civil ou religioso.

Ser um lixo

Federico Kukso

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 23-04-2007

Em entrevista ao jornal *Página/12*, Federico Kukso diz que o principal canal de transmissão das culturas mortas é o “lixo” do DNA, do genoma humano. Para ele, é no lixo do DNA que se revelam as mais autênticas formas do ser, fonte para compreensão do passado do ser humano.

“O conjunto da esquerda tem hoje pouco peso eleitoral”

Pierre Giacometti

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 24-04-2007

“O conjunto da esquerda pesa uns 38%, isto é, ela se situa abaixo dos 40%, que é uma barreira que sempre superava a soma de todos os partidos de esquerda”, constata Pierre Giacometti em relação às eleições na França. A entrevista é do jornal *El País*, publicada no dia 24-04-2007.

Redução da Amazônia Legal. “Deve ser tentativa de ampliar áreas de soja”

Roberto Smeraldi

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 25-04-2007

Em entrevista ao jornal *Estado de S. Paulo*, Smeraldi adverte sobre a idéia da redução da Amazônia Legal. Pelo projeto, estados como Mato Grosso poderão reduzir à metade a área hoje considerada de preservação ambiental.

“Está ocorrendo uma revolução silenciosa na zona rural”

Guilherme Cassal

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 25-04-2007.

Em entrevista ao jornal *Estado de S. Paulo*, Guilherme Cassal afirma que ao recorrer à violência, os sem-terra prestam um desserviço à reforma agrária, sua própria causa.

Contribuições ao debate sobre o etanol

Carlos Walter Porto Gonçalves

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 25-04-2007.

Doutor em geografia e professor do PPG em Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF, Carlos Walter Porto Gonçalves diz que o debate sobre o aquecimento global está nos metendo numa armadilha maniqueísta. E ressalta que embora seja discutível o benéfico ambiental eficaz com a mudança de fonte de energia, devemos nos preocupar com as implicações políticas, as quais ele classifica como gravíssimas.

Há mais do que bagres em jogo

Cláudio Ângelo

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 26-04-2007

Num artigo escrito no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 26-04-2007, o editor de Ciências, Cláudio Ângelo, discute a polêmica em torno do Rio Madeira. Para ele, essa discussão significa que o “processo de licenciamento ambiental do país não será afogado no turbilhão lamacento da pressão política”.

Se eu fosse candidato... Pautas de Edgar Morin para um mundo diferente

Edgar Morin

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 26-04-2007

Edgar Morin, caso fosse presidente, diz que não prometeria a salvação, mas faria algumas reformas. Entre outras, ele diz que indicaria o caminho de uma política de civilização que ressuscitaria a solidariedade e retrocederia o egoísmo, reformando a sociedade. Também provocaria reformas nas administrações públicas e privadas. O artigo é do jornal *Le Monde*, datado do dia 24-04-2007.

Diálogo com o Islã

Michel Cuypers

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 26-04-2007

Em entrevista publicada na revista *Il Regno*, no dia 15-02-2007, o Pe. Michel Cuypers falou sobre sua pesquisa que trata da redescoberta das técnicas de escritura que os escribas do mundo semítico antigo utilizavam para redigir os seus textos.

Para onde vai o Ibama?

Washington Novaes

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 27-04-2007

Em artigo publicado no jornal o *Estado de S. Paulo*, no dia 27-04-2007, o jornalista Washington Novaes afirma que só “o tempo e a prática vão dizer se a cisão no Ibama terá resultados anunciados ou se destinou a resolver os problemas políticos causados pelo processo de licenciamento das hidrelétricas do Rio Madeira”.

A “vida”, mas toda a vida

Enrique Dussel

Confira nas *Notícias diárias* do dia 27-04-2007

Em artigo publicado no jornal mexicano *La Jornada*, em 21-04-2007, Enrique Dussel, filósofo argentino radicado no México, afirma que “a vida humana é o fundamento absoluto material de pretensão de bondade de todo ato humano”.

Embolsou

“Lula embolsou (no bom sentido...) o PMDB, tocou o coração mole de ACM, perdoou os mensaleiros da direita, calou as críticas da esquerda e só pensa no PSDB. Aécio pra lá, Serra pra cá, Tasso Jereissatti patriótica e civilizadamente no Planalto. Só o PFL, digo, o Democratas fica de fora. E só uma parte dele, a comandada na prática pelo duro-na-queda Bornhausen. Mas até isso convém a Lula” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-04-2007.

“Volta à tona a versão de que Serra acredita piamente na possibilidade de Lula vir a apoiar a sua candidatura à Presidência em 2010, já que ele é o que há de melhor na

‘esquerda moderna’ e Lula não tem nomes para a própria sucessão, nem no PT nem nos aliados. É ver para crer” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-04-2007.

“Do cortês encontro de Fernando Collor com o presidente Lula à nebulosa visita do tucano Tasso Jereissati ao Palácio do Planalto, um vasto processo de readaptação política parece estar em curso” - editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, 29-04-2007.

Frases da Semana

DEM

“Dos 20 partidos representados no Congresso, os dois únicos que têm queixas ou falam mal do presidente Lula são o PT e o PFL, agora chamado DEM” - **editorial** do jornal *O Estado de S. Paulo*, 25-04-2007.

“É indispensável proceder como uma cão macho, que aparta claramente seu território e cuida dele” - **Onyx Lorenzoni** (RS), líder do DEM na Câmara - *O Estado de S. Paulo*, 24-04-2007.

PSDB

“Fica difícil afinar a viola da oposição quando não se tem foco” - **Sérgio Guerra**, senador pelo PSDB-PE - *O Estado de S. Paulo*, 24-04-2007.

“O Mário Covas fazia mais oposição ao Fernando Henrique do que o Serra faz ao Lula” - **Zuaiê Cobra**, ex-deputada federal que ontem anunciou sua desfiliação do PSDB sob a alegação de que discorda dos gestos de aproximação entre tucanos e petistas - *Folha de S. Paulo*, 25-04-2007.

“A visita do presidente do partido, Tasso Jereissati, a Lula. A impressão é que viraram tapete para Lula pisar quando sai do Planalto. Isso não é oposição. A disputa entre Aécio e Serra, com vistas à eleição de 2010” - **Zulaiê Cobra**, ex-deputada federal, ao explicar as causas da sua saída do PSDB - *O Estado de S. Paulo*, 26-04-2007.

“Os dois maiores representantes do PSDB em governos estaduais jogam hoje junto com Lula. Essas duas maiores vozes são hoje extensão do governo Lula” - **Zulaiê Cobra**, ex-deputada federal, ao explicar as causas da sua saída do PSDB - *O Estado de S. Paulo*, 26-04-2007.

“Onyx disse que PSDB mais PT é igual ao demônio. Assim não dá” - **Júlio Redecker**, (PSDB-RS), líder da minoria - *O Estado de S. Paulo*, 25-04-2007.

“Tenho tentado dizer aos dois (Serra e Aécio): ou vamos juntos ou vamos perder. Cabe agora à direção do partido impor um rumo” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República, PSDB - *O Estado de S. Paulo*, 26-04-2007.

“O povo está olhando para nós e dizendo: o que vocês são, peixe ou carne de vaca?” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República pelo PSDB, criticando o diálogo do seu partido com Lula - *Folha de S. Paulo*, 27-04-2007.

“Tasso Jereissati está no centro de uma articulação inusitada para a sucessão de 2010: uma chapa que une Aécio Neves (para a Presidência) e Ciro Gomes (para vice). Uma dobradinha pela esquerda. Beleza. Difícil mesmo vai ser convencer José Serra e FHC a apoiar Ciro para qualquer coisa” - coluna ‘Radar’ da revista *Veja*, 2-5-2007.

PT

“O Lula reúne os deputados, dá pito, faz a turma pagar a comida e ainda assim sai todo mundo feliz” - **Jilmar Tatto** do PT- SP, após jantar de petistas com Lula - *Folha de S. Paulo*, 26-04-2007.

“O PT, obviamente, perdeu um espaço enorme. Era o grande partido no primeiro mandato e agora divide esse protagonismo com o PMDB” - **Fernanda Machiavelli**, cientista política - *O Estado de S. Paulo*, 29-04-2007.

Bingos

“Fechar os bingos fere o Estatuto do Idoso” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 24-04-2007.

“É como disse o outro: ‘E agora, onde enfio a minha sogra, com todo o respeito?!’. A Polícia Federal não pensou nos genros!” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 24-04-2007.

Fidel e Sperotto

“Fidel Castro, vejamos só, encontrou um inesperado aliado no RS. Trata-se do presidente da Farsul, Carlos Sperotto. Como Fidel, Sperotto também não quer saber de etanol no Estado” - **Políbio Braga** on-line, 23-04-2007.

Civilização

“Nossa civilização está em crise. Aonde chegou, o bem-estar material não trouxe necessariamente o bem-estar mental, do que dão testemunho o consumo desenfreado de drogas, ansiolíticos, antidepressivos, soníferos. O desenvolvimento econômico [...] trouxe muito freqüentemente a degradação das solidariedades, a burocratização generalizada, a perda de iniciativa, o medo da responsabilidade” - **Edgar Morin**, sociólogo - *Le Monde*, 24-04-2007.

Kirchner

“A Igreja não me interessa” - **Néstor Kirchner**, presidente da Argentina, comentando a oposição que lhe faz o cardeal Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires - *Clarín*, 29-04-2007.

Mangabeira

“Um dos homens mais inteligentes e impenetráveis que já conheci” - **Dani Rodrik**, economista de Harvard, falando do seu colega **Roberto Mangabeira Unger**,

nomeado ministro do governo Lula - *Folha de S. Paulo*, 29-04-2007.

“Costumava brincar que precisei de três anos para entender o que ele dizia” - **Dani Rodrik**, economista de Harvard, falando do seu colega **Roberto Mangabeira Unger**, nomeado ministro do governo Lula - *Folha de S. Paulo*, 29-04-2007.

Gretchen

“Gretchen filiou-se ao PPS, ex PCB, e já provocou um racha no partido. Parte dos comunistas defende a mudança do significado da sigla para PoPoSão. Os que estão contra a idéia argumentam que popozão é com ‘z’” - **Tutty Vasques**, humorista - *no mínimo*, 28-04-2007.

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 02-5-2007

Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as. Trabalhadores/as e diversidade no Vale dos Sinos. Que fazer?

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 21h30min

Dia 03-5-2007

O Comércio Ético e a Sustentabilidade de Pequenos Produtores

Profa. Dra. Luciana Marques Vieira, da Unisinos

IHU Idéias

Sala 1G119 - IHU - 17h30 às 19h.

Dia 05-5-2007

Exibição do filme *Quilombo*, de Carlos Diegues

Prof. Dr. Paulo Roberto Staud Moreira - Unisinos

História do Brasil e Cinema II: Índios e Negros - Leitura e imagens no cinema brasileiro

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

Conversas sobre o mundo do trabalho

Um dia após o feriado de 1^a de Maio, Dia Mundial do Trabalho, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU - promove o evento **Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as. Trabalhadores/as e diversidade no Vale dos Sinos. Que fazer?** A atividade inicia às 19h30min do dia 2 de maio, na sala 1G119 do IHU. São convidados especiais Mariluci de Vargas Saraiva, presidente do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência e diretora da Escola Estadual Especial Aracy de Paula Hofmann, de São Leopoldo; Clarita Maraschin Coutinho, delegada-presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Leopoldo e presidente da Comissão Municipal de Emprego de São Leopoldo; e Jó Daniel Moraes, massoterapeuta e professor de História em Campo Bom.

Segundo a coordenadora do evento, a professora Marilene Maia, “as motivações para a criação deste novo espaço de diálogo promovido pelo IHU vêm da importância de melhor conhecer, analisar e intervir na realidade do trabalho do Vale dos Sinos, a partir da participação dos/das trabalhadores/as”. Marilene conta que o IHU tem acesso a inúmeros indicadores desta realidade. No entanto, explica, “entendemos que esses dados por si não revelam o conjunto dos sentidos e significados do trabalho experimentados pelos/pelas

trabalhadores/as. Assim, entendemos fundamental a criação de um espaço no qual trabalhadores coloquem-se analisando os indicadores da realidade disponibilizados por diferentes agências e, ao mesmo tempo, a partir da reflexão oportunizada, apontem perspectivas para o mundo do trabalho e suas vidas na região”.

O objetivo do evento é oportunizar o diálogo sobre a realidade do mundo do trabalho e da vida dos/as trabalhadores/as do Vale dos Sinos, em vista de melhor conhecer, analisar e intervir neste cenário. As conversas são mensais e desenvolvidas por temas geradores do diálogo, desencadeado pela participação de convidados/as trabalhadores/as, que apontarão uma análise dos indicadores da realidade a partir das suas vivências. Ao final de cada conversa serão apontadas propostas, que no fim do ano deverão compor uma agenda afirmativa do trabalho para a região. Os participantes são trabalhadores/as da região, pesquisadores e estudantes, gestores governamentais, empresariais e da sociedade civil.

O próximo encontro será no dia 5 de junho, quando se debaterá sobre a realidade do trabalho informal no Vale do Rio dos Sinos. Mais informações podem ser encontradas no site www.unisinos.br/ihu

Um debate sobre comércio ético e pequenos agricultores

IHU IDÉIAS

No próximo dia 3 de maio, durante o evento IHU Idéias o tema em debate será O Comércio Ético e a Sustentabilidade de Pequenos Produtores. Quem conduz é a Profa. Dra. Luciana Marques Vieira, professora no PPG em Administração da Unisinos, com o apoio da mestre em Administração Tatiana Maia, que falarão aos presentes na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h.

Tatiana acaba de defender sua dissertação de mestrado no PPG em Administração da Unisinos, avaliando a aplicabilidade do sistema Fair Trade (FT) em pequenos apicultores do Rio Grande do Sul. No evento de quinta-feira, a professora Luciana, que tem experiência na área de comércio exterior, falará sobre o comércio internacional e as certificações relacionadas ao comércio ético, enquanto Tatiana Maia apresentará os resultados da pesquisa realizada por ela com pequenos apicultores do estado gaúcho, identificando principais barreiras e oportunidades neste sistema.

IHU On-Line realizou uma breve entrevista com a professora Luciana e com Tatiana Maia sobre o tema em questão. Elas adiantam aos leitores e leitoras da revista IHU On-Line a forma como conduzirão o debate na próxima quinta-feira.

IHU On-Line - No que consiste o conceito de "comércio ético" e como ele se relaciona com o "consumo solidário"? O que caracteriza a produção e o consumo ético?

Luciana Vieira e Tatiana Maia - Comércio ético pode ser definido como parceria comercial baseada na proximidade, transparência e respeito a consumidores, com pretensão de reduzir as desigualdades no comércio internacional. O sistema Fair Trade (comércio ético) originou-se na década de 1960, quando ONGs, agências de cooperação, instituições filantrópicas e grupos de consumidores, europeus e norte-americanos, iniciaram a venda, em seus mercados, de produtos feitos por pequenos produtores, vitimados pela pobreza ou pelo

isolamento comercial imposto aos regimes políticos em que viviam.

A partir dos anos 1970, alguns desses grupos iniciaram discussões sobre a possibilidade de unirem forças sobre formas alternativas de comércio que visassem a compensar os pequenos produtores, principalmente dos países pobres, do que percebiam ser "condições comerciais injustas" enfrentadas por estes. Assim, teve início um processo de unificação de conceitos (o que seria um comércio justo?), harmonização de princípios (igualdade de gênero, respeito à cultura local) e práticas (pagamento de preços mínimos, contratos de longo prazo), e a criação de instrumentos de cooperação entre as organizações de comércio alternativo, que de certa forma continua até hoje.

IHU On-Line - E como o pequeno produtor se engaja nesse “comércio alternativo”?

Luciana Vieira e Tatiana Maia - As organizações envolvidas identificaram algumas circunstâncias enfrentadas pelos pequenos produtores nos países pobres que foram classificadas de injustas. Entre elas:

- A vulnerabilidade de pequenos produtores a flutuações dos mercados internacionais de commodities. Sem acesso a serviços de seguro e crédito e sem reservas de capital, os efeitos das flutuações de mercado sobre pequenos produtores podem ser devastadores;
- A apropriação de boa parte do valor adicionado ao longo da cadeia produtiva por intermediários desnecessários ou sobre-valorizados;
- A falta de oportunidades econômicas por dificuldades de acesso a capital, mercados compradores e informação, sendo que o acesso é facilitado a produtores maiores.

Essas condições inspiraram o funcionamento de acordos comerciais hoje conhecidos como Fair Trade (Comércio Justo)

IHU On-Line - E o que esses acordos comerciais (Fair Trade) buscam? Qual o objetivo?

Luciana Vieira e Tatiana Maia - Eles buscam, por exemplo: estabelecer preços mínimos e demandas de longo prazo, como forma de reduzir a exposição de pequenos produtores às flutuações de mercado; pagar preços acima dos de mercado (preços “justos”) e aproximar consumidores de produtores, como forma de excluir os intermediários desnecessários na cadeia

produtiva; disponibilizar pré-financiamento da produção, informação e acesso a mercados como forma de gerar oportunidades de negócios para pequenos produtores; apoiar os trabalhadores para que tenham melhores condições de trabalho e proteção ao meio-ambiente; fomentar a igualdade de gênero, raça, crença e a proteção das crianças; promover o desenvolvimento local sustentável, através do pagamento de um prêmio (Premium Price), que deve ser investido na melhoria das condições de vida dos produtores e trabalhadores e de suas comunidades.

Na década de 1970, a cooperação entre as organizações de comércio denominadas “alternativas” era informal e baseada em encontros esporádicos. Na segunda metade da década de 1980 apareceram as primeiras iniciativas formais de colaboração. Atualmente o Fair Trade conta com um grande número de organizações espalhadas ao redor do mundo e os produtos são também comercializados em redes de grande varejo da Europa.

IHU On-Line - Quem é o consumidor ético? Temos na sociedade hoje uma cultura do consumo ético?

Luciana Vieira e Tatiana Maia - O consumidor ético são principalmente os consumidores de alta renda da Holanda, Inglaterra e Suíça, altamente seletivos no momento de realizar suas compras. Entre outros fatores, este consumidor interessa-se por conhecer atributos do produto, do método de produção e garantias específicas (certificações) daquilo que é ofertado. Sob tais condições, o consumidor ético está disposto a pagar um preço prêmio (mais alto).

Quilombo, de Cacá Diegues, para entender o Brasil no cinema

HISTÓRIA DO BRASIL E CINEMA II: ÍNDIOS E NEGROS - LEITURA E IMAGENS NO CINEMA BRASILEIRO

Ficha técnica:

Direção e roteiro: Carlos Diegues

Música: Gilberto Gil

Diretor de Produção: Marco Altberg

Produtor Executivo: Augusto Arraes

Co-produção: Embrafilme e Gaumont (França)

Distribuição: Embrafilme

Elenco: Antonio Pompeu, Tony Tornado, Antonio Pitanga, Zezé Motta, Vera Fisher, Maurício do Valle, Daniel Filho.

Duração: 114 minutos

O filme Quilombo, de Cacá Diegues, pode ajudar a compreender um pouco da história brasileira. Ele será exibido na próxima edição do evento História do Brasil e Cinema II: Índios e Negros - Leitura e imagens no cinema brasileiro, que acontece na manhã do sábado, dia 5 de maio de 2007, na sala 1G119 do IHU, das 8h30min às 12h. O Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira, da Unisinos, que é mestre e doutor em História, será o responsável pelo debate com o público após a exibição do filme, no intuito de extrair da obra sua contribuição para a história de nosso país e dos negros que aqui viveram na época dos quilombos. Ele concedeu uma entrevista por e-mail para a IHU On-Line sobre o filme de Cacá Diegues.

Cacá Diegues, cineasta brasileiro, é considerado o que mais aborda a questão do negro no país. Ao lado de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, o diretor é responsável por grande parte dos personagens de destaque estrelado por negros. Cacá é especialista em filmar épicos e retratar o negro durante sua escravidão.

IHU On-Line - O que caracteriza *Quilombo* como um filme épico e por que o interesse internacional da Gaumont¹ francesa no filme?

Paulo Roberto - O que caracteriza o filme *Quilombo* como um épico provém da grandiosidade e suntuosidade empregada em sua elaboração e produção, desde um elenco grandioso (tanto pela qualidade dos atores como

¹ Gaumont: companhia de filmes foi pioneira em França do cinema de grande público, especializada em produção e distribuição. (Nota da IHU On-Line)

pela quantidade) até caracterizações de época, que demandam um trabalho árduo de pesquisa, passando por locações externas, efeitos sonoros, visuais, até figurinos que buscam remeter o apreciador deste tipo de obra a proporções mais fidedignas possíveis.

O interesse da produtora francesa Gaumont pela obra de Cacá Diegues deu-se não só pela relação e ligação que o mesmo diretor tinha com o país que lhe acolheu no exílio, mas, sobretudo, por se tratar de umas das maiores companhias nacionais francesas, que têm por tradição

investir em filmes de qualidade e divulgar o já tradicionalíssimo e de excelente qualidade cinema francês. O momento de produção e lançamento do filme de Diegues foi também o pior momento da cena cultural brasileira, no qual o declínio da Embrafilmes¹ acontecia a passos largos, em função de políticas completamente equivocadas no âmbito cultural. O descaso tomava conta do cenário político brasileiro justamente quando dele esperava-se atitudes positivas em função das mudanças que se operavam no país. Desta forma, o já consagrado mundialmente cineasta Cacá Diegues foi inteligentemente apoiado por uma empresa francesa. Nunca é demais lembrar que se empresas brasileiras, estatais e/ou privadas, investissem em produções audiovisuais brasileiras, o mérito não precisaria estar sendo dividido com empresas estrangeiras, que, além de catapultarem cineastas e obras-primas ao mercado mundial, lucram proporções faraônicas pelo mérito de seus investimentos acertados.

***IHU On-Line* - Em que medida o filme ajuda a compreender a realidade dos Quilombos, em especial o dos Palmares? Como ele, enquanto película, nos permite refletir sobre a saga dos negros na história do Brasil?**

Paulo Roberto - A película de Cacá Diegues expõe, de forma competente, a trajetória de ex-escravos e suas lutas pela liberdade por meio de uma das muitas formas de resistência empregadas por cativos ao longo da vigência do escravismo: o aquilombamento. Embora apresentando uma visão um tanto quanto reducionista e estereotipada do que era um quilombo (justamente por

¹ **Embrafilme**: criada em 1969 pelo Regime Militar com a finalidade da empresa era a divulgação do filme brasileiro no exterior. Uma reforma na empresa modificou seu perfil e a tornou mais ágil para a disputa no mercado cinematográfico, produzindo e distribuindo filmes brasileiros. O sucesso da empresa foi expressivo, tendo conquistado cerca de quarenta por cento do mercado. O ex-presidente Fernando Collor de Mello encerrou a empresa em 1990. (Nota da *IHU On-Line*)

ser baseada em obras literárias que consagraram esta visão) - termo este, hoje em dia tão estudado, debatido e polêmico -, exemplifica e expõe, através de um dos muitos quilombos existentes no Brasil afora, as pessoas que lá habitavam e suas formas de organização social, cultural, religiosa, suas táticas de guerra e seus sonhos de liberdade. Embora o autor se utilize do mais clássico e conhecido quilombo existente no Brasil colonial para dar voz à questão do escravismo e dos problemas dele decorrentes, e disso decorra uma construção mítica de sua existência bem como de seus heróis, trata-se de uma obra importante e que merece ser vista, pois sua importância reside justamente no debate que suscita e naquilo que está para além do filme: a possibilidade de discussão de um tema candente e com características muito presentes na sociedade brasileira contemporânea. Assim, é importante salientar que a análise do filme *Quilombo* é extremamente atual. Por meio dele, e mesmo além dele, podemos pensar na mobilização contemporânea de comunidades negras rurais e urbanas em torno de um conceito ampliado de quilombo, que atualiza e amplia as formas de luta e auto-afirmação destes descendentes de escravos que a película de Cacá Diegues homenageia.

***IHU On-Line* - Como aparece no filme a marca dos livros de João Felício dos Santos (*Ganga Zumba*) e Décio de Freitas (*Palmares*), que inspiraram Cacá Diegues?**

Paulo Roberto - Os argumentos históricos do filme de Cacá Diegues são retirados destes dois livros: *Ganga Zumba*, de autoria de João Felício dos Santos, publicado em 1962 pela editora Civilização Brasileira; e *Palmares: a guerra dos escravos*, escrito pelo historiador Décio Freitas e publicado pela editora Movimento, de Porto Alegre, em 1973. Estes dois livros até hoje são fundamentos do que se escreve e se pensa sobre o quilombo de Palmares. Chamamos, entretanto, a atenção

de que o livro de João Felício é uma ficção, mesmo que alicerçado em pesquisa. Já o de Décio Freitas resultou de um estudo profundo feito em fontes primárias, mas este autor costumava complexificar seus estudos, misturando realidade histórica e ficção.

IHU On-Line - E como a forma “Cacá Diegues” de fazer filmes aparece mais claramente em Quilombo?

Paulo Roberto - O cineasta Cacá Diegues faz parte de uma geração que reinventou o cinema brasileiro através de uma proposta engajada, ao mesmo tempo que com uma linguagem popular. Seus temas e escolhas são frutos de uma trajetória de contestação e divergências ideológicas, na qual as questões atinentes ao povo brasileiro sempre marcaram forte presença. Suas idéias voluntaristas fazem parte de uma época de utopias e o chamado Cinema Novo, vertente cinematográfica que ajudou a criar e consolidar vem da época em que esteve exilado na Itália e na França, tendo como escola o Neorealismo italiano e a Nouvelle Vague francesa. Trata-se, sobretudo, de uma proposta cinematográfica em que é

empregada a “realidade”, e as produções caracterizam-se pelo baixo custo, visto que o momento de suas principais produções coincidem com um momento crítico no que se refere aos incentivos cinematográficos no país. O momento da produção de Quilombo (1984) vem de encontro ao processo de redemocratização do Brasil, no qual começava a emergir uma pluralidade social nunca antes vista, bem como se começava a pensar as formas de inserção do país na modernidade, bem como as formas de escapar e de entender o subdesenvolvimento no qual ele estava imerso. Questões históricas que Cacá colocou em pauta e tentou traduzir nas telas, quando resolveu abordar uma das principais, senão principal característica que ajudou a colocar o país no rumo do subdesenvolvimento: a herança escravista. Trabalhar com esta temática trazia, de certa forma, à tona, muitas outras questões que passavam estar na ordem do dia dos debates brasileiros nos anos 1980. Trata-se de recuperar, através de reflexões, o tempo perdido dos anos ditatoriais e de empregar um pouco de conscientização através da sétima arte.

Perfil Popular

Marta da Silva

Vida difícil desde a infância é a realidade da vendedora Marta da Silva. Hoje, tem uma família e seu próprio negócio, mas com muitas dificuldades enfrentadas pelo caminho. Marta perdeu os pais muito jovem e se mudou para São Leopoldo. Na cidade, aprendeu a contornar as pedras no caminho sem a ajuda de ninguém. Depois de trabalhar em fábricas de calçados, foi no setor de vendas que achou a sua vocação. Ela trabalha como ambulante na estação de tremurb Unisinos, em São Leopoldo. Entre seus grandes projetos, cita: “tenho o sonho de ter a minha própria loja.” Conheça um pouco mais de Marta da Silva na entrevista a seguir.



Começo

Natural de Tenente Portela, município a 453 quilômetros de Porto Alegre, Marta da Silva, 31 anos, aprendeu muito cedo como cuidar de si mesma. De uma família de oito irmãos, perdeu os pais aos sete anos. “Meu pai morreu de infarto e minha mãe de câncer, com seis meses de diferença. Eu aprendi muito com isso, amadureci.” Cada irmão de Marta foi para um lado. Ela foi morar com a tia e o irmão de apenas um ano foi dado a uma família.

Decisão

Mesmo jovem, aos 10 anos Marta tomou uma decisão grande: mudou-se sozinha para São Leopoldo. “Vim para cá porque achava muito ruim morar lá no interior. Era muito sofrido. Eu e minha irmã brigávamos muito. Não dava certo. Eu ganhei uma passagem e vim.” Marta lembrou de um primo que morava na cidade e foi morar com ele. Na época, ele era casado e tinha filhos. A criança Marta passou a trabalhar como babá dos filhos do casal enquanto o primo e a esposa trabalhavam. Aos 12 anos, Marta começou a trabalhar como atendente em uma lanchonete no centro da cidade, servindo os lanches. “Eu adorava esse trabalho. Conheci muita gente. Foi ali que eu aprendi a trabalhar com o público.”

Mudança

Marta estava cansada de morar com o primo. “O salário que eu ganhava ia tudo para eles. Não me sobrava nada nunca.” O primo também causou outro problema, este mais grave, na vida da jovem. “Ele era muito ‘passado’ comigo. Ele mentia para a esposa que estava doente e vinha para casa. Quando eu contei para ela e ela não acreditou, então eu saí de casa.” Marta ficou sem rumo, dormindo na casa de amigas, até que o namorado a convidou para morarem juntos. “Eu não tinha ninguém até ir morar com ele.” Depois de dois anos casada, ela descobriu que o primo havia sido preso.

Dificuldades

Aos 16 anos, Marta teve seu primeiro filho, hoje com 15 anos. Marta cuidava da criança enquanto o marido trabalhava em um fábrica de calçados. Com 17, ela passou a trabalhar junto com o marido na indústria. Lá, o casal trabalhou durante seis anos e teve seu segundo filho. Logo após a crise do setor os atingiu e a fábrica fechou. “Logo após fiquei grávida do meu terceiro filho, que só tem 1 ano e três meses. Nessa época eu trabalhava em outra fábrica de calçados que também fechou. Fiquei um tempo parada até conseguir emprego em outra fábrica de calçados.”

Negócio

“Eu sempre sonhei, desde criança, em ter o meu negócio próprio, para não depender de outras pessoas.” Marta tinha um amigo que possuía uma banca de vendas na estação Unisinos. “Ele me falou que era o único que vendia aqui. Na época, pensei

que o trabalho não iria dar certo, mas acabei me convencendo.” Junto com uma amiga, ela abriu o negócio, mas logo a sócia desistiu. “Eu pensei que não podia desistir. Se Deus me colocou aqui eu devo ficar.” Isso foi há três anos. Marta mostra paixão pelo trabalho de vendas. “Eu adoro trabalhar aqui. É um trabalho legal, conheci muitas pessoas legais. Até sou reconhecida em outros lugares. Ouço sempre: ‘Tu não é a moça lá da banca que eu comprei um brinco?’”

Família

A família de Marta é o bem mais importante que tem na vida. Ela valoriza muito a convivência com os filhos, pois não pôde conviver com os pais e irmãs quando pequena.

Perda

Em julho, fará um ano que Marta perdeu um grande amigo, seu irmão, o caçula da família. “Ele morou comigo 18 anos. Éramos muito grudados. Sabíamos tudo da vida um do outro.” O irmão havia retornado para a cidade natal, Tenente Portela, para visitar outra irmã, mas teve um final trágico. “Devido a algumas pessoas com que ele se envolveu, acabou sendo assassinado. Eu pedi para ele não ir.” Marta conforma-se com o que aconteceu em razão dos filhos. “Eu amo muito e são tudo na minha vida. Minha vida não foi muito fácil até chegar aqui, mas posso dizer que hoje eu tenho tudo.”

Sonho

Marta é uma pessoa realizada. Ter sua filha, por exemplo, é um sonho realizado. Mas ela ainda tem um desejo maior. “Outro sonho que tenho é ter a minha loja.”

Brasil

A vendedora não tem grande fé no futuro do país. “Eu não acredito muito que possa melhorar, mas vamos ver o que acontece.”

Flávia Mädche

Flávia Mädche sabe o quanto é importante que as pessoas se conheçam para que possam fazer um trabalho melhor. E é por essa razão que a coordenadora do Núcleo de Formação Continuada de Profissionais da Educação (NUPE), da Unisinos, aceitou contar os passos de sua trajetória pessoal na entrevista que concedeu para a redação da IHU On-Line em seu gabinete. Saiba quem é a mãe da Cristina e da Martina no texto a seguir:

Origens - Nasci no interior de Lajeado, num distrito que se emancipou e hoje é o município de Marquês de Souza. Meus pais primeiro tinham uma casa de comércio e mais tarde abriram um hotel, com bar e restaurante. Tenho dois irmãos mais novos, que eu ajudei a cuidar, pois fui filha única durante seis anos.

Infância - Lembro que, quando criança, sempre tive o desejo de aprender a ler. Praticamente me alfabetizei olhando e fazendo recortes do jornal Correio do Povo. No jardim da infância eu achava



que se fazia muito pouco. Depois do intervalo, eu “fugia” para a sala de aula onde estudavam meus amigos mais velhos. Uma escola com turmas multiseriadas, de 1ª a 5ª série. Eu ficava em pé, ao lado de minha prima ouvindo tudo e escrevendo num caderno. Não podia me sentar, pois meus pés ainda não alcançavam o chão, de tão pequena que eu era. Mas queria ser grande e saber ler. Movia os lábios fazendo de conta que lia. Lembro que todo dia às 18h eu adorava escutar rádio, quando eram retransmitidos contos infantis (era a novela das crianças).

Formação - Fiz minha formação primária na Escola Evangélica de Marquês de Souza, continuei os estudos no Colégio Alberto Torres, de Lajeado, onde concluí o ginásio. Fiquei interna nesta escola por três anos. Mas era muito caro para meus pais. Então, minha família mudou-se para Lajeado e passei a ser aluna externa. Meus pais sempre diziam que o estudo era a melhor herança. Para eles o investimento na educação seria a maior herança que poderiam deixar para os filhos. Terminado o ginásio, optei por cursar magistério no Colégio Católico Madre Bárbara, em Lajeado. Identifiquei-me com o curso e me encontrei como pessoa. Vi que ali havia um espaço para ajudar as pessoas através da formação a se envolverem no contexto social e serem mais felizes. Mais tarde, aprofundei-me nos estudos de confissão de fé, participei de um Curso de Escola Bíblica e me tornei professora de Ensino Religioso para turmas de ensino fundamental e médio. Fiz a faculdade de Pedagogia em Santo Ângelo, na época FUNDAMES. Realizei alguns cursos de pós-graduação e concluí meus estudos fazendo o doutorado em Educação na Alemanha, em Munique, na Ludwig Maximilians Universität. Paralelamente a isso, realizei estudos nas faculdades de sociologia e psicologia social na mesma universidade. Morei em Munique durante oito anos.

Trabalho - Desde pequena aprendi a trabalhar. Comecei ajudando no hotel que meus pais tinham. Em Lajeado, meus pais voltaram a abrir uma casa de comércio de secos e molhados, um armazém. Lá eu também ajudava e foi onde aprendi a ver o valor da matemática: contava os ovos, trocava mercadorias com os produtores rurais, tinha que fazer os cálculos sem errar. Também trabalhei um tempo em um escritório de contabilidade, com um

primo meu. Mais tarde, fui assessora concursada na Prefeitura de Lajeado. Como casada, morei um tempo no Oeste do Paraná, na cidade de Matelândia, onde criei uma escola de Educação Infantil, que foi reconhecida como escola modelo na região e existe até hoje, tendo crescido até o Ensino Médio. Morei no Paraná durante cinco anos. Voltamos ao sul, para Porto Alegre, onde moramos por oito meses e, de lá, nos mudamos para Santo Ângelo. Foi quando me chamaram de volta para Matelândia para assumir a Secretaria Municipal de Educação. E de lá fui convidada a assumir, por três anos, a assessoria pedagógica do trabalho de 36 municípios do oeste do Paraná. O desafio estava na construção de uma proposta de educação diferenciada do restante do estado, esta devia ser voltada para a região. Priorizar o local para então chegar ao universal. Quando voltei da Alemanha, trabalhei por dois anos na Feevale e, em 1986, fiz seleção e passei a integrar o corpo docente da Unisinos, dando aula no curso de Pedagogia. Mais tarde, assumi a coordenação do curso por dois anos. Trabalhei no Núcleo de Formação de Professores e hoje coordeno o Núcleo de Formação Continuada de Profissionais da Educação (NUPE) um projeto do MEC com a UNISINOS. Este existe desde 2004.

Família - Fui casada com o Arnaldo, que é pai das minhas duas filhas: Cristina, a mais velha, fez Medicina na UFRGS, e Martina, a mais nova, cursou Direito na Unisinos. As duas são casadas. Cristina casou com um alemão (que ela conheceu no Brasil, num curso do Unilínguas), e voltou a morar na Alemanha, onde teve a minha neta Ana, de um ano. E a Martina é casada com um ex-aluno da Unisinos e mora com ele e o meu neto Cassiano, de dois anos, em Porto Alegre.

Livro - *A sabedoria dos monges na arte de liderar pessoas*, de Anselm Grün, lançado no ano passado. É difícil citar um livro como o mais importante, por isso prefiro citar um lido mais recentemente.

Autor - Paulo Freire.

Filme - *Edukators*, filme alemão do diretor Hans Weingartner.

Horas livres - Cada vez são menos. Ultimamente é preciso aproveitá-las para corrigir os trabalhos dos estudantes.

Sonho - Que a formação continuada se efetive no Brasil. Para isso estou trabalhando.

Brasil e política - O cenário brasileiro se mostra complexo. Isso impede que façamos uma análise mais séria, considerando que muitas informações nos são omitidas.

Unisinos - A Unisinos é um espaço de busca de formação e educação. Para fazer isso bem, que é a atribuição de uma universidade, nos tempos em que nós vivemos, ela precisa estar constantemente mudando.

IHU - Oferece uma contribuição crítica e política, que toda instituição deveria ter.